

Ademir dos Santos

**EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO QUESTIONÁRIO
DE RELACIONAMENTO CENTRAL (CRQ) COM
UNIVERSITÁRIOS**

**PUC- CAMPINAS
2011**

Ademir dos Santos

**EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO QUESTIONÁRIO
DE RELACIONAMENTO CENTRAL (CRQ) COM
UNIVERSITÁRIOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Psicologia do Centro de Ciências
da Vida – PUC-Campinas, como requisito para ob-
tenção do título de Doutor em Psicologia como Pro-
fissão e Ciência .

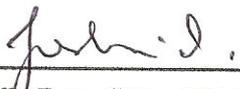
Orientadora: Dra Elisa Medici Pizão Yoshida

**PUC- CAMPINAS
2011**

ADEMIR DOS SANTOS

**EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO QUESTIONÁRIO
DE RELACIONAMENTO CENTRAL –CRQ COM
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

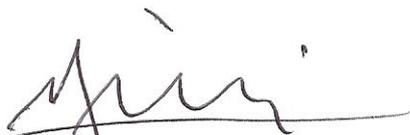
BANCA EXAMINADORA



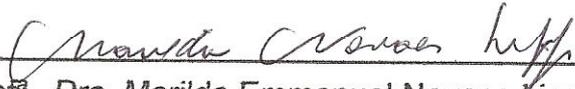
Presidente: Prof^ª. Dra. Elisa Médici Pizão Yoshida



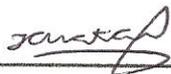
Prof^ª. Dra. Gláudette Maria Medeiros Vendramini



Prof. Dr. Ricardo Primo



Prof^ª. Dra. Mariilda Emmanuel Novaes Lipp



Prof^ª. Dra. Doutora Tatiana de Cássia Nakano

PUC- CAMPINAS

2011

AGRADECIMENTOS

Tudo começa com uma esperança, uma expectativa, um sonho. Pessoas, recursos e esforços vão se integrando ao seu caminhar. Você constrói, revê reconstrói, as emoções de prazer e dor se misturam, estabelecem os limites que você tenta ultrapassar. A realidade então se apresenta, o tempo passou, as pessoas mudaram, saíram e entraram em sua vida. Está pronto, alguém te avisa e uma nova, boa ao mesmo tempo confusa emoção novamente aparece, a pergunta é inevitável: o que será amanhã?

Foram quatro, longos mas produtivos anos, muitos foram os amigos, muitos os estresses, algumas vezes além dos limites. Acolhimentos, abandonos, solidões, compreensões e incompreensões seguiram juntos. E agora, é festejar, o sonho se concretiza, a expectativa é satisfeita a esperança é realidade.

Não estive só e por isto agradeço a Professora Dra. Elisa Médice Pizão Yoshida, pelo esforço, orientação, correções que, com sua característica objetiva possibilitou esta realização.

Dois grandes incentivadores, que sempre tiveram uma palavra de apoio, carinho e amizade: Gustavo Risso e Ariane Massei meus sinceros agradecimentos.

Os colegas do grupo de pesquisa com os quais trilhei este caminho muito obrigado e a todos os professores com os quais convivi e muito aprendi. As meninas da secretaria sem as quais perderíamos nossos prazos, muito ajudaram a nos organizar.

E claro não poderia deixar de agradecer o Professor Emérico Quadros do Paraná, a Professora Waldirene de Santa Catarina, aos Professores Luiz Borcsik e Pepe de São Paulo por sua expressiva cooperação e ao participantes que dispuseram parte do seu tempo para a realização deste trabalho.

DEDICATÓRIA

Muitas são as pessoas a quem gostaria de dedicar este trabalho, mas, algumas são especiais. Marisa minha esposa a quem deixei de dedicar o tempo que ela merece, meus dois filhos Renato e Felipe, que silenciosamente apoiaram e participaram desta empreitada juntamente com suas companheiras.

E por que não lembrar de minha mãe e irmãs que torceram, sobrinhos e sobrinhas que olhavam: ora com curiosidade, ora com prazer, ora com dúvida assim como outros componentes da família que participaram, às vezes sem entender outras impulsionando.

Aos amigos pelo respeito, admiração e apoio.

SUMÁRIO

SUMÁRIO DE TABELAS E FIGURAS	i
RESUMO.....	ii
ABSTRACT.....	iii
RESUMÉN.....	iv
APRESENTAÇÃO.....	vii
INTRODUÇÃO.....	01
Modelo de Relacionamento Central Conflituoso CCRT.....	02
Questionário de Relacionamento Central –CRQ.....	34
OBJETIVOS.....	57
Objetivo Geral.....	57
Objetivo Específico.....	67
MÉTODO.....	58
Participantes.....	58
Material.....	62
Instrumento	62
Procedimento.....	65
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	67

Questionário de Relacionamento Central -CRQ.....	73
Consistência Interna.....	76
Validade de Construto.....	78
CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS.....	93
ANEXOS.....	100
Anexo A – Grupo de Categorias Padrão do CCRT: Edição 3.....	100
Anexo B – Composição Inicial do Questionário de Relacionamento Central.....	102
Anexo C –.CENTRAL RELATIONSHIP QUESTIONNAIRE CRQ 6.0.....	103
Anexo D - Itens do CRQ com conotação positiva e negativa.....	114
Anexo E – Modelo do CRQ 6.0 em Português.....	119
Anexo F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	128
Anexo G –. Carta de Solicitação.....	131
Anexo H- Formulário de Autorização para Coleta de Dados.....	133
Anexo I – Pesquisa Sócio Demográfica.....	134
Anexo J - Comitê de Ética.....	135
Anexo K - Distribuição das freqüências relativa e absoluta para as questões de relacionamento.....	136

SUMÁRIO DE TABELAS E FIGURAS

Tabelas

Tabela 1: Distribuição da amostra segundo variáveis sócio demográficas.....	59
Tabela 2: Distribuição das respostas as seis questões iniciais do CRQ.....	67
Tabela 3: População, Médias, Desvio Padrão e valores de t de cada componente do CRQ, de acordo com o sexo.....	73
Tabela 4: População, Média, Desvio Padrão e valores de t de cada componente do CRQ, de acordo com o Tipo de Universidade.....	74
Tabela 5: População, Médias e Desvio Padrão de cada componente do CRQ entre os estados: SP,PR,SC.....	74
Tabela 6: Resultados da ANOVA de cada componente do CRQ entre os estados: SP,PR,SC.....	75
Tabela 7: População, Média e Desvio Padrão de cada componente do CRQ de acordo com o curso.....	75
Tabela 8: Resultados da ANOVA de cada componente do CRQ de acordo com o curso.....	76
Tabela 9. Consistência interna dos componentes do CRQ, itens com menor consistência, menor correlação com o total coeficientes após retiradas.....	77
Tabela 10. Comparação entre os coeficientes <i>Alpha de Cronbach</i> com estudos estrangeiros.....	78
Tabela 11: Distribuição dos itens do Fator 1 e respectivas cargas fatorial.....	82
Tabela 12. Distribuição dos itens do Fator 2 e respectivas cargas fatoriais.....	83
Tabela 13. Distribuição dos itens do Fator 3 e respectivas cargas fatoriais.....	84

Figuras

Figura 1:Análise de correspondência dos seis itens Relacionamento.....	70
Figura 2. Análise Fatorial Exploratória por <i>Scree Plot</i>	80

RESUMO

Santos, A. (2011). *Evidências de Validade do Questionário de Relacionamento Central (CRQ)*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, São Paulo, pp 136.

O Questionário de Relacionamento Central - CRQ é um instrumento de auto-relato desenvolvido para diagnosticar relacionamento amoroso conflituoso, segundo três componentes: Desejo (D), Resposta do Outro (RO) e Resposta do Eu (RE). Tem como referencial teórico o Tema Central de Relacionamento Conflituoso (CCRT), que permite uma avaliação clínica dos padrões recorrentes de conflito interpessoal. O estudo teve como objetivo obter evidências de validade do CRQ, junto a universitários. A amostra ficou composta por 509 estudantes (M = 24,75%, F= 73,28%), de três estados brasileiro, de diversos cursos e idades variando entre 17 e 59 anos. O CRQ é composto por 101 itens, sendo 20 para o componente Desejo, 40 para Resposta do Outro e 38 para Resposta do Eu. As respostas são dadas em escala *Likert*, variando entre 1 (Nunca ocorreu) e 7 pontos. (Sempre Ocorre). Antecedendo os itens, seis questões permitem identificar algumas características do relacionamento, tais como: grau de proximidade, intimidade, figura de autoridade, importância, quanto foi agradável nos melhores momentos e difícil nos piores momentos do relacionamento. A coleta de dados foi coletiva em sala de aula. Em relação às seis questões que identificam as características do relacionamento a comparação das médias por meio de testes t e ANOVA, além de análises de correspondência que permitiram identificar algumas diferenças entre homens e mulheres. Em relação aos itens do CRQ, a análise de consistência revelou coeficientes alfa altos: D=0,87,RO=0,83, RE=0,82. A análise fatorial apontou para solução de três fatores, em que o primeiro fator ficou representado por itens do componente RE, o segundo por itens do componente D e o terceiro fator ficou constituído por itens dos três fatores originais. Uma interpretação teórica para este fator sugere que ele se refere ao Controle no Relacionamento (CR). A versão em português do CRQ ficou constituída por 20 itens de RE,

19 de D e 15 de CR. Pesquisas com amostras de outros estratos da população e de outras regiões do país são indicadas.

Palavras- Chave: Relacionamento amoroso, CCRT, avaliação psicológica, adaptação de instrumento.

ABSTRACT

Santos, A. (2011). *Evidence of Validity of the Central Relationship Questionnaire (CRQ)*. PhD Thesis. Pontificia Universidade Católica de Campinas. Campinas, São Paulo, pp 136.

The Central Relationship Questionnaire (CRQ) is a measure consisted of self-report developed to diagnose conflictual romantic relationship according to three components: Desire (D), Response from Other (RO) and Response of Self (RS). The Core Conflictual Relationship Theme (CCRT) is its theoretical reference that allows a clinical evaluation of interpersonal conflict recurrent patterns. This study aimed to obtain CRQ validity evaluation among undergraduates. The sample was composed of 509 students of several courses from three Brazilian states and the participants' ages range from 17 to 59 years ($M = 24,75\%$, $F = 73,28\%$). CRQ consists of 101 items; 20 Wishes items, 40 Response of Others items and 38 Response of Self items. The responses are rated on a 7-point scale Likert ranging from 1 (never occurred) to 7 (always occurred). The items are preceded by six questions that can identify some relationship characteristics as : proximity degree, intimacy, figure of authority and importance. CRQ tests when the romantic relationship was at its best and its worst moments. Data was collective inside the classroom. Analysis of correlation and comparison of means by test t and ANOVA indicated some differences between men and women. Regarding CRQ items, the analysis of consistency shows high alpha coefficients: $D = 0,87$, $RO = 0,83$, $RE = 0,82$. The factorial analysis pointed three factor solution, the first factor was represented by RE items, the second by D items and the third was composed by items of the three original factors. A theoretical interpretation for this factor suggests that it refers to the Control on the Relationship (CR). A Portuguese version of CRQ was composed of 20 RE items, 19 D and 15 CR items. Research with samples from other population classes and other country regions are indicated.

Key Words: romantic Relationship, CCRT, Psychological evaluation, measure adjustment.

RÉSUMÉ

Santos, A. (2011). *Preuves de la Validité du Questionnaire de Relation Centrale (CRQ)*. Thèse de Doctorat. "Pontificia Universidade Católica de Campinas. Campinas, São Paulo, pp 138."

Le Questionnaire de Relation Centrale – CRQ est un instrument d'auto évaluation développé pour diagnostiquer la relation amoureuse en conflit, selon trois composants: Désir (D), Réponse de l'Autre (RO) et Réponse de l'Autre (RE). Il a comme référence théorique le Thème Central de la Relation en Conflit (CCRT), qui permet une évaluation clinique des modèles récurrents du conflit interpersonnel. L'étude vise à obtenir des preuves de validité du CRQ, entre les étudiants universitaires. L'échantillon a été composé par 509 étudiants (M = 24, 75%, F= 73,28%), provenant de trois états brésiliens, de divers cours et âges, ayant entre 17 et 59 ans. Le CRQ est composé par 101 items, étant 20 pour le composant Désir (D), 40 pour la Réponse de l'Autre (RO) et 38 pour la Réponse du Moi (RE). Les réponses sont données sur une échelle Likert, allant du 1 (jamais arrivé) à 7 points (ce qui arrive toujours). En précédant les items, six questions permettent d'identifier certaines caractéristiques de la relation, telles que: le degré de proximité, d'intimité, figure d'autorité, d'importance, et combien ont été agréables les meilleurs moments de la relation, et difficiles les pires moments de la relation. La collecte des données a été collective, dans la salle de classe. Par rapport aux six questions qui permettent d'identifier les caractéristiques de la relation, la comparaison des moyennes par tests t et ANOVA, et les analyses de correspondances ont relevé certaines différences entre les hommes et les femmes. En ce qui concerne les items du CRQ, l'analyse de cohérence a révélé des coefficients alpha très élevés: D=0,87, RO=0,83, RE=0,82. L'analyse factorielle a abouti à une solution à trois facteurs, où le premier facteur a été représenté par les éléments du composant RE, le deuxième par les items du composant D et le troisième facteur a été constitué par les trois facteurs d'origine. Une interprétation théorique pour ce facteur

suggere qu'il se réfère au Contrôle dans la Relation (CR). La version en portugais du CRQ a été constitué par 20 itens de RE, 19 de D et 15 de CR. Des recherches avec des échantillons provenant d'autres couches de la population et d'autres régions du pays sont indiquées.

Mots – Clés: relation amoureuse, CCRT, évaluation psychologique, l'adaptation de l'instrument.

APRESENTAÇÃO

O relacionamento interpessoal tem sido objeto de atenção nos atendimentos psicológicos e nas pesquisas que procuram compreender a natureza dos conflitos que dele podem advir. A visão da psicologia é a de que os padrões característicos da pessoa se relacionar com outras têm origem nos relacionamentos mantidos ao longo do seu desenvolvimento. Entende-se que as experiências emocionais resultantes das interações familiares - da criança com os pais e outros significantes – “são transferidas para relacionamentos subsequentes” (Weinryb, Barber, Foltz, Göransson, & Gustavsson, 2000, p.131).

O profissional da saúde mental, que atua na atividade clínica ou na pesquisa procura acercar-se de informações que possibilitem compreender e balizar suas ações seja em um projeto para o tratamento, seja na busca de encontrar instrumentos e respostas para as diversas situações da vida. Nos casos clínicos, o uso do teste psicológico é muitas vezes fundamental para que o profissional obtenha subsídios importantes que facilitem o fechamento de um diagnóstico. O diagnóstico bem elaborado é passo fundamental para que se desenvolva um programa de tratamento adequado para o paciente. Ocorre, no

entanto, e não com pouca freqüência, sua utilização indevida, o que acarreta distorções e interpretações inadequadas.

Para Santos (2001) “independente da área de atuação ou do grau de complexidade, as avaliações, mensurações ou testagens necessitam de atenção especial para dois importantes aspectos: primeiro, se o instrumento é adequado para medir o que se propõe e como foi desenvolvido; segundo, se o aplicador está preparado para utilizar o instrumento e até que ponto está qualificado para interpretar as informações colhidas” (p.61).

Ao verificar o quanto um teste mede realmente aquilo para o qual foi criado o pesquisador estará contribuindo para impedir a utilização inadequada do instrumento. Assim, é importante que os psicólogos e outros profissionais envolvidos com as pessoas busquem ferramentas que sirvam para apoiar o diagnóstico dos diversos setores que necessitam de avaliação. A escolha em desenvolver atividades de pesquisa na área da avaliação teve como elemento motivador o fato de poder contribuir na construção de ferramentas que atendam a estas necessidades.

O grupo de Pesquisa em Psicoterapia Breve Psicodinâmica: Avaliação de Mudança e Instrumentos de Medida, do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da PUC-Campinas, tem como uma de suas linhas de investigação a adaptação e validação de instrumentos de avaliação. O foco das pesquisas é a área clínica, em especial os instrumentos que tenham aplicação na indicação em psicoterapias. Dentre as pesquisas, foram desenvolvidos estudos para estimar evidências de validade do Questionário de Relacionamento Central (QRC), originalmente *Central Relationship Questionnaire CRQ* (Barber, Foltz & Weinryb, 1998). Estes estudos envolveram diferentes tipos de amos-

tras: portadores do vírus HIV, mulheres vítimas de violência doméstica, pacientes com Hepatite C e pacientes cardíacos.

O CRQ é um instrumento do tipo auto-relato foi desenvolvido para avaliar o padrão central de relacionamento conflituoso, com base no *Core Conflictual Relationship Theme – CCRT*, desenvolvido por Lester Luborsky (1976) a partir de sua compreensão do conceito de transferência (Weinryb & cols., 2000)..

A primeira apresentação do CCRT ocorreu em 1976 no “*Downstate Medical Center Meeting on Communicative Structures and Psychic Structure*” (Luborsky & Crits-Christoph, 1998, p. 4). Trata-se de um procedimento clínico de avaliação do conflito relacional central do paciente, composto por três dimensões: Desejos (D), Respostas do Outro (RO) e Respostas do Eu (RE). Sua avaliação está baseada na identificação da presença destas dimensões na narrativa do paciente ao longo do processo psicoterapêutico, o que toma um longo tempo da equipe de pesquisa para sua identificação e avaliação, além de ser difícil a obtenção de escores adequados de consenso entre os avaliadores.

Os autores do CRQ (Barber & cols., 1998) entenderam a importância do trabalho de Luborsky e do próprio CCRT, mas observaram que o mesmo apresentava dificuldades para sua aplicação em larga escala. O CRQ passou então a ser pesquisado no sentido de mostrar sua validade. Foram efetuados estudos que avaliaram suas propriedades psicométricas para determinar se o mesmo poderia ser usado em outras culturas (Weinryb & cols., 2000).

O CRQ foi testado em países como os Estados Unidos e Suécia (Barber & cols., 1998, Weinryb & cols., 2000) em três diferentes amostras: Na Suécia utilizaram uma amostra de estudantes e pacientes clínicos; nos Estados Unidos a amostra se limitou a estudantes universitários (Weinryb & cols., 2000).

No Brasil, a partir de 2007, foram iniciados estudos para determinar as propriedades psicométricas do CRQ com amostra de estudantes universitários. Testar sua aplicabilidade para este público além de contribuir para a expansão dos conhecimentos sobre o mesmo, permitiu a comparação com os resultados das pesquisas estrangeiras, fortemente apoiadas, neste extrato da população. Ademais, na universidade brasileira, como em muitas outras partes do mundo, encontra-se uma grande quantidade de pessoas que embora, busquem sua qualificação profissional, estão estabelecendo relacionamentos afetivos de diversas formas. E, nesta medida, contar com instrumentos que possam ajudar os profissionais a avaliar e compreender melhor as características dos conflitos de relacionamento interpessoal a partir das pesquisas efetuadas no meio universitário pode ter uma função preventiva, relevante; Astin (1997) “considera mesmo que o envolvimento é a mais importante condição para uma boa adaptação universitária, surgindo às vivências acadêmicas não estritamente curriculares como fatores favoráveis à integração e ao envolvimento universitário” (p. 461).

No Brasil, alguns estudos com a versão do CRQ permitiram o levantamento de evidências de validade e precisão em amostras clínicas (Massei, 2009; Risso, 2008; Sanches, 2009 & Silva, 2008). O trabalho em curso tem como objetivo principal avaliar a Estrutura Fatorial e Precisão do CRQ utilizando como amostra estudantes universitários, representantes da população não-clínica. Foram realizados estudos de precisão, dado pela consistência interna dos itens, validade de construto, por meio de análise da estrutura fatorial e validade convergente.

INTRODUÇÃO

Do ponto de vista da pesquisa, é necessário que se tenha instrumentos de avaliação que reflitam aspectos relevantes do comportamento e da natureza das atitudes humanas, como uma base confiável de construção do conhecimento. No caso específico das pesquisas em psicoterapia, uma das dificuldades encontradas pelos pesquisadores brasileiros é a falta de instrumentos que lhes possibilitem a identificação e mensuração de construtos complexos, como é o caso, por exemplo, dos padrões centrais de relacionamento sobre os quais está baseada grande parte das intervenções de psicoterapeutas de base psicodinâmica. Dentre os instrumentos de medida existentes, o Questionário de Relacionamento Central (CRQ) (Barber & cols., 1998) foi desenvolvido com esta finalidade. O CRQ é um instrumento de auto-relato que deriva do Modelo de Relacionamento Central Conflituoso *CCRT* método clínico desenvolvido para identificar o padrão de relacionamento característico do indivíduo (Luborsky & Crits-Christoph, 1998).

As evidências psicométricas reunidas, até o presente, indicam o CRQ como um instrumento com qualidades adequadas para a avaliação do padrão recorrente de conflito, presente nos relacionamentos interpessoais (Barber & cols., 1998; Massei, 2009; Risso, 2010; Silva, 2009; Weinryb & cols., 2000). Dentre eles, há alguns estudos brasileiros que também buscaram evidências psicométricas do CRQ com amostras clínicas (Massei, 2009; Risso, 2010; Silva, 2009). Neles, estimou-se o grau de consistência e aspectos da validade

convergente e divergente. Não haviam sido realizados, até o momento, estudos concernentes à estrutura fatorial do instrumento e tampouco estudos com amostras não-clínicas.

O presente projeto contribuiu para o preenchimento desta lacuna, estudou as propriedades psicométricas do CRQ em amostras de estudantes universitários. Antes de detalhar o método, considerou-se importante apresentar as bases teóricas que o fundamentam, como alerta Pasquali (2008) a fundamentação teórica baseada na literatura é dever de todos aqueles que se propõem a desenvolver testes ou escalas de medidas, pois somente assim os construtos ou objetos da avaliação psicológica apresentarão uma representação adequada dos traços e construtos que se quer medir e naturalmente para contextualizar a pesquisa.

Modelo de Relacionamento Central Conflituoso CCRT

Baseado em estudos de relatos transcritos de sessões de psicoterapia, Luborsky (1974) identificou a existência de um padrão geral de relacionamento, inicialmente como sendo um método para mensurar a Aliança Terapêutica - AT (Luborsky, 2000). Segundo o autor, um olhar mais focado sobre os dados extraídos de suas observações, enquanto estudava a AT, levou-o a inferir a existência de padrões recorrentes que permeavam a maioria dos relacionamentos do paciente e concluir poder ser este um modelo central de relacionamento (Luborsky & Crits-Christoph, 1998).

Entendendo a AT positiva como um caminho facilitador para o paciente trazer importantes conteúdos emocionais durante a psicoterapia e que isto se

dá no processo transferencial, foi-lhe possível verificar e compreender como o paciente estabelecia relações amorosas e conflituosas e quanto isto teria sido significativo para seu desenvolvimento. Luborsky propôs então a existência de um Modelo de Relacionamento Central Conflituoso que explicaria a forma como as pessoas estabelecem seus modelos de relacionamentos ao longo de sua vida (Luborsky & Crits-Christoph, 1998).

Somente em 1976, dois anos depois da idéia inicial, a primeira versão do método Modelo de Relacionamento Central Conflituoso-*CCRT* foi apresentada ao *Downstate Medical Center*, no encontro conhecido como grupo da Filadélfia. Desde então, passou a contar com número crescente de interessados. Em 1988 aconteceu sua primeira publicação apoiada pelo Departamento de Psicoterapia e Psicossomática da Universidade de *Ulm* (Alemanha), o que reforçou o interesse de pesquisadores em todo o mundo (Luborsky & Crits-Christoph, 1998).

Luborsky (1984) ao apresentar o método *CCRT* não abandonou os conceitos básicos da psicanálise, em especial o processo transferencial. Ao contrário, propôs uma nova visão e a ampliação deste conceito na medida em que desenvolveu um método operacionalizado para a sua identificação e avaliação. Os estudos sugeriram que as pessoas demonstravam um modelo central de relacionamento, um *script* ou esquema próprio para cada indivíduo e que tem grande influência no modo como estabelecem seus relacionamentos interpessoais. A proposta do método *CCRT* foi capturar, a partir dos relatos dos pacientes no *setting* de atendimento, o padrão de relacionamento característico que as pessoas estabelecem com outras, e naturalmente os conflitos eventualmente presentes nestes relacionamentos (Luborsky & Crits-Christoph, 1998).

Os psicoterapeutas psicodinâmicos passaram a utilizar o método C-CRT, pois reconheceram nele uma forma de avaliação da comunicação transferencial para fins de pesquisa e sua utilidade como um método que pode guiar as intervenções clínicas. Para Luborsky e Crits-Christoph (1998) o método aparece após um século em que se usa clinicamente o conceito de transferência de Freud, passando agora os especialistas a contarem com este método operacionalizado de observação. Luborsky (1984) propôs ainda que o foco da atenção clínica na formulação dos temas do relacionamento não deveria se restringir somente em compreender o contexto dos sintomas e os riscos a ele associados, mas também sobre a forma como o indivíduo se relaciona com outros.

Luborsky e Crits-Christoph (1998), além de tomarem como base o conceito de transferência desenvolvido por Freud lançaram mão de temas conhecidos e correlatos à sua proposta, desenvolvidas por outros autores que já vinham pesquisando sobre as formas como as pessoas estabeleciam seu relacionamento, sobre a constituição da personalidade e seus distúrbios o que veio a dar sustentabilidade a suas propostas. Buscaram informações na literatura trazendo conceitos como os de Blois (1941, citado por Luborsky & Crits-Christoph, 1998), que usou o termo Trauma Residual; de French e Dheeler (1963, citado por Luborsky & Crits-Christoph, 1998) os quais sugeriram a idéia de Conflito Nuclear; de Arlow, cujos estudos feitos em 1961, 1969a e 1969b (citados por Luborsky & Crits-Christoph, 1998) falavam que as fantasias são agrupadas em torno de certos desejos instintivos básicos e que um grupo é composto por diferentes versões ou diferentes edições que tentam resolver seus conflitos intra-psíquicos através destes desejos. Piffner (1963, citado por

Luborsky & Crits-Christoph, 1998) falou sobre os conflitos recorrentes de relacionamento, mesmo após o tratamento. Schlessing e Robbin (1975, citado por Luborsky & Crits-Christoph, 1998) demonstram a existência do conflito depois do término da análise.

Henry Murray (1938, citado por Luborsky & Crits-Christoph, 1998) estudioso da personalidade propôs o Teste de Apercepção Temática (TAT), teste até hoje utilizado. O TAT de Murray, segundo Luborsky e Crits-Christoph (1998), reflete uma redescoberta da versão do conceito de transferência de Freud (1912/1958). Murray faz referências à existência de um princípio de unificação da personalidade, escreve que é possível encontrar em muitos indivíduos um sistema de reação subliminar podendo ser compreendido como um tema único composto de inter-relações (colaboração ou conflito), mas nunca se referiu a um modelo de relacionamento central (Luborsky & Crits-Christoph, 1998).

As teorias sobre os objetos relacionais também foram utilizadas servindo como base para o desenvolvimento do método CCRT. No processo de desenvolvimento do CCRT Luborsky e Crits-Christoph (1998) perceberam que há muito em comum entre o conceito de padrão central de conflito e a teoria do apego de Bowlby (1973). Neste mesmo contexto os autores buscam informações nos estudos de Sroufe e Waters (1977), Luborsky e Crits-Christoph (1998) e Sroufe (1983) que avançaram os estudos sobre apego em crianças.

A aplicação do método CCRT às sessões de psicoterapia permite recolher, a partir da fala dos sujeitos, dados que confirmam a existência deste padrão de relacionamento. Para tanto, em situação de pesquisa, os avaliadores devem, a partir de sessões gravadas ou filmadas, identificar inicialmente os

Episódios Relacionais (ERs), definidos como uma parte da sessão de psicoterapia em que um episódio de relacionamento é descrito pelo paciente, nos quais é possível identificar a presença de desejos e expectativas em relação a uma outra pessoa (inclusive o terapeuta) ou em relação a si mesmo, assim como as respostas da pessoa às respostas do outro (Luborsky & Crits-Christoph, 1998).

Luborsky e seus colaboradores da universidade de Pensilvania, posteriormente conhecidos como grupo Penn, formularam uma seqüência de passos a serem seguidos para a determinação dos CCRTs dos pacientes. Para tanto, estabeleceram critérios muito claros, seguindo uma metodologia específica conseguindo assim identificar os conflitos de relacionamento, a partir de episódios relacionais extraídos dos relatos de cada paciente (Luborsky & Crits-Christoph, 1998).

Para a formulação correta do CCRT é indispensável a identificação clara dos Episódios Relacionais (ERs). “Chama-se episódio de relacionamento (ER) um segmento de sessão onde o paciente narra uma interação real com outra pessoa, ou com o *Self* (consigo mesmo) e que apresenta algumas características específicas que permitem isolá-lo do conjunto de toda a sessão” (Lhullier, 1998,p.56). O objeto de interesse de um ER será, portanto o outro, ou seja, uma ou mais pessoas um ou mais grupos; objetos inanimados ou animais não são considerados (Lhullier, 1998). Uma vez identificados os ERs, os avaliadores devem verificar a existência dos três componentes do O CCRT: Desejos (D) Respostas do outro (RO) e Respostas do eu (RE) (Luborsky & Crits-Christoph, 1998).

Os três componentes do CCRT foram definidos a partir da constatação de que as pessoas esperam alguma coisa uma das outras. Toma como modelo Freud que relatando, por exemplo, o caso Dora demonstra o desejo que ela expressa de ser amada por seu pai (Luborsky, Popp, Luborsky & Mark, 1984). As pessoas demonstram, assim, terem Desejos (D) em relação a outras pessoas, são necessidades ou intenções esperando alguma coisa do outro ou do grupo com quem se relacionam. Esperam ou têm expectativas sobre as respostas do Outro (RO) fantasiando ou antecipando estas respostas. Além disso, desenvolvem fantasias antecipadas sobre suas próprias respostas às respostas do outro, em forma de emoções, comportamentos ou sintomas são as Respostas do Eu (RE).

O método CCRT contribui assim para identificar o modelo de relacionamento central específico de cada indivíduo (Barber, Foltz & Weinryb, 1998). É importante frisar que as pessoas cujos relacionamentos são identificados nos ERs são aquelas tidas como importantes na vida do sujeito (Luborsky & Crits-Christoph, 1998). Os três componentes D, RO e RE que aparecem nos ERs, muitas vezes estão em conflito e podem ser observados nos diferentes relatos de relacionamento dos pacientes com outros indivíduos, com o terapeuta e consigo mesmo (Luborsky, 1984; Luborsky & Crits-Christoph, 1998).

O processo para identificar ou formular o CCRT dos pacientes, primeiramente, foi pelo método identificado como *tailor made*, isto é, desenvolvido “sob medida” para cada pessoa. Para tanto, identifica-se a modalidade de D, de RO e de RE predominantes e que se repete de forma constante nos ERs. A seguir, formula-se o padrão característico de relacionamento para cada paciente (Luborsky & Crits-Christoph, 1998). Este modelo demonstrou sua eficácia

nos procedimentos clínicos. Por se tratar de um procedimento bastante trabalhoso e que não favorecia a comparação entre diferentes pacientes, uma segunda maneira de formular o CCRT foi posteriormente desenvolvida. Categorias padronizadas de cada um dos componentes do CCRT foram propostas. Estas categorias foram encontradas a partir de pesquisas empíricas que indicaram os desejos, respostas do outro e respostas do eu mais freqüentes. Para se conseguir uma lista padronizada de categorias, Juízes foram convidados a participar. Seu papel foi o de localizar, a partir de sessões de psicoterapia, gravadas e/ou transcritas, a existência dos componentes D, RO e RE. Buscou-se a concordância do julgamento dos juízes, e isto conferiu maior confiabilidade à aplicação do método, uma vez que os juízes convidados eram especialistas qualificados (Luborsky & Crits-Christoph, 1998).

As categorias padrão agilizaram o sistema de avaliação facilitando sua utilização em pesquisas, o sistema *tailor made* não perdeu sua importância, porém é mais recomendado nos trabalhos clínicos. As categorias padrão passaram por edições e foram sendo reformuladas até chegar à terceira edição, ora em vigor (Luborsky & Crits-Christoph, 1998). A primeira edição foi obtida com base em transcrições clínicas de sessões de psicoterapia de 16 pacientes cujos CCRTs foram avaliados por juízes convidados (Luborsky & Crits-Christoph, 1998). Para a composição das categorias seis critérios foram definidos: a) as mais freqüentes; b) que não comportassem sobreposições; c) os adjetivos de suporte usados em cada categoria deveriam ser sinônimos uns dos outros e com cada classe categorial; d) as categorias deveriam ser organizadas, lógica, psicológica e convenientemente sobre o ponto de vista de aplicação mais tranqüila dos juízes; e) a ordem das categorias deveria ser similar

para cada um dos componentes, tendo este princípio de organização o objetivo de facilitar para os juízes encontrarem categorias específicas; f) algumas das palavras selecionadas para cada categoria passaria a pertencer à lista de categorias de cada um dos três componentes, sempre que parecerem razoáveis. Esta primeira edição se compôs de 35 categorias para Desejos, 30 para Respostas do Outro e 40 para Respostas do Eu. Foi reavaliada com a ajuda dos membros da equipe de pesquisa, tendo sofrido mudanças que deram origem a uma segunda edição (Luborsky & Crits-Christoph, 1998).

A segunda edição supriu os juízes com uma lista mais representativa de categorias do que as da primeira edição. Para prepará-la Crits-Christoph e Demorest (1991) revisaram a literatura relevante, como a lista de necessidades de Murray (1938). Destas categorias foi criada uma nova lista com 35 desejos, 30 respostas do outro e 30 respostas do eu. Com esta nova lista de categorias foi possível comparar pacientes de maneira mais confiável e avaliar as mudanças dos CCRTs durante o tratamento. Mesmo assim, como ela apresentava certa sobreposição de categorias, foram então efetuados exames nas categorias listadas para identificar as sobreposições e assim eliminá-las. Outra necessidade sentida foi a de reduzir a lista de categorias padrão. Para esta finalidade, nove juízes independentes avaliaram o grau de similaridade de cada par de categorias padrão utilizando uma escala que pontuava entre "1" (nenhuma similaridade) e "7" (extremamente similar). Foram empregados coeficientes intraclass por grupos de juízes, usados para medir a confiabilidade interavaliadores para dois ou mais avaliadores. A confiabilidade dos julgamentos segundo este critério estatístico foi considerada aceitável. Os resultados apontaram uma nova formatação segundo a qual, o componente D passou a ter oito

categorias, RO oito categorias e oito também para R (Luborsky & Crits-Christoph, 1998) (Anexo A).

O emprego do método CCRT se dá segundo uma seqüência de passos muito bem articulados. De forma concisa, são os seguintes os passos sugeridos: a) localizar e sublinhar partes dos ERs para serem pontuados; b) identificar os componentes que aparecem no ER: D, RO e/ou RE. Recomenda-se sublinhar o componente e anotá-lo na margem esquerda; c) os juízes pontuam cada componente quanto ao grau de detalhe com que aparecem o ER. Utilizando uma escala de 1 a 5, devem determinar o menos detalhado (pontuando com 1), até o mais detalhado (pontuando com 5), considerando uma nota de corte 2,5; d) depois de identificados e pontuados, os juízes contam a quantidade de componentes encontrados nos ERs anotados para verificar sua freqüência; e) contados os componentes encontrados, formula-se o CCRT. Os componentes mais freqüentes nos episódios, portanto recorrentes, serão considerados os pontos de conflito. Os juízes revêm e fazem nova contagem estabelecendo a freqüência dos componentes, isto determina com mais exatidão o CCRT de cada indivíduo.

Lhullier (1998) em nota de rodapé sugere

Por uma metodologia mais rigorosa, decidiu-se estabelecer limites mais claros; portanto utilizar-se apenas os episódios de relacionamento nos quais há uma orientação definida quanto ao tempo ou lugar de ocorrência e ter-se-ão como parâmetros delimitatórios os seguintes: Início: referência de tempo ou lugar explícita ou ainda referência explícita ao fato (que é narrado no episódio) desde que seguida de sua narrativa. Final: última

referência ao fato (episódio) narrado, ou a si próprio (RS) ou ao objeto, estas últimas dêem de que referidas ao fato explicitamente ou como uma impressão (sobre o *self* ou sobre objeto) causada por ele (p.57).

Outro detalhe importante a ser observado quanto às respostas obtidas pelo sujeito é que elas podem ser positivas ou negativas. Para identificar qual o tipo de resposta, são colocadas as letras P e N, que representarão positivo ou negativo respectivamente. A resposta positiva é aquela em que não há interferências ou expectativas de interferências para a satisfação do desejo. Uma resposta é aquela que o paciente relata como uma dada situação interferiu com a satisfação do desejo que está ocorrendo ou que ele tem expectativa que vai ocorrer (Luborsky & Crits-Christoph, 1998).

O formato inicial do método CCRT que se baseou “somente nas narrativas espontâneas dos sujeitos” (Luborsky & Crits-Christoph, 1998, p.109), forneceu a idéia para a elaboração de uma entrevista semi-estruturada que poderia ser aplicada em muitos tipos de amostras e serviria para levantar dados que seriam usados em uma variedade de propósitos a *Relationship Anecdotes Paradigm (RAP)*. A RAP é uma entrevista semi-estruturada em que se solicita ao paciente que descreva dez eventos reais de relacionamentos. As narrativas constituirão relatos de inter-relações específicas com outros indivíduos também específicos (Luborsky & Crits-Christoph, 1998).

Esta nova forma de compreender o sujeito no *setting* terapêutico, a partir do Tema Central de Conflito nos Relacionamentos (Bottino, 2000) ou Método do Tema Central de Relacionamento, como também é conhecido no Brasil (Ro-

cha, 2004), abriu um novo caminho para se compreender os problemas do relacionamento interpessoal. O CCRT tem sido utilizado e testado por diversos pesquisadores ao longo dos anos, demonstrando suas propriedades psicométricas e seu valor clínico. Ele tem sido apontado como útil na orientação de sessões de psicoterapia, e é utilizado também como critério externo para validar outros instrumentos de avaliação (Rosbrow, 1995).

Uma revisão bibliográfica possibilitou levantar uma enorme quantidade de artigos publicados sobre o CCRT, usos clínicos, avaliações psicométricas, como referência e como critério externo; o que demonstra sua importância. A seguir destacam-se algumas dentre as diversas publicações. O material que segue foi organizado em ordem cronológica:

Em seu artigo *Measures of Psychoanalytic Concepts--the Last Decade of Research from 'the Penn Studies* publicado em 1988 Luborsky e Crits-Christoph descreveram três tipos de medidas desenvolvidas em uma década de projetos do Projeto de Pesquisa em Psicoterapia Penn: a) Medidas da aliança terapêutica, com base nos relatos dos pacientes observaram e avaliaram sinais a partir de uma classificação e de um questionário previamente desenvolvido que apontaram predições significativas atestando que a importância da aliança terapêutica para os resultados dos tratamentos; b) O surgimento de medidas objetivas para o modelo de transferência, o CCRT; c) Estudos de precisão das interpretações com o CCRT, verificações por exemplo do grau de benefícios que o método CCRT trazia para o tratamento dos pacientes. Os três resultados apresentados no trabalho dão a dimensão de suas realizações e mostram o caminho percorrido até se chegar ao método CCRT, deixando mais claros seus objetivos (Luborsky & Crits-Christoph, 1988).

A psicoterapia breve psicodinâmica é um caminho que vem sendo adotado por diversos profissionais, no sentido de oferecer ao paciente uma alternativa onde ele possa em um espaço de tempo previamente definido receber ajuda profissional. Por ser de tempo limitado, ela se aplica a situações específicas. O CCRT tem contribuído com os profissionais que adotam esta linha de atuação, pois avalia os conflitos relacionais e aponta as mudanças instaladas, em curso ou a serem implementadas. A identificação dos CCRTs de alguns pacientes permitiu a terapeutas perceberem a existência de mudanças nos modelos de relacionamento conflituoso. O estudo levou à constatação de que é possível induzir mudanças nos componentes D, RO, RE utilizando-se dos métodos da psicoterapia de curto prazo (Kachele, Dengler, Eckert & Schnekenburger 1990).

Dahlbender, Torres, Stubner, Frevert e Kachele (1993), fizeram uma apreciação analítica de conteúdo do CCRT utilizando a RAP. Neste artigo os autores oferecem uma introdução à prática e as possíveis aplicações dessa forma de entrevista. A base da experiência foi formada por mais de cem entrevistas das quais se extraiu episódios relacionais, gravados em audiovisual. Com este estudo os autores mostraram como chegar da entrevista à formulação do CCRT. O estudo contribuiu para facilitar a compreensão de como operacionalizar a RAP e como sua utilização correta facilita a identificação dos Episódios Relacionais que irão determinar o CCRT de cada paciente em cada sessão (Dahlbender & cols., 1993).

Um guia resumido para a utilização do CCRT foi desenvolvido por Luborsky, Popp, Luborsky e Mark (1994), com o propósito de mostrar a evolução do método, as evidências das propriedades psicométricas até então obti-

das e apresentar a versão que introduz a lista de escores padronizados, uma evolução ao sistema *tailor made*. Enfatiza-se ainda, que Luborsky em suas pesquisas com o CCRT não se afasta das teorias psicanalíticas indicando que a idéia de Freud sob a transferência tem agora um instrumento para demonstrar sua eficácia. O método CCRT é claramente ilustrado por meio da aplicação de entrevistas (RAP) e ainda por meio das distinções de partes do CCRT em que o paciente é menos consciente (Luborsky & cols., 1994).

Em 1996 na América Latina, surge a primeira publicação sobre o CCRT. O método que já vinha sendo utilizado em outros continentes passou a ser conhecido através de artigo publicado por Boothe (1996), na Argentina. Ele utilizou o CCRT e o JAKOB (análise de narrações para analisar histórias contadas por pacientes). O autor parte da idéia de que o relato cotidiano utiliza a linguagem como um meio de reconstruir completamente um processo organizado seqüencialmente, o que chama de narração, e de que o processo criativo possibilita ao narrador dar forma a uma situação ocorrida como fator importante no processo psicoterápico. As análises feitas com a utilização do JAKOB, segundo ele, reconstroem o episódio relatado identificando em detalhes os atores e como as ações têm lugar em certo contexto.

O estudo feito como o CCRT e o JAKOB permitiu estabelecer as características mais importantes das narrativas extraídas de sessões psicoterapêuticas e também mostrou como diferenciar algumas seqüências verbais que não reuniam condições para serem consideradas como narrativas ou ERs, segundo a proposta do CCRT os episódios relacionais a serem considerados nas análises são aqueles onde se pode verificar a presença de pelo menos um dos três componentes, D, RO ou RE (Boothe, 1996).

Psicoterapeutas de formação psicanalítica utilizam o sonho como uma forma de compreender a dinâmica dos pacientes. Freud viu no sonho uma alternativa de comunicação intrapsíquica. Entendendo que o método do CCRT poderia ser útil para melhor compreender a dinâmica intrapsíquica, Popp e cols. (1996) verificaram se o CCRT seria uma medida confiável para avaliar o grau em que componentes do CCRT aparecem nos sonhos e durante as narrativas nos trabalhos de psicoterapia. Foram avaliados 13 casos em que os relatos dos sonhos dos pacientes foram comparados aos episódios relacionais extraídos com pelo método CCRT. As narrativas dos sonhos e os relatos encontrados apresentaram similaridades aos componentes do CCRT. Os resultados mostraram que o conceito do modelo central de relacionamento pode se expressar tanto nos sonhos como na atividade terapêutica (Popp & cols., 1996), isto é, ao analisar o conteúdo ou narrativas que os pacientes trazem dos sonhos e compará-los ao das sessões observa-se que os componentes Desejo, Resposta do Outro e Resposta do Eu estão presentes, implicando assim em afirmar que o CCRT é um instrumento confiável.

O método CCRT foi colocado em teste em diferentes situações, foi avaliado no desenvolvimento da psicoterapia breve, na psicodinâmica e quando patologias severas se apresentaram (Cierpka & cols., 1998). Os autores exploraram a correlação entre a consistência do modelo de relacionamento com psicopatologias severas. Avaliaram o modelo de relacionamento utilizando entrevistas RAP e de acordo com os critérios do método CCRT. Compararam as narrativas de 25 sujeitos em tratamento e não internos com as de 32 pacientes internos verificaram que as narrativas dos pacientes não institucionalizados apresentaram modelos mais consistentes. Episódios de relacionamento em adultos não

em tratamento (23 adultos) apresentaram maior flexibilidade quando comparados com o grupo clínico. Verificou-se uma repetição em especial do componente desejo quando associado com psicopatologias severas conforme o SCR-90-R (Derogatis, 1977). Este trabalho mostra mais uma vez que o CCRT é um instrumento importante, possibilitando a confirmação de determinado diagnóstico, como no caso analisado em que sintomas de psicopatologia severa foram diagnosticados em um grupo clínico com o auxílio do SCR-90-R (Derogatis, 1977) e comparados aos resultados obtidos em um grupo não clínico (Cierpka & cols., 1998).

Pacientes em tratamento de psicoterapia psicodinâmica de longo prazo foram objeto de estudo, foi examinada a relação entre o modelo de relacionamento central, medido pelo CCRT e a psicopatologia (Wilczek, Robert, Barber, Gustavsson & Gustavsson, 2000). Foram selecionados 55 pacientes enviados pelo centro de tratamento psicoterápico de Estocolmo, cujos tratamentos são mantidos pelo conselho da cidade para pessoas de baixo poder aquisitivo e que procuram por psicoterapia. Dos 55 pacientes 13 nunca haviam iniciado tratamento, 7 não aderiram ao tratamento após a primeira sessão, 2 não permaneceram devido a grandes mudanças psicossociais (mudanças, não esclarecidas pelos autores), 2 foram encaminhados para psicanálise após algumas sessões, 1 mudou para outra cidade e 1 decidiu iniciar uma terapia de breve. Assim, 42 pacientes aderiram ao tratamento (Wilczek & cols., 2000).

O método CCRT foi utilizado para verificar se as mudanças ocorridas na psicoterapia levavam a mudanças nos modelos de relacionamento. Após passarem por sessões de psicoterapia do modelo psicodinâmico o CCRT foi sendo extraído das sessões, e comparado com a ajuda de procedimentos estatísticos,

entre si verificando se havia mudanças substanciais nos padrões de relacionamento. Os autores identificaram que, embora, as mudanças nos sujeitos eram visíveis no que tange a psicoterapia, não houve grandes mudanças nos modelos de relacionamento isto no que diz respeito ao CCRT global. Houve mudanças perceptíveis, no entanto, na frequência em que apareciam os componentes Desejo, Resposta do Outro e Resposta do Eu (Wilczek & cols., 2000).

Os autores utilizaram modelos de dispersão para verificarem como os componentes se distribuíam, antes e após das sessões o que permitiu concluir que os D, RO e RE sofreram mudanças para melhor. Os sujeitos também apresentaram mudanças observáveis nas patologias encontradas (Wilczek & cols., 2000). Os autores propõem, no entanto que novos estudos sejam desenvolvidos com este objetivo, pois entendem que é necessário identificar e correlacionar melhor as mudanças nas patologias com o CCRT, global e de seus componentes, citam Crits-Christoph e Luborsky (1998, p. 160) que afirmam “a redução da distribuição (a partir do gráfico de dispersão) no relacionamento conflituoso pode ser visto com um fator curativo”, o que vem a confirmar as propostas dos autores acima discutidas (Wilczek & cols., 2000).

Pacientes com diagnóstico de esquizofrenia e submetidos a Psicoterapia Breve foram avaliados com o CCRT em relação a mudanças no padrão central de relacionamento. Os pesquisadores observaram que no momento em que os pacientes conseguem autocontrole e auto compreensão ampliam significativamente as mudanças nas respostas do Eu (Lee, Liu, Chang & Wen, 2000).

Este trabalho foi desenvolvido em Taiwan, levando os pesquisadores -a partir deste estudo piloto com o método CCRT- concluir por uma avaliação positiva quanto ao desenvolvimento do tratamento. Para estes autores, além de

uma importante base teórica o método CCRT pode ser considerado um instrumento confiável, traduzindo-se em uma ferramenta indicada para uso dos psicoterapeutas breves, isto é, eles apontam que identificados os CCRTs dos pacientes com a ajuda do método CCRT é possível identificar como o paciente evolui, na medida em que visualiza as mudanças nos componentes do seu CCRT, especialmente no componente RE (Lee & cols., 2000).

Em estudo brasileiro (Cheniaux & cols., 2001), entrevistas semi-padroneizadas RAP, gravadas em áudio e posteriormente transcritas, foram utilizadas para verificar os conflitos de relacionamento de 15 pacientes com transtornos de ansiedade, diagnosticados de acordo com o Manual Estatístico e Diagnóstico da Associação Psiquiátrica Americana (DSM-IV). A RAP é indicada por Luborsky e Crits-Christoph (1998) como um meio eficaz para auxiliar o pesquisador a identificar os CCRTs dos pacientes.

Identificados os Episódios de Relacionamento com a ajuda da RAP, observou-se que os desejos, necessidades e intenções dominantes entre os pacientes eram no sentido de buscar relações de dependência e ajuda. Os autores constataram a existência de relações pautadas pelo desejo de ser amado, compreendido e que os relatos fortemente dominantes apareciam em situações de rejeição, de desapontamento e depressão. Os pesquisadores consideraram a RAP como um meio eficaz para identificar os CCRTs dos pacientes e que o método CCRT é recomendável pois permite compreender melhor a psicodinâmica dos sujeitos (Duarte & cols., 2001).

O CCRT de homens, mulheres e estudantes que sofreram violência de seus pares foi comparado como o de homens, mulheres e estudantes não violentados (Cogan, Porcerelli, Sharp & Ballinger, 2001). Os de homens e mu-

lheres que sofreram violência e que estavam em psicoterapia, quando extraídos os seus CCRTs apresentaram maior frequência de desejos negativos do que os outros não violentados. O elemento desejo que mais apareceu foi ser amado para 11 dos 14 estudantes homens violentados e para 5 das 14 estudantes mulheres não violentadas. O estudo contribui para demonstrar a existência dos componentes do CCRT em pessoas vitimadas por violência e como se apresentam os conflitos relacionais (Cogan & cols., 2001).

Popp, Luborsky, Andrusyna, Cotsonis e Seligman (2002) apresentaram um estudo a partir das imagens de Deus que aparecem na Bíblia. Os primeiros cinco livros da Bíblia e o *Torah* ou *Pentateuco* foram utilizados. Os estudos foram extensivos a Deus e ao relacionamento das pessoas com Jesus no novo testamento. O relacionamento entre Deus e as pessoas foi avaliado com o uso do método CCRT. Para obter a primeira descrição destas relações eles se basearam em um relacionamento estável e mensurável. Entenderam que uma característica importante destas imagens é como Deus interage com as pessoas. Muitas discussões sobre o relacionamento de Deus com as pessoas podem ser encontradas na literatura específica. No novo testamento podem-se encontrar vários tipos diferentes de relacionamentos, sendo os benevolentes e positivos os mais frequentes. Outros resultados foram verificados, como: no novo testamento aparece normalmente um relacionamento positivo, diferentemente do que ocorre no *Torah*, da mesma forma o relacionamento entre Jesus e as pessoas é menos positivo do que entre Deus e as pessoas; outro achado foi o de que as relações entre Deus e Jesus são mais positivos do que Deus e Moisés. Os relacionamentos bíblicos apresentaram uma variedade de modelos possibilitando uma diversificação indo do positivo para o negativo. Dois compo-

mentos menos freqüentes, mas muito repetidos são que Deus controla ou cura as pessoas. Muitas diferenças foram encontradas e tratam deste tema, definidos pelos tipos de pessoas que interagem com Deus possibilitando aos autores concluir que o método demonstrou sua capacidade de identificar o padrão de relacionamento presente nas relações dos homens com Deus e figuras divinas .

Estudo com o objetivo de melhor compreender e/ou verificar se pacientes com distúrbios psíquicos mantêm constância em suas relações interpessoais foi desenvolvido com o uso do CCRT (Barber, Foltz, DeRubeis & Landis, 2002). Os autores propuseram como hipótese que pacientes psiquiátricos mostram consistência quanto ao tema do relacionamento nos momentos em que eles se mostraram importantes (Barber, Foltz & cols., 2002). Para tanto, foi pedido aos pacientes (n=93) para responderem a RAP todos eles apresentaram algum distúrbio psíquico (pânico com agorafobia, somente pânico, alguns somente com agorafobia, outros com fobia simples e fobia social, obsessivos, estresse pós traumático, ansiedades, estados depressivos, distimicos, além de esquizotípicos, paranóides, borderlines, histriônicos, compulsivo) segundo o DSM-III-R. Foi pedido que apresentassem cinco narrativas sobre pessoas com significado em suas vidas - pai, mãe, parceiro sexual, melhor amigo.

A consistência dos temas relacionais específicos foi avaliada após múltiplas e diferentes interações com a mesma pessoa. O estudo remeteu à avaliações metodológicas que podem ter contribuído com o método CCRT, com a teoria psicodinâmica no geral e com os conceitos de transferência em particular (Barber & cols., 2002). Os estudos, no entanto contradisseram a hipótese inicial quando sugeriram que os pacientes apresentam incosistência nos

relacionamentos interpessoais seja com a mesma ou com outras pessoas. Os episódios relacionais variam de episódio para episódio, quando falam sobre diferentes pessoas do seu convívio, quando o relacionamento ocorre entre pacientes perceberam uma diferença, os pacientes mantêm um consistência maior, o mesmo ocorrendo entre eles, com um ou outro paciente em particular (Barber & cols., 2002).

O trabalho, segundo os pesquisadores, não inviabiliza os estudos já avançados e conquistados sobre o CCRT e nem tampouco propõem a sua não utilização, assim como de outras ferramentas que se propõem a avaliar o tema central do relacionamento; demonstraram, no entanto que pacientes diagnosticados com desordem psiquiátrica apresentam variações quanto a intensidade de seu relacionamento. Quando os pacientes falam de seus pais, melhor amigo ou parceiro romântico, D, RO e RE variam de intensidade de acordo com o tipo do relacionamento apresentado; o que permite concluir que pacientes diagnosticados com distúrbios psiquiátricos apresentam intensa variabilidade em seus desejos, quanto a resposta que esperam do outro e em relação a sua própria resposta a resposta do eu, diante dos diversos tipos de relacionamento (Barber & cols., 2002).

Em Ulm, Alemanha, um modelo reformulado do CCRT foi apresentado e denominado CCRT-LU (Albani & cols., 2002). O estudo descreve o desenvolvimento de um modelo alternativo para as categorias do CCRT. LU significa o lugar onde foi desenvolvido (Leipzig/Ulm) e também Logicamente Unificado. O sistema CCRT-LU diferencia-se do método proposto por Luborsky, pois introduz uma nova dimensão para o Desejo (Desejos Objetivos e Subjetivos) sendo classificado em oito subdimensões de acordo com a direção do objeto de dese-

jo. O estudo embora tenha modificado o modelo original também contribuiu para demonstrar a existência do CCRT e pode ser considerado como importante para a confirmação do método e das propostas teóricas de Lester Luborsky. Uma versão em castelhano do artigo foi publicada na Argentina no ano de (Albani & cols., 2003)

Um estudo de caso único foi apresentado utilizando o CCRT para verificar a existência de relações entre conflitos e sintomas. Foram analisadas narrativas de sessões de psicoterapia psicodinâmica (gravadas e transcritas) em uma paciente com transtorno alimentar grave. O método CCRT foi aplicado nesta paciente que sofria de Compulsão Alimentar Periódica (Bottino, & cols., 2003). O estudo foi realizado no Brasil. O CCRT da paciente foi extraído a partir dos relatos das sessões de psicoterapia e analisados conforme proposto pelo grupo *Penn* (Bottino & cols., 2003). Os autores puderam com o estudo sistematizar a relação entre conflitos e sintomas nesta paciente. Estabelecer esta relação é uma atividade muito complexa em especial para profissionais da saúde mental com pouca experiência (Bottino & cols., 2003).

Os autores utilizaram o cluster para agrupamento das narrativas, submetendo-as posteriormente a juízes independentes que deram seu parecer; os pareceres foram revisados pelos pesquisadores que concluíram pela existência de fortes relações entre sintomas e conflitos, por exemplo, fica muito claro quando a paciente demonstra que o “sintoma de compulsão alimentar, categorizado no método como Resposta do Self, estava relacionado à necessidade de ser independente das opiniões alheias: a voz da mãe virou a voz do Self” (Bottino & cols., p.168, 2003). O CCRT, mais uma vez se mostrou eficaz, contribuindo com as avaliações dos pesquisadores. Por meio do CCRT, verificou-se

que “a formulação 'diagnóstica' obtida com o método CCRT baseia-se na concepção de um conflito intrapsíquico, evidenciando a manifestação desse conflito nas relações interpessoais, e trazendo uma análise descritiva do padrão de relacionamento” (Bottino & cols., p. 169 2003).

Interessados em aprofundar os conhecimentos no sistema de escores do CCRT, Luborsky e cols. (2004) desenvolveram um método de escolhas para os escores do CCRT. O método é simples, juízes comparam os escores obtidos do CCRT entre sujeitos em momentos diferentes. O estudo comparou contribuições entre juízes em dois casos que serviram como exemplo. Os pesquisadores elaboraram uma seqüência de ações: a) Definir escores sobre o ponto de vista do paciente; b) Dar uma pontuação para cada episódio, pontuando-se, segundo o método *tailor made*, os desejos, resposta do outro e resposta do eu; c) Pontuar utilizando-se das categorias padrão, ou seja utilizar as categorias padrão para pontuar os D, RO e RE encontrados nas narrativas do sujeitos, estabelecendo a condição de pontuar os relatos mais bem estruturados e ajustados; d) Pontuar sempre que necessário, unidades de pensamento que envolvam mais do que um componente; e) Utilizar os escores de duas amostras (Luborsky & cols., 2004).

Os resultados das comparações entre os escores das amostras, em ambos os casos, juízes experientes e não experientes demonstrou uma razoável nível de correlação (Kappas com 0,60 ou mais) entre os escores das duas amostras. Verificou-se também que juízes experientes contribuem muito mais que os inexperientes na identificação do CCRT (Luborsky & cols., 2004).

Finalmente, o estudo contribui para demonstrar que ele pode ser aplicado por aplicadores inexperientes com razoável confiabilidade, porém, o treinamen-

to de aplicadores e juízes é fundamental pois os experientes apresentam resultados muito superiores, isto é o nível médio de concordância entre aplicadores inexperiente foi igual a 0,58 enquanto os experientes ultrapassou os 0,70 indicando a necessidade de treinamento e novas pesquisas com objetivos semelhantes (Luborsky & cols., 2004).

Os processos de mudanças psíquicas também foram avaliados com a utilização do método CCRT, a partir de material extraído de sessões de psicoterapia de uma paciente –pesquisa de caso único- que esteve em tratamento por um período de dois anos (Moreno & cols., 2005). Além do CCRT, aplicaram ainda o *Sympton Checklist 90-R* (SCL 90-R) e o *Differentials Elements for Psychodynamic Diagnostic* (DEPD). Sua hipótese era que a psicoterapia psicodinâmica causa mudanças psíquicas no paciente, eles entenderam que essas mudanças poderiam ser mensuradas através de medidas empíricas e observações ano (Moreno & cols., 2005). O estudo obteve como resultado “uma clara mudança em itens de relevância clínica” (Moreno & cols., 2005, p. 201), nos mecanismos de defesa e da prevalência dos conflitos. Quanto aos CCRTs colhidos da paciente, pode-se ver com clareza que sobressaiam o Desejo (D) de ser amada e ser compreendida pelo outro (RO) nos primeiros seis meses de terapia e perceber com o auxílio do CCRT que a paciente se auto avaliava como uma pessoa má (RE). No decorrer da terapia as mudanças foram se instalando e novas formas de desejos, de se relacionar com o outro e consigo mesmo apareceram ano (Moreno & cols., 2005).

O SCL 90-R, o DEPD e o CCRT apresentaram resultados que possibilitaram perceber as mudanças em andamento no processo psicoterápico. No 12º. mês do tratamento os pacientes mostraram por exemplo inibição de alguns sin-

tomas através do SCL 90–R, com o CCRT pode-se verificar que os pacientes desenvolveram a capacidade de expressar afeto e o DEPD mostrou redução da inibição entre 12º. E 18º. mês com presença de atividade sexual nos pacientes, (Moreno & cols., p. 205, 2005). Especificamente, o CCRT possibilitou avaliar o relacionamento interpessoal que nos primeiros seis meses se mostrou estável até o 12º. mês de tratamento quando o RO apresentou aspectos negativos (desejo de ser compreendida) e do RE que no 24º. mês mudou do desejo de ser ajudada para o desejo de ser auto confiante (Moreno & cols., 2005). O que pode ser mais uma vez constatado por este estudo é que ao compreender o CCRT dos pacientes, obtém-se uma estrutura mais clara e mensurável por meio do qual se pode verificar a mudança psíquica ocorrida ao longo do tratamento. No caso presente os autores apontaram como mudança no comportamento da paciente, alterações em sua forma de se relacionar, ou ainda mais especificamente dos seus Desejos, ROs e REs.

Pacientes com problemas de relacionamento foram tratados por um processo que integrou o Modelo Central de Relacionamento Conflituoso- *CCRT*, a psicoterapia psicodinâmica de longo prazo com as idéias e técnicas de *Gottman* (Gottman, 1998). Estas técnicas são utilizada em psicoterapia de casais; uma entrevista semi estruturada solicita que os casais respondam questões sobre seu relacionamento (os primeiros momentos, a decisão de casar, datas e períodos importantes, os ajustes para o casamento, altos e baixos do casamento, mudanças no casamento, respondem sobre a filosofia do casamento é pedido que escolham dois casamentos modelos –um bom outro ruim-, e o casamento dos seus pais) “com estas informações o casal é levado então a refletir que o casamento é formado por lutas, tragédias, alegrias, trabalho duro. A

entrevista é o caminho para mostrar a dinâmica do casamento em análise” (Whyte, p.65, 2000). A integração dos métodos e técnicas se mostrou eficaz, pois ao ativar o núcleo dos problemas de relacionamento na psicoterapia individual, ativou correspondentemente a disponibilidade do cliente para a mudança (Liem & Pressler, 2005). O trabalho de Liem e Pressler (2005) mostrou que para aumentar a motivação dos pacientes e sua satisfação com a psicoterapia individual, o terapeuta deve oferecer intervenções que atendam às necessidades específicas dos clientes.

Drapeau (2006) estudou os padrões de relacionamento de abusadores de crianças em tratamento, comparando as interações que envolvem paciente e terapeuta com as que envolvem pai e paciente. Vinte participantes foram incluídos no estudo. Os padrões de relacionamento foram avaliados usando o C-CRT. Esquemas centrais foram encontrados em interações que envolvem o terapeuta e um pai (Drapeau, 2006). O pesquisador extraiu os CCRTs dos pacientes encontrados nos relatos de suas interações com os pais. Constatou que nos relatos aparecia um forte desejo de proximidade com os pais; esta constatação foi importante para que o terapeuta pudesse ajudar o paciente a buscar esta aproximação, para tal foram desenvolvidas sua autoconfiança e seu autocontrole. Sentindo-se mais confiante e conseguindo se autocontrolar o paciente pode aproximar-se de seus pais e melhorar com isto seu relacionamento. Além disso, a crítica do terapeuta foi muitas vezes vivida como uma indicação dos cuidados e aceitação.

No contexto da psicoterapia breve, pacientes foram estudados (n=40) com o objetivo de verificar como os modelos de relacionamento aparecem nas primeiras sessões da psicoterapia. Foram analisados episódios relacionais (ER)

de pessoas significantes para o paciente, como pais, namorados, melhores amigos, parceiro romântico obtidos utilizando-se o CCRT. O objetivo era verificar se os relatos sobre relacionamento com o terapeuta apresentavam alguma similaridade com os dos seus pares. O estudo mostrou que 60% dos pacientes observados mostraram relacionamentos similaridade entre os relatos de relacionamento dos seus pares com os dos seus terapeutas (Beretta & cols., 2007). Os autores usaram também o *Brief Psychodynamic Intervention* - BPI desenvolvido por Gilliéron (1989) que avalia a motivação do paciente em buscar ajuda profissional. O estudo concluiu ainda que “reações de transferência formuladas usando o método CCRT estão presentes logo no início da psicoterapia e são uma repetição de conflitos interpessoais com pessoas significativas (pais, parceiros românticos) e podem ser vistas como uma expressão das relações objetais internalizadas” (Beretta & cols., p.450, 2007) .

Para avaliar padrões de relacionamento conflituoso, o CCRT foi utilizado juntamente com a *Toronto Alexithymia Scale* TAS e o *Beck Depression Inventory-II*. BDI O objetivo foi verificar o grau de depressão de 31 pacientes ambulatoriais a partir de dados coletados em entrevistas, (Vanheule, Desmet, Rosseel, Verhaeghe & Meganck, 2007). Os autores concluíram que a Alexitimia pode ser significativamente explicada por desejos, por percepções subjetivas sobre os outros e pela forma como apresentam suas próprias respostas em relação a outras pessoas, Utilizando a TAS, os autores identificaram sintomas, com o BDI puderam determinar os estados de depressão dos pacientes enquanto com o método CCRT os autores observaram que W, RO e RE emergem. Com estes dados em mãos puderam estabelecer correlações com os sintomas da Alexitimia. Fica claro que quanto mais alexitimico é o sujeito menor é seu de-

sejo de receber ajuda do outro e menor interesse de estabelecer vínculos é demonstrado, verificarem que ela está relacionada também a uma dupla indiferença interpessoal, é clara a sensação de que não se deve esperar muito dos outros, nem há uma vontade pessoal de atender às expectativas dos outros (Vanheule & cols., 2007).

A associação do CCRT a outros instrumentos permitiu aos autores compreensão mais clara dos transtornos que acometem os pacientes portadores de alixetímia. As conclusões permitiram estabelecer novas trajetórias para o tratamento dos pacientes envolvidos no trabalho e contribuíram com os profissionais da saúde mental, quando demonstram a confiabilidade do CCRT.

Por intermédio da terapia psicodinâmica e com o apoio do CCRT, Tishby, Raitchick e Shefler (2007) avaliaram as mudanças ocorridas nos conflitos interpessoais de adolescentes e das mudanças em seu relacionamento durante o processo psicoterápico. O método CCRT foi aplicado em uma amostra de 10 adolescentes como um dos instrumentos. Foi solicitado que os pacientes descrevessem quatro episódios relacionais após oito ou nove meses de tratamento retratando relacionamentos significativos com pessoas importantes, como seus pais e o terapeuta. A *Relationship Anecdote Paradigm* - RAP (Luborsky, 1998b) foi usada para coletar as narrativas para compor o Modelo de Relacionamento Central Conflituoso- CCRT. Os resultados mostraram ter havido mudanças no relacionamento com os pais e com o terapeuta no decorrer dos nove meses de terapia.

Em relação aos pais o desejo de permanecer fechado que apareceu na primeira entrevista como uma condição primária, passou para um lugar secundário na segunda entrevista, o componente Resposta do Outro, passou de con-

trolador para crítico e “eles não me compreendem”, em Resposta do Eu também pode ser observada mudança significativa, os termos irritado, confrontador foi sendo substituído por: sentimentos prazer, bom e menor quantidade de respostas agressivas. Quanto ao terapeuta, observou-se uma mudança significativa quando o Desejo de ser ajudado e ser compreendido, foi sendo substituídos por ser compreendido e estar distante.

Obteve-se, portanto, na segunda entrevista que ocorreu um tempo depois da primeira uma série mais balanceado de respostas, demonstrando maior interação com os pais, assim como o aparecimento de uma postura mais crítica do que era realmente importante ou útil. O desejo de ser ajudado apareceu como um novo desejo (Tishby & cols., 2007). Para os autores, as mudanças percebidas são significativas, eles, no entanto ressaltam que por sua amostra ser muito pequena (10 adolescentes) os resultados não são suficiente para que possam ser generalizados. Pode-se, entretanto, considerar-se os resultados como muito importantes e afirmar que o CCRT contribui e é referência para os clínicos avaliarem as mudanças nos seus pacientes não dependendo somente de suas intuições.

Sommerfeld, Orbach, Zim e Mikulincer (2008) apresentaram um estudo exploratório, em que examinaram: (a) a relação entre as rupturas na aliança de trabalho e o surgimento do CCRT de pacientes, baseado no discurso das sessões de psicoterapia, e b) a relação entre rupturas da aliança de trabalho e a evolução após o término das sessões.

A hipótese proposta foi que a ruptura nas alianças de trabalho em algumas seções fazem emergir alguns componentes centrais disfuncionais dos esquemas interpessoais dos pacientes nesta seção. Estes esquemas disfuncionais

foram compreendidos para efeito do trabalho a partir dos componentes do CCRT –D, RE, RO- para a psicodinâmica estes conceitos possibilitam compreender os diversos relacionamentos inclusive os conflituosos e os com o terapeuta (Sommerfeld & cols., 2008).

Baseado nos relatos dos pacientes “foi explorada a ocorrência das rupturas na aliança de trabalho e os CCRTs dos pacientes e a evolução pós sessões” (Sommerfeld & cols., p. 386, 2008). Os resultados indicaram haver relações diretas entre os CCRTs dos pacientes e os relatos de ocorrências de rupturas na aliança de trabalho durante as sessões, em especial quando as ocorrências apresentaram situações de confronto direto com o terapeuta (Sommerfeld & cols., 2008). Outro importante achado foi a de que os relatos dos pacientes, tomados pós sessões onde ocorreram rupturas é de menor conforto emocional. Fica evidente que no momento da ruptura o cliente demonstra um certo domínio intrapsíquico, isto pode ser verificado pelo surgimento dos CCRTs destes sujeitos, no entanto, esta ruptura –direcionada ao terapeuta- causa-lhe, pós sessão, intranqüilidade emocional (Sommerfeld & cols., 2008). O trabalho, no entanto, não conseguiu captar o porquê há o aparecimento dos CCRTs dos sujeitos quando das rupturas, ainda não foi possível investigar como o discurso terapêutico, a duração da sessão, suavidade e profundidade é modificado em diferentes contextos em que ocorrem ruptura. Os resultados do estudo atual fornecem novas e importantes informações, quando da existência da ruptura da aliança de trabalho na sessão, sobre como se estabelecem as correlações entre clientes e terapeutas (Sommerfeld & cols., 2008).

Drapeau e Perry (2009), utilizando o CCRT analisaram as possíveis relações entre modelos de relacionamento e Distúrbios da Personalidade Borderli-

ne (DPB) obtidas a partir dos escores das narrativas de 68 sujeitos com DPB e comparados aos de 139 com outros tipos de desordem de personalidade, demonstraram que pacientes com Distúrbio de Personalidade Borderlines (DBP) têm mais desejo de se manter distante e de gostar do outro e mais desejos de se ferir e ferir o outro, outros eram vistos como controladores e ruins, e os pacientes borderlines eram menos abertos, menos disponível e auto-confiante do que aqueles sem DBP. Os resultados da pesquisa apontaram que o CCRT pode é eficaz no apoio ao t tratamento dos Distúrbios de Personalidade Borderline, pois, é possível identificar a partir das narrativas dos pacientes o seu C-CRT. Desejos, Resposto do Outro e Resposta do Eu emergem possibilitando sua avaliação (Drapeau & Perry, 2009).

A revisão apresentada, não tem o objetivo de ser completa, ela objetiva mostrar a força e a importância do trabalho desenvolvido por Luborsky e seus colaboradores. Uma revisão detalhada não se aplicaria aqui, visto que o objetivo deste trabalho está no Questionário de Relacionamento Central- CRQ (Barber & cols., 1998). Porém, não se poderia falar deste instrumento sem uma prévia análise dos trabalhos em torno do CCRT. Pode se verificar assim, que o método desenvolvido por Luborsky tem servido como parâmetro de comparação para instrumentos de medida em psicologia já conhecidos ou em desenvolvimento, além naturalmente de ser um instrumento clínico que trouxe uma enorme contribuição aos profissionais da saúde mental.

O Questionário de Relacionamento Central (CRQ) é um instrumento de auto-relato e foi concebido para medir o padrão de relacionamento central conflituoso. Ele diferencia-se do método CCRT trazendo novas alternativas para a pesquisa neste campo.

Estudos de padrões relacionais em estudantes universitários

Na universidade brasileira, como em muitas outras partes do mundo encontra-se uma grande quantidade de pessoas que embora, busquem sua qualificação profissional, também estão estabelecendo relacionamentos afetivos de diversas formas. Astin (1997, citado por Diniz & Almeida, 2005) “considera mesmo que o envolvimento é a mais importante condição para uma boa adaptação universitária, surgindo as vivências acadêmicas não estritamente curriculares como fatores favoráveis à integração e ao envolvimento universitário” (p. 461).

As vivências acadêmicas, extracurriculares, podem ser compreendidas inclusive no âmbito do relacionamento amoroso. Independentemente de situações que envolvam namoro ou casamento, os relacionamentos de amizade e cumplicidade tendem a surgir. Na universidade, o alunado se vê diante de uma série de cobranças, eles estão sendo postos diante de novas realidades no que tange a uma nova postura pessoal que o leve a uma postura profissional diferente daquele que vem apresentando, no entanto, as suas relações interpessoais estão calcadas no que desenvolveu na infância (Luborsky & Crits-Christoph, 1998), tendo assim um *script* que vai conduzi-lo ao longo de sua vida. As mudanças exigidas, no entanto, devem ser cumpridas podendo surgir daí conflitos de relacionamento.

Estudos sobre o relacionamento interpessoal, dos estudantes, dão conta do quão importante ele é para o desenvolvimento do aluno do curso superior. Os estudos de Miranda (2005), a partir de conceitos psicanalíticos, propõem que o aluno estabelece um dado relacionamento com o professor o qual influencia sua vida e suas tomadas de decisão, “desta maneira, através do vínculo com

o professor num processo de identificação seria possível o aluno fazer suas escolhas profissionais e de relações pessoais” (Miranda, 2005, p,8). A autora segue em seu trabalho mostrando que este relacionamento que o aluno estabelece com o professor tem tanta significância a ponto de mudar os rumos de suas escolhas, encontra sua fonte no processo transferencial. Um professor pode servir como modelo para um aluno que endereça seus interesses -devido ter se tornado seu objeto de transferência- (Miranda, 2005). Percebe-se assim, na relação professor aluno, o surgimento de novos relacionamentos que poderão influenciar sua vida em todos os seus matizes.

O período em que o aluno se encontra na universidade preparando para assumir suas atividades profissionais “constitui-se em um tempo, onde os alunos vivem a experiência de se conhecer como parte do ir se preparando para ser profissional” (Oliveira e Ciampone, 2006, p.11). Nestas observações, os autores mostram a existência dos relacionamentos bons e conflituosos e como eles, estudantes, os transferem para a figura do professor. Outro trabalho oportuno foi desenvolvido por Bariani e Pavani (2008). As autoras dão neste caso foco à relação aluno-aluno sem deixar escapar a relação professor-aluno, pois este faz parte da dinâmica dos grupos acadêmicos (Bariani & Pavani, 2008). Até mesmo a permanência ou não do estudante na universidade pode estar vinculada ao sucesso dos seus relacionamentos.

O relacionamento entre os alunos pode ser percebido de forma clara, e também como eles podem ou não motivá-lo, até mesmo, para participarem das aulas (Bariani & Pavani, 2008). O relacionamento interpessoal está em formação pode constituir e influenciar suas escolhas futuras no âmbito das profissões e de sua vida não descartando o surgimento de relações amorosas. As ativida-

des acadêmicas e as não acadêmicas em interação fazem parte da integração dos relacionamentos que os estudantes desenvolvem com seus colegas e professores (Diniz & Almeida, 2005).

Questionário de Relacionamento Central –CRQ

O método CCRT, reconhecido como uma ferramenta eficaz na identificação dos padrões de relacionamento tem sido utilizado na clínica e em pesquisas mostrando-se, no entanto, trabalhoso e caro quando orientado para pesquisa em grande escala (Barber, Foltz & Weinryb, 1998). Dentre as dificuldades encontradas está a necessidade de se transcrever enorme quantidade de dados e posteriormente submetê-los à apreciação de juízes independentes e experientes. Esta constatação feita por Jackes Barber e outros pesquisadores levou-os a desenvolver um instrumento de auto-relato que permitisse sua aplicação em grandes grupos em que a estrutura do método CCRT fosse preservada. Este novo instrumento é o Questionário de Relacionamento Central – CRQ (Barber & cols., 1998) (Anexo C).

Para o desenvolvimento do CRQ, em sua primeira versão, os autores utilizaram parte das categorias padrão apresentadas por Luborsky. Eles se valeram também de uma revisão na literatura o que possibilitou atualizar os conceitos de Luborsky. Contaram ainda com a participação de pesquisadores e clínicos experientes, os quais contribuíram com a geração de novos itens - sinônimos das categorias apresentadas por Luborsky – estes novos itens tiveram o propósito de suplementar as categorias já existentes para os componentes: Desejo, Resposta do Outro e Resposta do Eu (Barber & cols., 1998).

Cada item proposto foi avaliado e pontuado por juízes independentes, com a ajuda de uma escala de pertinência que variava entre 1 e 5 pontos. Foi estabelecido o critério, para o uso da escala, que se os itens receberem pontuação entre 4 e 5, por três dos quatro diferentes juízes, seriam mantidos. Esse procedimento foi repetido por três vezes. Um total de 355 itens foi desenvolvido (Desejos 127 itens, RO 113 e RE 120). Formulados os itens, eles foram aplicados em uma amostra de 197 estudantes universitários americanos com o objetivo de verificar a consistência interna de cada subescala por meio do alfa de *Cronbach*. Itens com “alfas de *Cronbach* abaixo de 0,4 (por definição dos autores) em relação ao total da escala foram excluídos” (Barber & cols., p. 133, 1998).

Além do procedimento de geração de itens e da análise de sua consistência interna, a correlação item-total foi também efetuada. Os procedimentos foram repetidos em mais três amostras subseqüentes usando-se versões diferentes do CRQ. Para estas reaplicações foram usadas amostras de 57, 66 e 44 sujeitos respectivamente. O número de itens avaliados por estes participantes chegou a 935, 782 e 980 respectivamente. Este procedimento buscava itens que apresentassem as melhores propriedades psicométricas. Este número de itens por subescala foi sendo reduzido até que emergissem subescalas com significativa consistência interna, ou seja, os alfas de *Cronbach* deveriam ficar acima de 0,60.

Os autores definiram que somente seriam mantidos itens em que a correlação (teste-reteste) não ficasse inferior a 0,40. Uma proposta inicial do CRQ foi então “elaborada e serviu como piloto para o desenvolvimento de sua primeira versão” (Barber & cols., p. 133, 1998). Os estudos resultaram em uma versão

com três componentes divididos em 65 itens para o componente Desejo; 51 para a RO e 64 para RE correspondendo a um total de 180 itens.

O total de itens encontrados se subdividiram em oito subescalas para Desejo (ser suportivo, ser bom para o outro, ser independente, estar em conflito, ser reconhecido, ser amado, ser honesto, ser sexi), o componente RO em seis subescalas (ferir-me, amar-me, ser independente, controlar-me, estar fora de controle, ser sexi) e o componente RE em oito subescalas, (sentir-se valorizado, cuidar do outro, sentir-se ansioso, sentir-se desligado, ter sucesso, evitar conflitos, ser independente, ser sexi), (Anexo B). Cada item foi respondido com pontuações variando entre 1 (nenhuma relação com o respondente) e 7 pontos (sempre ocorre com o respondente) de acordo com uma escala do tipo *Likert* (Barber & cols., 1998).

Para os estudos de validade e confiabilidade os autores usaram três amostras diferentes, uma com estudantes universitários (n=315) uma com pessoas da comunidade com diagnósticos segundo o DSM-III-R (96 participantes) e para o reteste uma amostra de estudantes (n=54) de uma universidade americana (Barber & cols., 1998). Para a estimativa da validade convergente e divergente, foi utilizado o *Inventory of Interpersonal Problem- IIP* (Horowitz & cols., 1988). O IIP assim como o CRQ avalia características da personalidade. Outros instrumentos de medida utilizados pelos autores foram o *Beck Depression Inventory- BDI* (Beck, Ward, Mendelson, Mock, & Erhaugh, 1961), o *Sympton Checklist 90-R SCL-90-R* (Derogatis, 1977) e o *NEO- Five Factor Inventory- NEO- FFI* (Costa & McCrae, 1991).

Para a aplicação do CRQ é solicitado que o respondente pontue as afirmações (itens de cada subescala) segundo escala *Likert* com variação de 1 a 7

pontos (sendo 1, indicador de que o sujeito discorda da afirmação e 7 que concorda totalmente com ela). Os itens apresentam conotação positiva e negativa (Anexo D); espera-se que o sujeito dê a menor pontuação possível para o item com conotação negativa, pois uma pontuação alta indica uma situação ruim. Espera-se ao contrário, que os itens com conotação positiva obtenham altas pontuações. Independentemente de o item ter conotação negativa ou positiva ele deve se correlacionar com os outros itens e com o instrumento que serve de critério para sua validação (Barber & cols., 1998)

No componente Desejo dos 65 itens analisados, 49 foram considerados adequados segundo os critérios acima estabelecidos. Os auto valores variaram de 1,34 à 22,68 determinando sete subescalas para este componente (ser suportivo, ser independente, estar em conflito, ser reconhecido, ser confiável, ser sexi e não ser abandonado). Alguns itens das subescalas variaram em relação a escala inicial (desejo de ser amado, sentir-se bem, e ser apoiador) dando origem as subescalas: não ser abandonado, e ser suportivo (Barber & cols., 1998).

O componente Resposta do Outro inicialmente com 51 itens quando submetido a análise fatorial apresentou sete subescalas (ferir-me, amar-me, ser independente, ser controlado, estar no controle, ser ansioso, ser sexi). Os auto valores variaram entre 1,32 a 15,49 originando um fator com 39 itens dentro dos critérios propostos. A única nova subescala surgida foi a ser ansioso; as demais se mantiveram coma a primeira versão (piloto) do CRQ (Barber & cols., 1998).

O terceiro componente Resposta do Eu que originalmente contou com 64 itens, após a análise fatorial apresentou 51 itens conforme o critério de inclu-

são. Os auto valores variaram entre 1,32 e 20,85 finalizando com oito subescalas (sentir-se valorizado, cuidar do outro, sentir ansioso, sentir-se desligado, estar em conflito, ser independente, ser sexi e ser dominado). A subescala ter sucesso, do original, desapareceu e uma nova subescala ser dominado formou-se a partir da migração de itens (Barber & cols., 1998).

O estudo para determinar a consistência interna das subescalas indica que cada componente do CRQ (D, RO, RE) pode se diferenciar entre vários fatores e que as subescalas derivadas destes fatores demonstram aceitável consistência interna; variaram entre 0,78 e 0,95 para as sete subescalas Desejo (M = 0,90); entre 0,82 e 0,95 para RO (M = 0,88) e 0,71 à 0,94, (M = 0,89) para RE (Barber & cols., 1998).

A estabilidade do escores foi testada após um ano de sua primeira aplicação. Para a precisão de teste reteste foi utilizado o coeficiente de correlação de Pearson (Barber & cols., 1998) que correlacionou os escores obtidos nos dois momentos diferentes. Para esta finalidade uma amostra (n= 54) um ano após a aplicação foi novamente solicitada a responder o CRQ. Utilizando o coeficiente de *Pearson* reestabilizado a partir do coeficiente de transformação *z de Fischer*, obtiveram-se as correlações entre as duas aplicações. Para o componente Desejo a correlação entre as duas aplicações apresentou coeficiente igual a 0,65; Resposta do Outro também obteve correlação significativa (r= 0,66), da mesma forma para Resposta do Eu a correlação (r= 0,63). Foi ainda utilizada, para confirmação, as correlações de *Spearman* cujos resultados para Desejo foi uma Média= 0,57; para Resposta do Outro, M= 0,56 e Resposta do Eu a M= 0,63, como ela foram semelhantes às de *Pearson* serviram para confirmar os resultados (Barber & cols., 1998).

A MANOVA também serviu para averiguar a estabilidade temporal das escalas, com isto pode-se avaliar o quanto a média dos escores das subescalas variaram no tempo. Os resultados mostraram altos escores nos itens com conotação negativa e inversamente nos positivos. Para a aplicação da MANOVA os autores decidiram usar algumas das subescalas de cada componente assim, para D usaram a subescala não ser abandonado, para RO as subescalas: ferir-me e amar-me e para RS sentir-se valorizado, ajudar o outro, sentir-se ansioso, sentir-se desligado e evitar conflitos” (Barber & cols.,p.138,1998).

Os resultados do teste F mostraram significância média para o grupo ($F(8,400) = 7,14, p < 0,001$). Os alfas foram divididos pelo número de univariáveis encontradas no teste F e estabelecido como ponto de corte 0,0063. Conforme previsto os testes revelaram que o grupo de diagnóstico pontuou significativamente nas subescalas negativas ferir-me, sentir-se ansioso, sentir-se desligado e teve escores significativamente mais baixos nas subescalas positivas .

Para o grupo de alunos e o grupo diagnóstico as subescalas que diferenciaram da previsão foram as subescalas de D, não ser abandonado ($F(0,70) ; p=0,203$) e a subescala de RE evitar conflitos ($F(4,10); p=0,022$)

Para a subescala desejo o resultado foi significativo $F(1,52) = 11,62, p < 0,01$. Os resultados de F apontaram que a média dos escores decresceram ao longo de 1 ano, para cinco das 7 subescalas (ser suportivo, ser reconhecido, ser verdadeiro, ser sexi e não ser abandonado) (Barber & cols., p.136, 1998).

Diferente do que ocorreu com Desejo, para as subescalas Resposta do Outro e Resposta do Eu a MANOVA, no período compreendido de um ano (dis-

tância entre o tempo 1 e o tempo 2), não apresentou variações significativas (RO ou RS = $F_s(1,52) = 0,61$ e $1,95$ respectivamente, o que permite dizer que as subescalas RO e RE permaneceram consistentes ao longo do tempo (Barber & cols., 1998).

O resultado com o teste F levou os pesquisadores a proceder um novo exame, desta vez utilizaram uma extensão do coeficiente de correlação de Pearson, o coeficiente de correlação e concordância de *Lins* (1992), foram encontrados correlações significantes (variando de 0,36 a 0,68) e quando convertidas para os escores z de *Fisher* as correlações de concordância de *Lins*, foram 0,58 para Desejos, 0,64 para Resposta do Outro e 0,61 para Resposta do Eu, indicando que as correlações se mantiveram positiva e foram significantes para demonstrar seu comportamento ao longo de um período de 365 dias, mesmo considerando as discrepâncias entre suas médias (Barber & cols., 1998).

As escalas do CRQ foram comparadas com as do IIP. O componente Desejo apresentou correlações pouco significantes (variando entre 0,19 e 0,25; $M=0,01$). Algumas das subescalas do componente, conforme esperado pelos autores correlacionariam positivamente com subescalas do IIP. Estar em conflito do CRQ com Dominar (0,23) e Vingativo do IIP (0,20); estar em conflito, não correlacionou negativamente com não assertivo do IIP (0,11); ser suportivo do CRQ estabeleceu uma correlação negativa com ser vingativo (-0,14) e não conseguiu estabelecer uma relação negativa significativa (0,4) com ser carinhoso (Barber & cols., 1998).

Resposta do Outro foi também analisada correlacionando com o IIP. A subescala ferir-me e amar-me do CRQ correlacionou positiva e negativamente, conforme esperado com a pontuação média do IIP ($M=0,13$ e $-0,15$ respecti-

vamente). Controlar-me correlacionou positivamente com não assertivo e explorável (0,26 e 0,27) do IIP (Barber & cols., 1998).

Em resposta do Eu a média dos escores do IIP correlacionaram negativamente com as subescalas com tom negativo sentir valorizado e ser independente (-0,19 e -0,33); em sentir-se ansioso e desligado houve correlação positiva (0,29 e 0,35); as subescalas cuidar do outro associou-se negativamente com ser vingativo e ser frio do IIP (-0,20 e -0,25) e ao contrário do esperado não se relacionou com ser carinhoso (-0,01) do IIP. As subescalas estar dominado do CRQ estabeleceu positiva associação com a escala estar dominado do IIP (0,34) não mostrando, no entanto, a esperada associação negativa com não assertivo ou ser explorado do IIP (0,02 e 0,03) e finalmente estar em conflito não estabeleceu uma correlação significativa (0,10 e 0,12), embora positiva, com ser explorado ou não assertivo do IIP (Barber & cols., 1998).

. Ainda com o objetivo de avaliar a validade convergente e divergente o componente Resposta do Eu foi correlacionado com outros instrumentos que medem sintomas psiquiátricos (SCL 90 R e NEO FFI, BDI, BAI). Conforme esperado sentir-se ansioso correlacionou positivamente com neuroticismo do NEO FFI, (0,31) com sintomatologia psiquiátrica do SCL-90 R (0,26), com depressão do BDI (0,30) e não correlacionou significativamente, conforme esperado, com a ansiedade (0,19) do BAI (Barber & cols., 1998).

Os autores concluíram que as propriedades psicométricas do CRQ demonstraram que o instrumento consegue identificar os modelos de relacionamento, apresentou aceitável consistência interna, validade de teste reteste e frequentemente diverge e converge, conforme o previsto, com sintomas e problemas interpessoais (Barber & cols., 1998). Segundo os autores os resultados

foram encorajadores quando demonstraram que o CRQ é um instrumento adequado para identificar os conflitos de relacionamento. Acreditam ainda que a ocorrência de novas pesquisas permita aprofundar as propriedades psicométricas melhorando a qualidade do CRQ (Barber & cols., 1998).

Weinryb, Barber, Foltz, Göransson e Gustavsson (2000), na Suécia, a partir da proposta de Barber e cols. (1998) avaliaram o CRQ em uma amostra composta por 31 homens e 60 mulheres, todos estudantes universitários suecos, comparando os resultados com as respostas de uma amostra de pacientes da mesma nacionalidade, formada por 15 homens e 15 mulheres e uma amostra de estudantes americanos distribuída em 49 homens e 49 mulheres. O estudo teve quatro objetivos: o primeiro foi testar a consistência interna da versão sueca de cada subescala do CRQ uma vez que o modelo original (Barber & cols., 1998) sofreu adaptações para a população sueca; o segundo objetivo foi verificar a validade convergente e divergente e um terceiro objetivo visava verificar se havia discriminação entre os grupos de estudantes e de pacientes. Verificaram ainda estereótipos culturais, por exemplo, a idéia de que os estudantes suecos são mais abertos nas questões relacionadas com sexo.

O IIP foi também utilizado neste estudo. O IIP e o CRQ foram adaptados gerando uma versão que atendia à população sueca. No caso do IIP, foram utilizados 64 itens dos 127 que o compõem. Os estudantes suecos completaram o questionário voluntariamente, já os pacientes responderam como parte de sua avaliação anual e os estudantes americanos com a informação que estavam participando de um estudo sobre relacionamento interpessoal, foram aplicados os dois testes nas duas populações (Weinryb & cols., 2000).

A correlação de *Pearson* foi utilizada verificando-se que as subescalas interrelacionavam-se conforme o modelo original, ou seja as de conotação positiva com as positivas e as negativas com as negativas. Algumas subescalas apresentaram correlações muito altas (Desejo: ser suportivo com ser sexual (0,75); Resposta do Outro: ferir-me e amar-me (-0,70), ferir-me com fora de controle (0,71); Resposta do Eu: sentir-se valorizado com sentir-se ansioso (0,70)). A subescala que demonstrou uma baixa correlação foi a estar dominado em Resposta do Eu (0,05, -0,20, -0,02, 0,29, 0,01, 0,08, 0,18, 1,00), no entanto, elas não diferenciaram significativamente do modelo original, assim como as demais o que permite considerar o CRQ utilizado na Suécia similar, quanto as correlações das subescalas com a original (Weinryb & cols., 2000).

Essa nova versão do CRQ demonstrou possuir aceitável consistência interna. No estudo com os universitários os alfas ficaram entre 0,84 e 0,89 e na amostra clínica variaram entre 0,88 e 0,90 (Weinryb & cols., 2000). Para a validade de convergente e divergente, os autores utilizaram as escalas do IIP, seguindo o modelo proposto por Barber e cols. (1998), eles optaram por comparar suas matrizes de correlação com as matrizes de correlação do estudo original. Constataram que de 198, 174 correlações seguiram a mesma direção (88%). As demais que correlacionaram em sentido oposto (24) envolvendo D, apresentaram correlações não significantes (-0,10 a 0,10) em 17 casos. Para confirmar os estudos, a *Kruskal-Wallis Test* foi utilizada para comparar as médias das duas matrizes sugerindo correlações não significativamente diferentes ($\chi^2=1,55$, $gl=198$) entre as duas amostras (Weinryb & cols., 2000).

Finalizando o estudo de validade convergente e divergente encontraram a raiz quadrada das médias residuais das diferenças nas correlações que cor-

respondem as duas amostras. Segundo Colen (1987) este tipo de comparação deve resultar em um valor menor que 0,10. No caso presente os autores encontraram uma correlação de 0,10 o que permitiu concluir que o CRQ utilizado na Suécia não apresenta significativas diferenças, apontando assim que pode identificar modelos de relacionamento conforme o original (Weinryb & cols., 2000).

A validade discriminante entre estudantes e pacientes suecos foi também analisada. Cada componente foi avaliado independentemente, visto que foram originalmente assim concebidos. Para o componente Desejos, o resultado da análise apresentou variância significativa em suas sete subescalas mostrando haver interação entre o grupo e D ($F(3,06), 6,120, p < 0,01$) embora a interação entre sexo e D ($F(1,95), 6,120, p < 0,10$) e a interação entre o grupo, Sexo e Desejo ($F(1,22), 6,120, p < 0,01$), e a covariável Idade ($F(0,40), 2,115$) não foram importantes, isto demonstra que há diferenças significativas entre os escores dos grupos, conforme esperado (Weinryb & cols., 2000).

No componente Resposta do Outro o estudo resultou em uma interação significativa entre o grupo e RO ($F(2,41), 6,120, p < 0,05$), porém, as interações entre sexo e RO ($F(1,88), 6,120, p = 0,08$), as interação entre Grupo, Gênero e RO ($F(0,85), 6,120$) e a covariável idade ($F(0,48), 2,115$) não foram significativas. Os estudos, sugerem que os “pacientes ambulatorias percebem seus parceiros românticos significativamente menos amorosos e sexi em comparação com os estudantes” (Weinryb & cols., p. 208, 2000). A única exceção obtida foi na subescala ser independente de RO, aqui os pacientes suecos tenderam a escolha maior dos escores negativos ($M = 5,58, DP = (+-) 0,76$) do que demonstram os estudantes, mesmo assim não significante (Weinryb & cols., 2000).

Da mesma forma, para Resposta do Eu o resultado das oito subescalas sugeriu que as interações entre grupo e RE ($F(3,70)$, 7,120, $p < 0,001$), e entre gênero e RE ($F(4,13)$, 7,120, $p < 0,001$) foram significativos. A interação entre o grupo, Gênero e RE ($F(1,68)$, 7,120, $p < 0,12$), e para a covariável Idade ($F(2,74)$, -2,115, $p=0,07$) não foram significativas. Nenhuma das comparações para a interação entre sexo e subescala RE foram significativos; a interação entre RE e o Grupo revelou que os pacientes ambulatoriais relataram que se sentiram significativamente mais ansiosos, não gostam e fogem do conflito e também se sentiram significativamente menos valorizadas e menos sexis com seus pares romântico do que os alunos o que é esperado (Weinryb & cols., 2000).

A amostra entre estudantes suecos e norte americanos também passou por procedimentos estatísticos buscando a validade discriminante. Para o componente Desejo, o resultado da análise de sete subescalas rendeu significativas interações entre o país e desejos ($F(4,55)$, 6,188, $p < 0,001$), Desejo e Sexo ($F(4,28)$, 6,188, $p < 0,001$), bem como um número significativo de interação entre o País, Gênero e Desejo ($F(2,70)$, 6,188, $p=0,05$), porém, a covariável Idade ($F(0,27)$, 2,188) não foi significativa. Uma interação importante entre o país, sexo e desejo revelou que homens suecos pontuaram significativamente mais alto nas escalas do componente desejos: ser sexi ($M = 6,59$, $DP = (+-) 0,64$) e ser reconhecido ($M = 6,09$, $DP = (+-) 0,97$) do que os homens americanos ($M = 6,06$, $DP = (+-) 0,98$ e $M = 5,08$, $DP = (+-) 1,52$ respectivamente), enquanto mulheres suecas apresentaram, em média, escores significativamente mais altos no Desejo estar em conflito ($M = 2,20$, $DP = (+-) 0,83$) do que as mulheres ($M = 1,42$, $DP = (+-) 0,58$) americanas (Weinryb & cols., 2000).

O componente Respostas do Outro, também demonstrou significativas interações entre o País e RO ($F(5,60)$, 6,188, $p < 0,0001$) entre Gênero e RO ($F(6,34)$, 6,188, $p < 0,0001$). A interação de três vias entre o País, Gênero e RO ($F(2,18)$, 6,188, $p < 0,05$) foi marginalmente significativa. A covariável idade não foi significativa ($F(0,30)$, 2,115). As interações significativa entre País, Sexo, e RO sugeriram que as mulheres americanas classificam os seus parceiros românticos, significativamente superior, na subescala amar-me ($M = 6,13$, $DP = (+-) 0,70$) do que as mulheres suecas ($M = 5,48$, $DP = (+-) 0,90$) (Weinryb & cols., 2000).

Os resultados obtidos para as oito subescalas do componente Resposta do Eu produziram resultados significativos nos dois sentidos entre o País e a RE ($F(10,14)$, 7,188, $p < 0,0001$), Gênero e RE ($F(3,63)$, 7,188, $p < 0,01$). As interações entre o país, Gênero e RE ($F(0,70)$, 7,188) e a covariável idade ($F(2,67)$, 2,115, $p < 0,10$) não foram significativas. A interação entre o País e RE sugeriu que os estudantes norte-americanos pontuaram significativamente em níveis mais elevados nas subescalas de RE ser independente ($M = 5,63$, $DP = (+-) 1,01$), cuidar do outro ($M = 6,04$, $DP = (+-) 0,70$) e evitar conflitos ($M = 4,27$, $DP = (+-) 1,53$) em relação a amostra de alunos suecos (Weinryb & cols., 2000).

Com base nos estudos os autores sugerem que o CRQ “pode ser utilizado, tanto na clínica como em pesquisas, pois, mostrou-se eficaz para “indicar quantitativa e qualitativamente mudanças nos modelos de relacionamento interpessoal” (Weinryb & cols., p. 211, 2000) durante e após a psicoterapia, além de estabelecer correlações significantes que apontam para um instrumento confiável (Weinryb & cols., 2000).

Um estudo mais recente foi realizado por McCarthy, Gibbons e Barber (2008) com o objetivo de verificar a existência de associações entre a rigidez, de acordo com o DSM-IV, e sua relação com o funcionamento psicológico dos sujeitos. Uma versão modificada do CRQ foi utilizada neste estudo (McCarthy & cols. 2008). Três objetivos nortearam as ações para revisar o CRQ: a) aumentar o número de dimensões interpessoais; b) revisar e reduzir o número de itens do CRQ; c) revisar as intercorrelações das subescalas, com base em seu estudo piloto e nos dados colhidos do CRQ original (McCarthy & cols., 2008).

Quanto ao primeiro objetivo os autores entenderam que o relacionamento interpessoal é muito importante na vida das pessoas e que a metodologia até então utilizada não capta relacionamentos menos intensos ou não recorrentes, mas também profundamente importantes. Para tal, criou-se uma lista dos Desejos, Respostas do Outro e Resposta do Eu que fossem representativos, as categorias padrão do Modelo de Relacionamento Central Conflituoso *CCRT* (Luborsky & cols., 1998) serviu como referência para dar início a nova lista; 1783 episódios clínicos de uma amostra de 93 pacientes contribuíram para a formação desta listagem. A lista de categorias foi apresentada a três psicólogos clínicos e um assistente de pesquisa para que avaliassem seu grau de representatividade e se necessário propusessem novas categorias (McCarthy & cols., 2008).

Sete juízes (cinco doutorandos e dois graduados) analisaram os itens. Sua contribuição foi importante, pois para cada item elaboraram uma explicação e observaram se havia sinônimos, excluindo-os. Originou-se uma lista com 980 itens que foi aplicada em estudantes universitários (n=167). Uma análise fatorial determinou a manutenção ou exclusão de itens desde que sua consistência

fosse moderadamente significativa ($\alpha > 0,70$) ou se apresentassem semelhança com o original. Chegaram a uma versão com 14 subescalas para D com 71 itens, 10 subescalas para RO com 56 itens e 13 subescalas para RE com 58 itens. Esta versão com 185 itens foi novamente submetida a uma amostra ($n=699$; 567 universitários e 132 distribuídos entre funcionários e pacientes) os resultados daí obtidos foram submetidos a nova análise fatorial exploratória. Estabeleceu-se os critérios de escolha ($\alpha > 0,70$ e *auto valores* > 1) originando daí 12 escalas para D, 8 para RO, e 13 para RE. A subescala desejo ser reconhecido e ser solidário, incorporaram itens de ser narcisista e da subescala sentir-se bom para os outros. As subescalas RO sentir-se doloroso e ser submisso incorporou itens de não ser verdadeiro e ferir-me. A subescala ajudar-me não apareceu (McCarthy & cols., 2008).

Para o segundo objetivo, reduzir o número de itens foram eliminados aqueles considerados redundantes ou julgados como similares por dois psicólogos clínicos. Ainda foram mantidos os que apresentaram forte correlação ($r > 0,40$) e que apresentasse baixa correlação com outras escalas ($r < 0,15$) quando comparado o item com a escala total. Tendo sido gerado 101 itens (40 D, 23 RO, e 38 RE), retornando às quantidades propostas no CRQ original (McCarthy & cols., 2008).

O terceiro objetivo que foi revisar as intercorrelações das subescalas, do novo modelo que emergiu com os dados colhidos do CRQ original. Os autores utilizaram análise fatorial confirmatória. Neste modelo uma nova configuração surgiu, foram considerados os itens com carga fatorial que representassem especificamente D, RO e RE. Itens que receberam cargas menores foram considerados de segunda ordem e deram origem aos fatores de segunda ordem os

quais representam novos modelos de relacionamento. Apenas uma subescala, de D, ser sexi não apresentou subcomponentes (McCarthy & cols., 2008).

Fora utilizado o *Comparative Fit Index* (CFI) cujos valores acima de 0,90 representam um bom dado, *Root-Meansquare Error Of Approximation* (RMSEA) o qual indica que valores de 0,05 para menos são considerados bons e de 0,08 para baixo são considerados adequados. O que se verificou é que 92% das análises feitas por RMSEA exibiram valores aceitáveis (0,08 ou menos) e metade das análises do CFI apontaram valores acima de 0,90 (variando entre 0,84 e 0,95) (McCarthy & cols., 2008).

Por último foram analisadas as intercorrelações entre os fatores de segunda ordem (D, $r = 0,11$; para RO, $r = 0,01$; para RE, $r = 0,01$) cujas médias foram menores do que as médias para cada componente do CCRT quando comparados com as médias (para D, $r = 0,21$; para RO, $r = 0,06$; para RE, $r = 0,40$) das subescalas, o que demonstrou ser um instrumento adequado para mensurar os dados de relacionamento (McCarthy & cols., 2008).

Para a realização do objetivo do estudo foram utilizados neste trabalho, além do novo modelo do CRQ, o *Global Assessment of Functioning Scale-GAF* (*American Psychiatric Association, 2000*), o *Inventory Interpersonal Problem-IIP* (Horowitz et al., 2000) e o *Brief Symptom Inventory-BSI* (Derogatis & Melisaratos, 1983). Os dados extraídos possibilitaram concluir que alta rigidez correlaciona-se com baixos sintomas e alto nível de funcionamento interpessoal, diferindo de suas expectativas e do que é comumente entendido pelos clínicos, também encontraram correlação negativa entre rigidez e sintomas (McCarthy & cols., 2008).

O estudo se balizou nos transtornos de personalidade definidos pelo DSM IV como transtornos específicos da personalidade, nos transtornos mistos, outros transtornos da personalidade e as modificações duradouras da personalidade que aparecem profundamente enraizadas e se manifestam sob a forma de reações inflexíveis a situações pessoais e sociais de natureza muito variada (McCarthy & cols., 2008). Os estudos mostraram que o CRQ é um instrumento com boa consistência interna e que pode ser utilizado para medidas de relacionamento interpessoal e ainda vir a contribuir no futuro com pesquisas sobre a rigidez e os modelos de relacionamento, assim como poderá ser útil para as pesquisas em psicoterapia e para o uso clínico (McCarthy & cols., 2008).

No Brasil o grupo de Pesquisa em Psicoterapia Breve Psicodinâmica: Avaliação de Mudança e Instrumentos de Medida, do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas vem desenvolvendo estudos o objetivo de verificar as propriedades psicométricas do CRQ para a população brasileira. A versão do CRQ utilizada foi traduzida e adaptada para o português do Brasil por Rocha (2007), a partir da versão 6.0 da escala original.

Um dos estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisas teve como objetivo principal verificar as propriedades psicométricas do CRQ (Risso, 2010). O CRQ foi aplicado em uma amostra de 101 participantes adultos de ambos os sexos divididos em dois grupos distintos. O primeiro (amostra clínica) constou de pacientes diagnosticados como portadores de hepatite “C” crônica (n=61) correspondendo a 60,40% da amostra total, o segundo grupo (grupo controle) foi composto por acompanhantes de pacientes de diversas enfermarias de um hospital do interior do Estado de São Paulo (n=40) correspondendo a 39,60%

da amostra total, ambos os sub grupos responderam o CRQ com o auxílio do pesquisador (Risso, 2010).

O estudo realizado com os portadores de Hepatite “C” além da utilização do CRQ -também utilizou como critério externo a Escala de Avaliação de Sintomas- EAS 40 (Laloni, 2001). Para o estudo da consistência interna o autor utilizou o Coeficiente Alfa de *Cronbach* verificando o alfa de cada componente (D, RO e RE), considerando que alfas acima de 0,70 indicam boa consistência interna. O CRQ apresentou boa consistência interna com alfa variando entre 0,80 e 0,87, o autor considerou o CRQ como um instrumento com boas características psicométricas (Risso, 2010).

O estudo de validade convergente foi também utilizado por Risso (2010) para tal os três componentes do CRQ foram comparados com os quatro fatores (F1= Psicotismo; F2= Obsessividade-compulsividade; F3= Somatização e F4= Ansiedade) da EAS-40. Os resultados para o grupo total mostraram que o fato Desejo correlaciona com (F1=0,30, $p<0,05$ e com F4=0,25, $p<0,05$) não ocorrendo o mesmo com os demais componentes (F2=0,17, $p<0,05$ e F3=0,06, $p<0,05$); R) estabeleceu correlações significantes com todos os quatro fatores (F1=0,32,F2=0,25,F3=0,22, F4=0,27; $p<0,05$), RE demonstrou a melhor correlação entre os fatores (F1=0,46;F2=0,41,F4=0,30,F5=0,47, $p<0,05$). Quando verificados as correlações totais observa-se que com exceção de D que apresenta um baixo valor ($r=0,18$), RO e RE apresentam forte correlação com os componentes da EAS-40 (0,30 e 0,40 respectivamente) estes resultados demonstram, segundo o autor, que o CRQ pode ser utilizado para esta população (Risso ,2010).

O Teste de Mann Whitney foi utilizado para verificação da validade discriminante, este estudo revelou que houve diferenças significativas quando são comparados o grupo controle (D,n=40,M=2,22,DP=0,58, RO; n=40,M=2,88,DP=1,04 RE,n=40,M=2,71,DP=0,75) com o grupo diagnóstico (D, n=61, M=2,43,DP=0,68; RO, n=61,M=3,47,DP=0,99 e RE, n=61, M=3,13,DP=0,82) sendo que as probabilidades foram para D, um $p=0,106$; RE, $p=0,006$ e RE, $p=0,0180$. O autor conclui afirmando que o CRQ pode ser considerado um instrumento adequado para esta população, embora alerte para o fato de haver necessidade de novas pesquisas que aprofundem o conhecimento sobre o mesmo, aplicando-o em outras populações (Risso, 2010).

Pesquisa realizada por Silva (2009) teve como objetivo verificar evidências de validade e de precisão do CRQ junto a mulheres vítimas de violência. Para tanto utilizou o CRQ, em uma amostra composta por mulheres vitimas de violência conjugal. A autora realizou pesquisa com uma amostra (n= 54) dividida em 2 grupos . O grupo caso foi composto por 32 mulheres correspondendo a 68,75% da amostra total e o grupo controle composto por 22 mulheres correspondendo 31,25 % da amostra total. Foram então avaliadas a consistência interna através do alfa de *Crobach* a validade convergente e divergente (Silva 2009).

Os resultados encontrados para os Alfas de *Cronbach* foram de 0,83 para o componente Desejo, 0,68 para Resposta do Outro e 0,59 para resposta do Eu para o grupo controle. Na verificação do grupo não controle os alfas encontrados foram 0,80 para Desejo, 0,76 para Resposta do Outro e 0,71 para resposta do Eu. A amostra total também foi avaliada apresentando alfas de 0,82 para Desejo, 0,69 para resposta do Outro e 0,71 para resposta do Eu. Para a vali-

dade discriminante utilizando-se a EAS-40 observou-se diferenças significativas entre os grupos avaliados, o teste “t” auxiliou na análise. O resultado para o escore total de t foi $t=4,541, p=0,0001$ (Silva, 2009).

Outra avaliação foi a de validade convergente, a autora avalia através dos estudos de correlação *Pearson* os dois grupos separadamente (Caso e Controle). No grupo caso o componente D, não correlacionou com os componentes da EAS-40 ($F1= 0,01$; $F2=0,05$; $F3= -0,06$ e $F4= 0,00$), diferentemente de RO e RE que estabeleceram correlações significativas (RO, $F1=0,44, F2=0,53, F3=0,27, F4=0,26$ e RE, $F1=0,35, F2=0,35, F3=0,15$ e $F4=0,26$) para um $p < 0,01$ nas correlações de F1 e F2 de RO e F2 de RE e 0,05 para F1 de RE, quando analisadas as correlações totais entre os componentes obtém-se altas correlações em RO e RE e não há correlação com D ($r=0,44, 0,37$ e $0,00$ respectivamente) (Silva, 2009).

No grupo controle os resultados se apresentam conforme esperado, somente o componente Desejo estabelece correlação significativa quando considerado o total do grupo ($F1=0,49, F2=0,41, F3=0,23, F4=0,07, FT=0,32$), RO não correlaciona significativamente ($F1=0,23, F2=0,18, F3=0,07, F4=-0,13$ e $FT=0,09$) quando considerado o F total assim como RE ($F1=0,15, F2=0,09, F4=0,03, F4=0,02$ e $FT=0,08$) que neste caso não correlaciona significativamente com nenhum dos componentes. A autora conclui que o CRQ pode ser utilizado para esta população, sugere, no entanto alguma cautela, visto que a amostra foi pequena e os coeficientes alfa para o grupo controle nos componentes RO e RE ficaram abaixo de 0,70 assim como os estudos de correlação (Silva 2009).

Massei (2009) com o objetivo de avaliar as propriedades psicométricas do CRQ; aplicou-o em uma amostra composta por 90 participantes os quais foram divididos em 2 grupos um deles composto por pacientes com diagnóstico de HIV/AIDS (n=50) correspondendo a 55,56% da amostra total e o outro grupo por uma amostra de conveniência composta por acompanhantes de pacientes das diversas enfermarias de um hospital universitário (n= 40) correspondendo a 44.44% do total da amostra.

A consistência interna por alfas de *Cronbach*, as validades convergentes e discriminantes foram utilizadas por Massei para avaliar as propriedades psicométricas do CRQ. Os alfas de *Cronbach* obtidos no trabalho de Massei (2009) foram altos nos três componentes (Desejo, Resposta do Outro e Resposta do Eu). O que significa dizer que o instrumento apresenta uma ótima consistência interna. Para o componente desejo o alfa encontrado foi de 0,833, melhorando ainda mais se retirado o item D31 (alfa=0,845) (Massei,2009).

O componente RE também responde satisfatoriamente quanto a consistência interna (alfa=0,814) sendo possível melhorá-lo. Optando-se pela retirada do item RO10 o alfa sobe para 0,834 o que significa excelente consistência interna. Da mesma forma pode-se verificar com RE o qual obteve um alfa de 0,807; o item 26 de RE se retirado melhora a consistência do componente, o alfa passa a 0,820 (Massei,2009). Embora a amostra seja pequena os trabalhos de Massei sinalizaram para um instrumento com boa qualidade, sua consistência interna é significativa e a autora o recomenda para diagnosticar conflitos de relacionamento (Massei,2009).

A validade convergente e discriminante é também apresentada neste trabalho. Os resultados foram obtidos com a utilização do Coeficiente de Correlação

por Postos de *Spearman*. O componente Desejos estabelece correlação significativa com os componentes da EAS-40 (F1=0,37,F2=0,30,F3=0,19,F4=0,20 e FT=0,29), em RO encontra-se correlações em três dos quatro componentes (F1=0,37,F2=0,24,F3=0,14,F4=0,07 e FT=0,23), RE apresentou os melhores resultados (F1=0,53,F2=0,35,F3=0,23,F4=0,28 e FT=0,41) (Massei, 2009).

Os resultados obtidos no estudo permitiram considerar o CRQ uma ferramenta útil e aplicável também nesta população. Houve correlações entre os componentes do CRQ e da EAS-40, demonstrando associação entre os conflitos interpessoais e a presença de sintomas o que era de se esperar, pois são pacientes em fase de tratamento. Já, para o grupo de acompanhantes houve baixa correlação com entre os componentes, isto é, os dados são divergentes o que era esperado para o grupo (Massei, 2009). Segundo a autora, estudos com pacientes portadores de HIV corroboram o presente estudo quando apontam que estes pacientes apresentam rupturas nas relações sociais com o aparecimento de sintomas depressivos, para tal (Massei, 2009)

Fundamentando ainda mais suas conclusões comparou-se os estudos efetuados por Barber e cols. (1998) e Wenryb e cols. (2000). Os alfas encontrados na versão em Português do Brasil foram semelhantes às encontradas pelos dois autores o que determina que o CRQ adaptado para a população brasileira mantém índices de confiabilidade semelhantes aos apresentados por Barber e cols. (1998) nos Estados Unidos e por Weinryb e cols. (2000) na Suécia. Os estudos apresentados permitiram que a autora concluísse que o CRQ é um instrumento com qualidades psicométricas que apontam para sua fidedignidade e validade, sem deixar de considerar que o trabalho foi desenvolvido com uma

amostra restrita necessitando de um aprofundamento, além de sua aplicação em outras populações (Massei, 2009).

Como os estudos internacionais com o CRQ basearam-se em amostras de universitários, considerou-se relevante avaliar as propriedades psicométricas da versão em português também para esse estrato da população. Sendo assim foram definidos os objetivos a seguir.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Obter evidências de precisão e de validade do Questionário de Relacionamento Central (CRQ) em Universitários.

Objetivos Específicos

Avaliar a consistência interna do CRQ;

Realizar um estudo de validade de construto.

MÉTODO

Participantes

Estudantes de diferentes regiões do país compuseram a amostra total de 509 participantes (Tabela 1). Para a definição do tamanho mínimo da amostra foi utilizado o critério da “razão itens/sujeitos” segundo o qual a amostra deve ter entre 5 e 10 sujeitos por item do instrumento. O CRQ é composto por 101 itens, assim, a amostra correspondeu a o critério de 5 participantes para cada item. Além disto, este critério satisfaz o requisito exigido para a realização de Análises Fatoriais, que é de se contar ao menos com 200 sujeitos (Pasquali, 1999; Pasquali, 2001).

A amostra total (n=509) foi dividida em subamostras com o auxílio de um pesquisa sócio demográfica segundo as seguintes variáveis: sexo, idade, curso, tipo de universidade se publica ou privada e região geográfica (Tabela 1).

Quanto ao sexo houve predominância das mulheres (FA=373; FR=73,29%); na idade os mais jovens formaram a maioria dos respondentes (entre FA=17 e 27 anos; FR=69,35%); embora tenham aparecido sujeitos entre o primeiro e quinto ano de faculdade, houve presença maior no primeiro e segundo ano de estudo (FA=343; FR=67,35%).

Os cursos de Pedagogia (FA=223) e Administração (FA=160) concentraram a maioria dos participantes (FR=75,24%); quanto ao tipo de universidade se pública (FA=269; FR=52,85%) ou privada (FA=240; FR=47,15%).

Esperava-se inicialmente contar com amostras representando estudantes de diferentes regiões do país, porém, somente foi possível obter a colaboração

de colegas de São Paulo, Paraná e do estado de Santa Catarina que coletaram dados de seus alunos. Observa-se uma distribuição equilibrada entre os respondentes; as universidades do Paraná (FA=270;FR=53,04%) e São Paulo (FA=217;FR=42,63%) contribuíram com 95,67% dos respondentes, restando o estado de Santa Catarina (FA=22, FR=4,33%).

Docentes ligados às universidades foram contatados e àqueles que se dispuseram a participar da pesquisa foi enviada material (*kits*). Para a coleta de dados foram enviados *kits* compostos por: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo F), o Questionário de Relacionamento Central –CRQ em português (Anexo E), Pesquisa Sócio Demográfica (Anexo I) para estudantes de diversos cursos superiores.

O número de participantes por curso variou de 2 a 198, optou-se então por reunir os cursos que apresentam características semelhantes. Estes foram agrupados constituindo as seguintes subamostras: Administração de Empresas constituída pela soma dos alunos de: administração de empresas, ciências da computação, comércio exterior, gestão financeira, gestão pública, gestão de recursos humanos e gestão logística, os demais cursos permaneceram inalterados (Tabela 1).

Tabela 1 Distribuição da amostra segundo variáveis sócio demográficas.

Variável	FA*	FR%**
SEXO		
Feminino	373	73,28
Masculino	126	24,75
Não especificado	10	1,97
Total	509	100

Tabela 1.....continuação

IDADE		
17 a 27 anos	353	69,35
28 a 38 anos	125	24,55
39 a 48 anos	27	5,300
49 a 59 anos	4	00,78
SÉRIES		
Primeiro ano	241	47,34
Segundo ano	102	20,03
Terceiro ano	52	10,21
Quarto ano	92	18,04
Quinto ano	4	00,78
Não identificados	18	03,53
CURSOS		
Pedagogia	223	43,81
Administração e Afins	160	31,43
Tecnologia de Informática	18	03,53
Letras	30	05,89
Direito	22	04,32
Marketing	21	04,12
Psicologia	21	04,12
Gestão de Projetos	13	02,50
Não identificado	01	0,019
TIPO DE UNIVERSIDADE		
Pública	269	52,85
Privada	240	47,15
REGIÃO GEOGRÁFICA		
Estado		
Paraná	270	53,04
São Paulo	217	42,63
Santa Catarina	22	04,33

Tabela 1.....continuação

CURSO	MASCULINO	FEMININO
Pedagogia	23	200
Administração	59	101
Tecnologia da Informação	14	06
Letras	06	24
Direito	13	09
Marketing	07	14
Psicologia	07	14
Gestão de Projetos	06	07

*FA= Frequência absoluta; **FR= frequência relativa (%).

A coleta de dados dependeu da colaboração dos docentes das universidades motivo pelo qual a composição da amostra se deu por conveniência.

A análise descritiva dos dados sócio-demográficos da amostra (n=509) (Tabela 1), permitiu verificar que ela foi composta predominantemente por participantes do sexo feminino (73,28%), com idade entre 17 e 27 anos (69,35%), que cursavam o primeiro e segundo ano (60,37%), com maior concentração nos cursos de pedagogia (43,81%) e nos cursos relacionados à área de administração (Ciências Contábeis, Gestão: Logística, Financeira, Recursos Humanos, Pública, Administrativa, Comercio Exterior, Qualidade e Ambiental),(31,43%) e equilibrados quanto ao tipo de universidade (52% de pública e 48% privada). Em relação aos estados, a amostra ficou sobretudo representada por participantes de São Paulo e Paraná. (95,67%).

Material

Formulário do CRQ em Português (Anexo E,]

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo F),

Formulário de Identificação Sócio Demográfica (Anexo I): identificando variáveis como: sexo, natureza do relacionamento, idade, série, curso, universidade privada ou pública e região geográfica.

Instrumento

Questionário de Relacionamento Central CRQ (Anexo E; Barber & cols., 1998)

É um instrumento de auto-relato desenvolvido para avaliar o padrão de relacionamento amoroso segundo três dimensões: Desejos (D), Respostas do Outro (RO), Respostas do Eu (RE). Antes de responder aos itens relativos às dimensões do instrumento é pedido ao respondente que classifique seu parceiro amoroso quanto à importância dele em sua vida. O objetivo é o de utilizar estas questões para uma eventual avaliação clínica dos conflitos relacionais. Para tal ele responde a seis questões: 1) O quanto essa pessoa é ou foi próxima de você? 2) O quanto é ou foi íntimo seu relacionamento com essa pessoa 3) Quanto essa pessoa representa ou representava uma figura de autoridade para você? 4) Quanto essa pessoa é ou foi importante para você? 5) Quanto esse relacionamento é ou foi agradável nos melhores momentos?

6) Quanto esse relacionamento é ou foi difícil nos piores momentos? (Barber & cols., 1998).

O respondente opta, em uma escala *Likert* de sete pontos, aquele que mais se aproxima da forma como ele percebe o relacionamento com seu parceiro amoroso. Sendo que 1 demonstra dificuldades no relacionamento, como distanciamento falta de intimidade, autoritarismo, grau de importância e seu comportamento nos melhores e piores momentos de sua vida; enquanto que a pontuação 7 demonstra facilidades no relacionamento. Esta primeira pontuação feita pelo respondente tem o objetivo de levá-lo a refletir sobre seus sentimentos em relação ao parceiro amoroso. Neste momento ele avaliará as necessidades e expectativas que ocorreram ou ocorrem em seu relacionamento. É explicado a ele que o parceiro amoroso é aquele com quem esteja se relacionando no momento, ou esteve nos últimos três anos, e que este relacionamento tenha aspectos românticos e/ou sexuais (Barber & cols.,1998).

Em seguida, solicita-se que sejam respondidas as 101 afirmações que compõem os três componentes do CRQ (D, RO, RE). Os itens serão também pontuados segundo uma escala *Likert* com pontuações que variam entre 1 e 7 pontos, sendo que 1 representa situações ruins no relacionamento e o 7 as melhores situações para as proposições com conotação positiva. Como o CRQ é composto por algumas afirmações com conotação positiva e outras negativa, os valores como descritos acima devem ser invertidos. As pontuações intermediárias (2 a 6) permitem avaliar o grau de proximidade ou distanciamento com a afirmação (Barber & cols.,1998).

A dimensão Desejos possui 40 itens compostos por 12 subescalas (ser fechado, ser distante, ser dominador, ser hostil, ser independente, ser amado,

ser reconhecido, ser seguro, ser atraente, ser submisso, ser suportivo e ser confiável) - o sujeito deve responder o quanto SEUS DESEJOS SE APLICAM, OU APLICARAM À SUA RELAÇÃO COM SEU PARCEIRO ROMÂNTICO, QUANDO O RELACIONAMENTO ESTÁ/ESTAVA NO SEU PIOR MOMENTO. A dimensão D apresenta a seguinte distribuição (Anexo D) de itens com conotação positiva D1, D3, D4, D5, D9, D11, D12, D13, D15, D16, D17, D18, D19, D20, D22, D23, D26, D27, D28, D29, D30, D32, 34, D36, D37, D39 e negativa: D2, D6, D7, D8, D10, D14, D21, D24, D25, D31, D33, D35, D38, D40 (Barber & cols., 1998).

A dimensão RO tem 23 itens distribuídos (Anexo D) em oito subescalas (ser distante, ser dominador, ser hostil, ser independente, ser amado, ser atraente, ser submisso e ser descontrolado). Solicita-se que o sujeito responda sobre sua relação avaliando a forma como sente que: O SEU PARCEIRO ROMÂNTICO LHE RESPONDE, seguindo o mesmo princípio descrito anteriormente. Assim como a dimensão D esta também apresenta conotações positivas RO1, RO2, RO5, RO8, RO10, RO13, RO15, RO19, RO22, RO23 e negativas RO3, RO4, RO6, RO7, RO9, RO11, RO12, RO14, RO16, RO17, RO18, RO20, RO21 (Barber & cols., 1998).

E, finalmente, a dimensão RE formada por 38 itens (Anexo D) e 13 subescalas (sou ambivalente, sou ansioso, sou fechado, sou distante, sou dominador, não sou querido, sou independente, não sou conflituoso, sou atraente, sou submisso, sou bem sucedido, sou suportivo, sou valorizado), as quais visam identificar SUA PRÓPRIA RESPOSTA AO SEU PARCEIRO ROMÂNTICO, seguindo o procedimento acima descrito. Esta dimensão também apresenta os itens com conotações positivas RE1, RE2, RE3, RE8, RE9, RE11, RE14,

RE18, RE20, RE22, RE24, RE25, RE27, RE28, RE33, RE34, RE35, RE38 e
negativas: RE4, RE5, RE6, RE7, RE10, RE12, RE13, RE15, RE16, RE17,
RE19, RE21, RE23, RE26, RE29, RE30, RE31, RE32, RE36, RE37 (Barber &
cols.,1998)..

Procedimento

A presente pesquisa constou da aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Anexo J), consulta prévia às universidades, através dos docentes que se comprometeram em participar da coleta de dados, obtendo assim o consentimento das mesmas (Anexo G) e formulário de autorização (Anexo H). A aplicação foi coletiva e na própria sala de aula aos alunos que aceitaram voluntariamente participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo F). Em algumas universidades o próprio professor fez a aplicação e remeteu os dados via correio, em outras o próprio pesquisador fez a coleta de dados. Os dados coletados foram tabulados em uma planilha do Excel da Microsoft. Após a tabulação, foi feita uma verificação visual com o objetivo de eliminar questionários indevidamente respondidos (por exemplo, deixou respostas em branco, ofereceu mais de uma opção para o mesmo item).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 2 apresenta a distribuição das respostas da amostra (n=509) às seis questões iniciais do CRQ, que antecedem os itens da escala, propriamente dita, e que tratam de aspectos qualitativos do relacionamento.

Tabela 2: Distribuição das respostas as seis questões iniciais do CRQ (n=509).

	1	2	3	4	5	6	7
	DE MODO NE- NHUM			EXTREMAMENTE			
Q1	1) O quanto essa pessoa é ou foi próxima de você?						
R	1	2	3	4	5	6	7
F	5	3	15	40	59	58	329
f%	0,11	0,7	3,1	8,3	11,6	11,4	64,65
Q2	2) O quanto é ou foi íntimo seu relacionamento com essa pessoa?						
R	1	2	3	4	5	6	7
F	10	10	13	20	55	73	328
f%	1,96	1,97	2,55	3,90	10,80	14,34	64,45
Q3	3) Quanto essa pessoa representa ou representava uma figura de autoridade para você?						
R	1	2	3	4	5	6	7
F	101	65	72	85	78	49	59
f%	19,84	12,78	14,14	16,70	15,34	9,63	11,60
Q4	4) Quanto essa pessoa é ou foi importante para você?						
R	1	2	3	4	5	6	7
F	7	5	8	22	32	77	358
f%	1,1	1,0	1,7	4,35	6,33	15,14	70,37
Q5	5) Quanto esse relacionamento é ou foi agradável nos melhores momentos?*						
R	1	2	3	4	5	6	7
F	5	5	5	13	62	102	315
f%	1,00	1,00	1,00	2,57	12,3	20,12	62,13
Q6	6) Quanto esse relacionamento é ou foi difícil nos piores momentos?***						
R	1	2	3	4	5	6	7
F	60	57	72	72	81	67	99
f%	11,80	11,21	14,15	14,15	15,92	13,16	19,45

R= Resposta (1 a 7 segundo a escala Likert); Q= Questão (1 A 6).

*Dois dos participantes não responderam todas as questões; **Um participante não respondeu todas as questões

A maioria dos respondentes à questão 1 (Tabela 2) considerou o parceiro amoroso como uma pessoa “extremamente próxima” (64,53%), ou “bastante próxima” (87,62%; somatória dos itens 5 e 6). A questão 2, que avalia o grau de intimidade, indica que a maioria dos sujeitos considera-se “extremamente íntimo” de seu parceiro (64,44%), sendo que as escolhas sobre o oposto, “de modo nenhum” há intimidade com o parceiro, teve um número reduzido de participantes (1,96%). A distribuição em todas as opções indica a concentração das respostas entre 5 e 7 (89,58%) da escala *Likert* (Tabela 2).

Para a questão de número 3, que avalia o fato da pessoa representar figura de autoridade, verifica-se uma distribuição equilibrada entre as alternativas com um ligeiro predomínio das respostas em “de modo nenhum” (19,84%). Quando são somadas as alternativas, 1 a 4 correspondem a 63,45% do total, o que implica em uma mediana relação de autoridade (Tabela 2). Na questão número 4 os sujeitos concentraram suas escolhas na pontuação 7 da escala *Likert* transmitindo a idéia do quanto seu parceiro tem importância para ele (70,37%). A questão número 5 identifica o quanto o relacionamento foi ou é agradável nos melhores momentos; a maioria dos sujeitos também optou pela alternativa 7 (61,88%) seguida da 6 (19,84%), o que sugere que mais de 80% dos sujeitos tiveram, com os parceiros a que se referem, relacionamentos agradáveis (Tabela 2). Por fim, na questão 6 houve uma distribuição equilibrada das respostas pelas sete alternativas sugerindo que nos piores momentos há mais variedades de respostas para resolverem os relacionamentos conflituosos (Tabela 2).

A Análise de Correspondência Múltipla - ACM possibilitou um refinamento na avaliação das distribuições dos sujeitos em função de suas tendências para

responderem às seis questões de Relacionamento (Figura1). Quatro variáveis foram selecionadas para esta análise: Sexo, Tipo de Universidade - se Pública ou Privada -, Cursos escolhidos e Estados participantes - São Paulo, Paraná e Santa Catarina- (Tabela 1). Para maior consistência das análises, os itens do CRQ foram agrupadas em 3 categorias de respostas: valores baixos (1, 2 e 3), médios (4) e altos (5, 6 e 7) de acordo com a escala *Likert* (1 a 7). Valores baixos estão associados aos itens com conotação negativa, os altos associam-se aos itens com conotação positiva enquanto os médios aos neutros. As variáveis foram identificadas com cores diferentes para facilitar sua identificação (Figura 1).

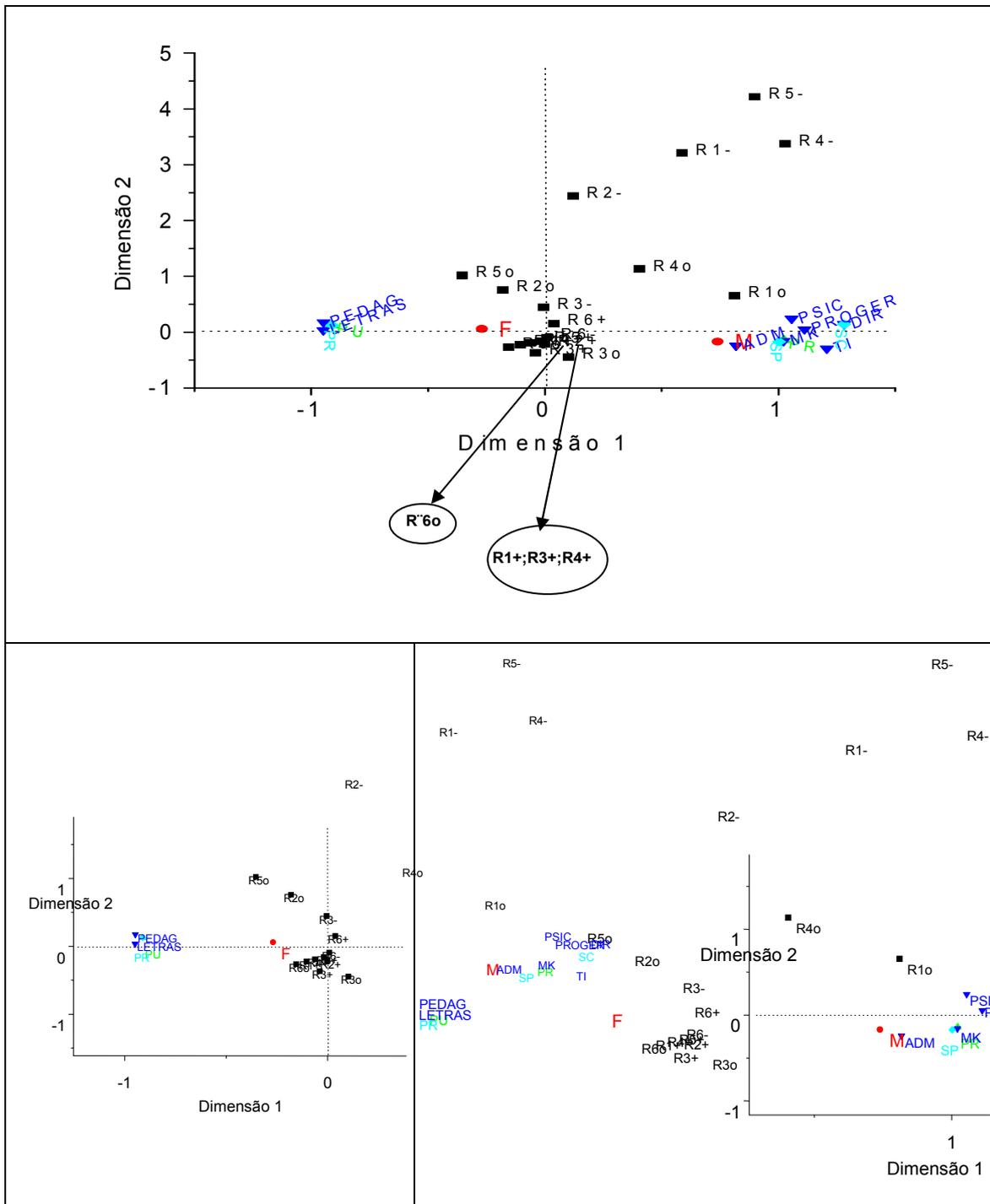


Figura 1: Análise de correspondência dos seis itens Relacionamento para a amostra total de acordo com o sexo parte superior da Figura. Recorte de acordo com o sexo na parte inferior da Figura 1.

▲ Cursos; ● Sexo ; ◆ Tipo de Universidade; ◆ Estados.

As principais associações observadas para o Relacionamento dos estudantes do sexo masculino apontam para universidades privadas, nos estados de Santa Catarina e São Paulo e com os cursos de Administração, Direito, Marketing, Psicologia, Projetos Gerenciais e Tecnologia da Informação (Figura 1). Eles aparecem à direita da Figura 1, onde se pode ver também em destaque a quantidade de sujeitos cujas respostas tiveram conotação negativa, categoria baixa, (≤ 3 Likert) nas questões 1 (4,52%), 2 (6,48%), 4 (3,74%) e 5 (2,95%) e outra parte com respostas neutras (4 Likert), nas questões 1 (7,86%) e 4 (4,33%) (Anexo K).

A questão 3, que busca identificar o quanto o parceiro representou ou representa autoridade, e a 6, que identifica o quanto o relacionamento foi ou é difícil nos piores momentos, aparecem como categorias baixas (≤ 3 Likert) na amostra de homens dando a entender que são pouco importantes para eles. Estes resultados contrastam com as respostas das mulheres que tendem a optar pelas alternativas da categoria alta ($\leq 5, 6$ e 7 escala Likert), considerando-as importantes para o relacionamento (Figura 1).

Estudantes do sexo feminino associam-se mais com a Universidade Pública, no estado do Paraná e com os cursos de Letras e Pedagogia, onde de fato as mulheres são maioria. Além disso, a parcela da amostra constituída por estudantes de universidade pública correspondia, efetivamente, à Universidade do Paraná. A maior parte das respostas femininas aparece nas alternativas de categoria altas (5, 6 e 7 escala Likert) nas questões 1 (87,62%), 3 (36,54%) e 4 (91,93%). Algumas das estudantes tendem a associar suas respostas à cate-

goria média (4 *Likert*) nas questões 2 (3,93%) , 5 (2,56%) e 6 (14,17%). Há, portanto claramente um padrão diferente de respostas em função do sexo.

Resumindo, pode-se dizer que das seis questões de relacionamento (Figura 1), cinco aparecem associadas à categoria alta na amostra feminina. Isto é, as mulheres demonstram que a estabilidade do relacionamento depende de fatores como intimidade, relações de autoridade, grau de importância, momentos agradáveis e como lidar com conflitos nos piores momentos (Anexo N). Não apareceu destaque na questão 1 que trata da proximidade do parceiro amoroso. Os homens destacam apenas as duas questões (autoridade e dificuldades no relacionamento) mas mesmo assim, em pequenos percentuais (Anexo M). Há, portanto claramente um padrão diferente de respostas em função do sexo, nos homens as respostas de quatro questões estão associadas entre às categorias baixa e média, enquanto para um grande percentual das mulheres, estas são questões associadas à categoria alta.

Questionário de Relacionamento Central - CRQ

A Tabela 3 apresenta os valores médios e respectivos desvios padrão de acordo com o sexo, para cada um dos componentes do CRQ. Foram também estimados testes *t* para verificar a significância das diferenças entre as médias para cada componente do CRQ. Não houve diferença significativa entre as médias de homens e mulheres no componente D ($t= 0,014$; $gl=492$; $p= 0,99$). Na subescala Resposta do Outro, o teste *t* confirma que as médias dos escores são similares entre elas ($t= 1,24$; $gl=483$; $p=0,22$), isto ocorre ainda com Resposta do Eu ($t=1,02$; $gl=492$; $p=0,31$).

Tabela 3: População, Médias, Desvio Padrão e valores de *t* de cada componente do CRQ, de acordo com o sexo.

Componente	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	t	p
Desejo	Masculino	130	4,80	0,54	0,014	0,99
	Feminino	364	4,80	0,46		
Outro	Masculino	133	3,98	0,52	1,24	0,22
	Feminino	352	3,89	0,49		
Eu	Masculino	132	4,31	0,55	1,02	0,31
	Feminino	362	4,26	0,41		

Quanto ao tipo de universidade, se pública ou privada, observou-se que não houve diferenças significantes nas médias quando analisados os três componentes: Desejo ($t= 1,854$; $gl=492$; $p=0,064$), Resposta do Outro ($t= 0,272$; $gl= 483$; $p=0,79$), bem como no componente Resposta do Eu ($t= 1,58$; $gl=492$; $p= 0,12$) (Tabela 4).

Tabela 4: População, Média, Desvio Padrão e valores de t de cada componente do CRQ, de acordo com o Tipo de Universidade

Componente	Variável Universidade	N	Média	Desvio Padrão	t	p
Desejo	Pública	263	4,76	0,46	1,86	0,06
	Privada	231	4,85	0,51		
Outro	Pública	257	3,90	0,46	0,27	0,8
	Privada	228	3,91	0,54		
Eu	Pública	262	4,24	0,41	1,58	0,12
	Privada	232	4,31	0,50		

Na Tabela 5 apresenta-se as médias e desvios padrão dos participantes de cada estado (SP, PR e SC), em relação à cada componente. Para a estimativa das significâncias das diferenças optou-se por utilizar a *Análise de Variância* - ANOVA que responde melhor quando a quantidade de variáveis é superior a dois. A análise dos resultados com a ANOVA demonstram que as médias das respostas dos itens do CRQ foram similares entre os estados, em cada componente (Tabela 6) .

Tabela 5: População, Médias e Desvio Padrão de cada componente do CRQ entre os estados: SP,PR,SC.

Componente	Estado	N	Média	Desvio Padrão
Desejo	São Paulo	209	4,8	0,51
	Santa Catarina	21	4,91	0,42
	Paraná	264	4,76	0,46
	Total	494	4,80	0,48
Outro	São Paulo	206	3,91	0,55
	Santa Catarina	21	3,94	0,42
	Paraná	258	3,90	0,46
	Total	485	3,91	0,50
Eu	São Paulo	209	4,31	0,51
	Santa Catarina	22	4,30	0,38
	Paraná	263	4,24	0,41
	Total	494	4,27	0,46

Tabela 6: Resultados da ANOVA de cada componente do CRQ entre os estados: SP,PR,SC

Com- ponente	Fonte	Soma dos quadrados	Gl	Média dos Quadrados	F	P
Desejo	Entre os grupos	1,000	2	0,500	2,119	0,121
	No grupo	115,861	491	0,236		
	Total	116,861	493			
Outro	Entre os grupos	0,045	2	0,023	0,089	0,915
	No grupo	122,423	482	0,254		
	Total	122,468	484			
Eu	Entre os grupos	0,608	2	0,304	1,432	0,240
	No grupo	104,202	491	0,212		
	Total	104,810	493			

Quanto aos cursos, as médias e o desvio padrão do componente Desejo são apresentados na Tabela 7. Analisando os resultados com a ANOVA também não foram encontradas diferenças significantes (Tabela 8).

Tabela 7: População, Média e Desvio Padrão de cada componente do CRQ de acordo com o curso.

	Variáveis	N	Médias	Desvio Padrão
Desejo	Administração e Afins	137	4,85	0,53
	Tecnologia de Informática	34	4,61	0,64
	Direito	21	4,91	0,42
	Letras	30	4,80	0,39
	Marketing	21	4,90	0,45
	Pedagogia	218	4,77	0,45
	Psicologia	19	4,96	0,38
	Gestão de Projetos	13	4,83	0,38
	Total	493	4,80	0,48
Outro	Administração e Afins	133	3,93	0,56
	Tecnologia de Informática	35	3,78	0,45
	Direito	21	3,94	0,42
	Letras	30	3,91	0,51
	Marketing	21	4,07	0,65
	Pedagogia	211	3,91	0,45
	Psicologia	20	3,74	0,53
	Gestão de Projetos	13	3,91	0,47
	Total	484	3,91	0,50
Eu	Administração e Afins	138	4,31	0,52
	Tecnologia de Informática	34	4,23	0,42
	Direito	22	4,30	0,38

Tabela 7.....continuação

Letras	30	4,29	0,43
Marketing	20	4,41	0,60
Pedagogia	216	4,24	0,42
Psicologia	20	4,21	0,38
Gestão de Projetos	13	4,36	0,46
Total	493	4.27	0,46

Tabela 8: Resultados da ANOVA de cada componente do CRQ de acordo com o curso.

Com- ponen- te	Fonte	Soma dos quadra- dos	GI	Média dos quadrados	F	P
Desejo	Entre os grupos	2,786	7	0,398	1,692	0,09
	No grupo	114,063	485	0,235		
	Total	116,849	492			
Outro	Entre os grupos	1,806	7	0,258	1,018	0,417
	No grupo	120,614	476	0,253		
	Total	122,420	483			
Eu	Entre os grupos	1,096	7	0,157	0,733	0,644
	No grupo	103,569	485	0,214		
	Total	104,665	492			

Consistência Interna

Para a aferição da consistência interna do CRQ foram estimados os coeficientes alfa de *Cronbach* de cada um dos três componentes: Desejo, Resposta do Outro e Resposta do Eu (Tabela 9). Verifica-se alta consistência interna ($\alpha > 0,70$) para a escala CRQ no total e em cada componente (D, RO e RE). Também são apresentados, na Tabela 9, os itens com menor consistência, a correlação deles com o total, assim como os valores dos coeficientes alfa, após a retirada dos itens.

Tabela 9. Consistência interna dos componentes do CRQ, itens com menor consistência, menor correlação com o total coeficientes após retiradas.

Escala / Componente***	Nº de Itens	Coeficiente*	Itens com menor consistência	Correlação com o Total**	Coeficiente* (após retirada dos itens)
CRQ / Desejo (n=494)	40	0,867	D36	-0,006	0,871
			D38	0,024	0,875
			D2	0,022	0,878
			D35	0,086	0,881
			D7	0,082	0,883
CRQ / Resposta do Outro (n=485)	23	0,829	RO10	0,007	0,838
			RO3	0,098	0,843
			RE33	-0,477	0,835
			RE31	-0,292	0,848
CRQ / Resposta do Eu (n=494)	38	0,816	RE26	-0,233	0,858
			RE19	-0,243	0,869
			RE5	-0,241	0,879
			RE33	-0,486	0,926
			RE31	-0,274	0,928
CRQ / Total (n=459)	101	0,923	RE26	-0,243	0,930
			RE19	-0,243	0,932
			RE5	-0,232	0,934
			D36	-0,030	0,935

* coeficiente alfa de Cronbach para escalas tipo Likert.

** correlação do item com o total do respectivo domínio, sem considerar o item no escore total.

*** itens invertidos para o cálculo dos escores e alfas (*reversed items*): D2, D6, D7, D8, D10, D14, D21, D24, D25, D31, D33, D35, D38, D40, RO3, RO4, RO6, RO7, RO9, RO11, RO12, RO14, RO16, RO17, RO18, RO20, RO21, RE4, RE5, RE6, RE7, RE10, RE12, RE13, RE15, RE16, RE17, RE19, RE21, RE23, RE26, RE29, RE30, RE32, R33, RE36, RE37.

Os escores do CRQ, obtidos quando de sua aplicação nos estudantes brasileiros, puderam ser comparados com os dos estudos originais, Barber e cols. (1998) e Weinryb e cols. (2000), todos com amostras de estudantes universitários. A Tabela 10 mostra que os três estudos apresentam alfas similares, acima de 0,70 indicando que a versão em português manteve a fidedignidade do instrumento.

Tabela 10. Comparação entre os coeficientes *Alpha de Cronbach* com estudos estrangeiros

CRQ	Amostra Brasileira Santos(2010)		Amostra Americana Barber (1998)		Amostra Sueca Weinryb (2000)	
	N	Coeficiente*	N	Coeficiente	N	Coeficiente
Desejo	494	0,87	411	0,90*	91	0,85*
Resposta do Outro	485	0,83	411	0,88*	91	0,86*
Resposta do Eu	494	0,82	411	0,89*	91	0,83*

*Média dos coeficientes em cada componente

No Brasil três outros estudos podem ser considerados para mostrar a consistência interna do CRQ, no entanto, estas são amostras clínicas diferenciando-se das anteriores. Um dos estudos foi desenvolvido com pacientes portadores de Hepatite C crônica. O CRQ apresentou boa consistência interna com alfa variando entre 0,80 e 0,87 (Risso & Yoshida, 2010). Outro estudo, em uma amostra de mulheres vítimas de violência doméstica obteve-se alfas de 0,69 a 0,82 u (Silva & Yoshida, 2010). O terceiro estudo ocorreu em uma amostra de pacientes portadores do vírus HIV/AIDS (Massei & Yoshida, 2010) com alfas entre 0,82 a 0,85. Todos estes indicadores confirmam a existência de muito boa consistência interna para a versão em português do CRQ, seja para amostras clínicas ou não.

Validade de Construto

A validade de construto foi realizada por meio do estudo da estrutura fatorial do CRQ. Para verificar a adequação dos dados à análise fatorial foi inicial-

mente estimada a Medida de Adequação da Amostra (MSA) do teste *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO). Esta verificação tem como objetivo mensurar a adequação da amostra para análise fatorial exploratória. A literatura estabelece que se a MSA de KMO apresentar resultados iguais ou superiores a 0,60 (Johnson & Wichern, 1988), é porque houve adequação da amostra. No presente estudo o resultado foi de 0,87, o que confirma a fatorabilidade da versão em português da escala.

A validade de construto do CRQ foi feita por Análise Fatorial, através do método dos componentes principais. A primeira análise, com os 101 itens, foi feita por solução livre. Conforme o esperado, esta não se mostrou uma solução interessante dada a quantidade de componentes gerados. Esta tentativa gerou uma estrutura com vinte e seis componentes iniciais representando 64,56% da variância total da escala. Nesta análise observou-se que os três primeiros componentes juntos representavam 27,82% da variância, sendo que o fator 1 explicava 15,80%, o componente 2 7,034% e o 3 explicava 4,45% da variância total. A rotação *Varimax* com a Normalização *Kaiser* fixou a convergência para os vinte e seis componentes dentre os 101 itens do CRQ. Foram encontrados os auto valores superiores a 1 os quais variaram entre 15,979 o primeiro item e 1,005 o 26º.item; a partir do item 27 o auto valor decresce (0,981 a 0,113).

A rotação *varimax* gerou um *Scree Plot* (Figura 2) que possibilitou verificar que a solução com três componentes é a mais indicada, posto que eles aparecem na parte superior da figura e se destacam dos demais.

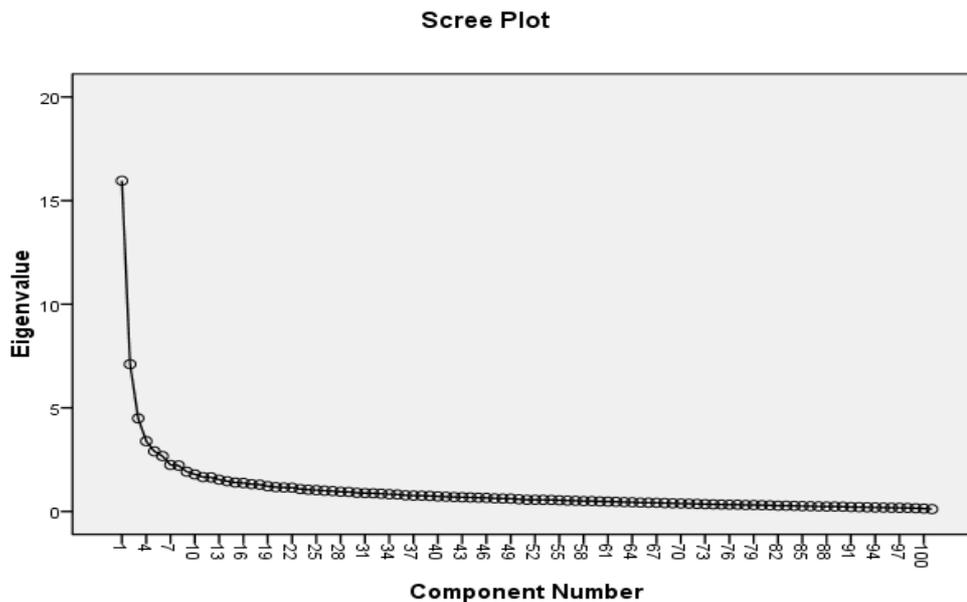


Figura 2. Análise Fatorial Exploratória por *Scree Plot*.

A análise fatorial para cada um dos componentes deu origem a uma nova estrutura para o CRQ. O primeiro componente que emerge é composto prioritariamente por 20 itens desenvolvidos originalmente para avaliar as Respostas do Eu (em negrito na Tabela 11), 14 migraram do componente Resposta do Outro e quatro de Desejo, totalizando 38 itens com cargas fatoriais entre 0,31 e -0,68. Desses, oito são itens complexos posto que apresentaram cargas fatoriais acima de 0,30 em mais de um fator (Tabela 11).

Quanto à polaridade dos itens, 13 itens de RE contemplam o pólo positivo do construto, enquanto sete itens, o pólo negativo. Como exemplo de item positivo pode-se citar o item 28 (eu me sinto aceito pelo meu parceiro) e como exemplo de negativo, o 17 (eu me sinto arrasado sobre o relacionamento com o meu parceiro). Dentre os 20 itens de RE cinco são considerados complexos, uma vez que apresentaram carga fatorial superior a 0,30 em mais de um fator

(Pasquali, 1999). No entanto, como todos eles tiveram maior carga no fator 1 e são teoricamente coerentes, sugere-se que sejam por ora mantidos como representantes de RE, na versão em português do CRQ, até que novas pesquisas possam corroborar ou não a adequação deles neste componente. Nessa medida, o componente RE da versão em português do CRQ fica representado por 13 itens positivos - 1RE, 2RE, 9RE, 12RE, 14RE, 18RE, 20RE, 24RE, 25RE, 27RE, 28RE, 31RE e 35RE - e sete negativos - 4RE, 7RE, 15RE, 17RO, 21RE, 23RE e 37RE. Quanto aos 14 itens de RO e quatro itens do componente D que apresentaram carga no primeiro fator, não devem ser aproveitados na composição da versão em português do CRQ.

Tabela 11: Distribuição dos itens do Fator 1 e respectivas cargas fatoriais

ITENS	COMPO- NENTE 1	COMPO- NENTE 2	COMPO- NENTE3
17RE. Eu me sinto arrasado sobre o relacionamento com meu parceiro.	-0,68		
28RE. Eu me sinto aceito pelo meu parceiro.	0,67		
21RE. Eu me sinto confuso sobre meu relacionamento com meu parceiro.	-0,66		
12RO. Meu parceiro me magoa.	-0,63		
27RE. Eu me sinto seguro sobre mim mesmo com meu parceiro.	0,61		
15RO. Meu parceiro sente que sou uma pessoa especial.	0,61		
01 RO. Meu parceiro é uma pessoa verdadeira.	0,60		
13RO. Meu parceiro é compreensivo.	0,59		
07RE. Eu me sinto rejeitado.	-0,59		
23RE. Eu me sinto mal-tratado.	-0,58		
14RO. Meu parceiro fica distante.	-0,58		
08 RO. Meu parceiro fica emocionalmente próximo de mim.	0,57		
15RE. Eu me distancio.	-0,55		
18RE. Eu me dedico ao meu parceiro.	0,53	0,40	
14RE. Eu sinto que meu parceiro é importante para mim.	0,53	0,36	
4RE. Eu me sinto inseguro sobre o relacionamento.	-0,52		
20RO. Meu parceiro me trata mal.	-0,52		0,31
22RO. Meu parceiro prontamente aceita minha opinião.	0,51		
2RE. Eu encorajo meu parceiro.	0,51	0,42	
33RE. Eu fico ligado ao meu parceiro.	0,49	0,35	
01RE. Eu me sinto respeitado por meu parceiro.	0,47		
12RE. Eu sinto que não gosta de mim.	-0,46		
25D. Eu desejo evitar meu parceiro.	-0,45	-0,35	
17RO. Meu parceiro age sem pensar.	-0,44		
5RO. Meu parceiro se importa comigo.	0,43		
37RE. Eu fico nervoso.	-0,43		
18RO. Meu parceiro me rejeita.	-0,41		
20RE. Eu compartilho meus sentimentos.	0,40	0,35	
33D. Eu desejo deixar meu parceiro furioso.	-0,40		0,37
21RO. Meu parceiro não se abre.	-0,40		
25RE. Eu me sinto competente.	0,39		
24RE. Eu ajo com maturidade.	0,33		
35RE. Eu confio em mim mesmo.	0,33		
24D. Eu não desejo me abrir.	-0,32		
04RO. Meu parceiro se isola.	-0,32		
07RO. Meu parceiro se descontrola.	-0,32		
08D. Eu desejo ser distante.	-0,31		
09RE. Eu alcanço minhas metas.	0,31		

O segundo componente ficou composto por 24 itens. Nele predominaram itens do componente Desejo (n=19) (em negrito na Tabela 12). Vale lembrar que no CRQ original (Barber & cols.1998) o componente Desejo é formado por 40 itens. As cargas fatoriais variaram entre 0,38 e 0,69, todas positivas; dois itens são complexos com carga superior a 0,30, em mais de um fator. Alguns itens migraram de outros componentes, três do componente Resposta do Eu e dois do Resposta do Outro (Tabela 12).

Tabela 12. Distribuição dos itens do Fator 2 e respectivas cargas fatoriais

ITENS	COMPO-	COMPO-
	NENTE	NENTE
	1	2
28D. Eu desejo que meu parceiro me ache atraente.		0,69
22D. Eu desejo que meu parceiro se interesse por mim.		0,64
34D. Eu desejo que meu parceiro sinta que eu sou fiel.		0,64
32D. Eu quero que meu parceiro me excite sexualmente.		0,63
37D. Eu desejo estar emocionalmente próximo ao meu parceiro.		0,62
30D. Eu desejo ser amado.		0,60
29D. Eu desejo encorajar meu parceiro.		0,60
26D. Eu desejo ser admirado pelo meu parceiro.		0,59
13D. Eu quero que meu parceiro se sinta sexualmente excitado por mim.		0,59
20D. Eu desejo apoiar meu parceiro quando ele estiver sofrendo.		0,58
11RE. Eu desejo meu parceiro sexualmente.		0,55
38RE. Eu fico sexualmente excitado por meu parceiro.		0,55
19D. Eu desejo que meu parceiro preste atenção em mim.		0,53
23D. Eu gostaria que meu parceiro se sentisse à vontade.		0,53
23RO. Meu parceiro se sente sexualmente excitado por mim.		0,53
11D. Eu desejo ser uma pessoa especial para meu parceiro.		0,50
39D. Eu gostaria de ajudar meu parceiro.	0,32	0,48
01D. Eu desejo que meu parceiro saiba que eu sou leal		0,47
18D. Eu desejo que meu parceiro confie em mim.		0,46
15D. Eu desejo estar ligado ao meu parceiro.		0,45
16D. Eu gostaria que meu parceiro se sentisse orgulhoso de suas conquistas.		0,43
02RO. Meu parceiro me deseja sexualmente.		0,43
34RE. Eu expresse meus pensamentos, sentimentos e desejos.	0,39	0,40
12D. Eu gostaria que meu parceiro me correspondesse.		0,38

Todos os 19 itens do componente D são positivos e apenas o 39D (eu gostaria de ajudar o meu parceiro) apresentou carga em mais de um fator. No entanto, como a maior carga foi no fator 2 e ele é teoricamente coerente, deve ser mantido como representante do componente Desejo.

O Terceiro componente, cuja expectativa seria a Resposta do Outro emerge diferente do esperado. Com um total de 15 itens, reuniu seis itens originalmente desenvolvidos para medir as Respostas do Eu, cinco de Desejos e quatro de Resposta do Outro. Suas cargas variaram entre 0,38 e 0,71 todas positivas e não há itens complexos (Tabela 13).

Tabela 13. Distribuição dos itens do Fator 3 e respectivas cargas fatoriais.

ITENS	COMPO-	COMPO-	COMPO-
	NENTES	NENTES	NENTES
	1	2	3
31RE. Eu domino meu parceiro.			0,71
30RE. Eu controlo meu parceiro.			0,69
06RE. Eu tenho poder sobre meu parceiro.			0,67
40D. Eu desejo ter poder sobre meu parceiro.			0,66
10D. Eu desejo controlar meu parceiro.			0,61
06RO. Meu parceiro me domina.			0,58
36RE. Eu fico controlado por meu parceiro.			0,58
16RE. Eu sou dominado.			0,57
21D. Eu desejo dominar meu parceiro.			0,56
16RO. Meu parceiro me controla.			0,56
11RO. Meu parceiro tem poder sobre mim.			0,55
03RO. Meu parceiro é submisso.			0,49
35D. Eu desejo ser dominado.			0,46
13RE. Eu sou submisso.			0,43
38D. Eu desejo deixar meu parceiro tomar decisões por mim.			0,38

Procurando interpretar o fator, observa-se que ele reúne itens relacionados ao controle ou à dominação de um parceiro pelo outro. Seja como uma percepção de que o indivíduo tem controle sobre o parceiro, como por exemplo nos itens 31RE, 30RE, ou 06RE (Tabela 13), seja como a percepção de que ele é

controlado ou dominado pelo parceiro, como por exemplo os itens, 06RO,16RO, 11RO (Tabela 13), ou ainda o desejo de controlar ou ser controlado pelo outro, como nos itens, 40D, 10D ou 38D. Como as cargas dos itens são fortes nesse fator e o elemento de controle pode ser relevante num conflito interpessoal, sugere-se que sejam mantidos na versão em português do CRQ, como representantes da dimensão “controle no relacionamento”, entendida como a percepção ou o desejo de controle ou domínio de um dos parceiros envolvidos na relação. Quanto ao componente RO, novos itens deverão ser desenvolvidos em estudos futuros quando, novas análises da estrutura do instrumento indicarão se eles são ou não bons representantes do construto que pretendem medir.

Resumindo, os resultados do estudo da validade de construto, por meio da análise fatorial, apontaram para uma solução de três fatores, que atende parcialmente as expectativas teóricas. Os dois primeiros fatores medem, respectivamente, as Respostas do Eu e os Desejos, e corroboram parcialmente as versões americana(Barber & cols. 1998) e sueca (Weinryb & cols. 2000) do instrumento. Quanto ao terceiro fator, mede o controle entre os parceiros no relacionamento amoroso e não as Respostas do Outro, conforma o esperado. É possível que esta diferença entre as versões se deva a questões de ordem cultural, devido aos valores mais tradicionais dos brasileiros, em que a submissão ao outro pode, eventualmente, ser entendida como uma “prova de amor”. Apesar dessas conjecturas carecerem de evidências empíricas mais contundentes, diferenças nos padrões relacionais amorosos de casais americanos e suecos em relação aos brasileiros, costumam ser admitidas.

O instrumento composto pelos três fatores - RE, D e Controle no relacionamento –, parece ser adequado para avaliar dimensões relevantes de conflitos amorosos de sujeitos brasileiros com perfil sócio-demográfico semelhante ao das amostras utilizadas nesta pesquisa: jovens, universitários, das regiões sul e sudeste. Novas pesquisas devem todavia ser realizadas, no sentido de desenvolver itens específicos para o componente RO. A seguir apresenta-se a versão do CRQ, composta por 20 itens para avaliar as Respostas do EU, 19 itens para avaliar os Desejos e 15 itens para o componente Controle no Relacionamento (CRQ), num total de 54 itens:

QUESTIONÁRIO DE RELACIONAMENTO CENTRAL CRQ-Versão Brasileira parceiro/a amoroso/a

Instruções:

Esse questionário é sobre seus sentimentos em relação ao seu PARCEIRO/A AMOROSO/A. Não há respostas certas ou erradas. Alguns itens talvez não se apliquem a você de jeito nenhum. Quando não se aplicar à você, pontue 1. Por favor, responda a todas as questões, mesmo que algumas sejam parecidas. Por favor, tente ser o mais honesto/a possível e responda como VOCÊ SE SENTE.

Todo mundo tem um padrão de necessidades e expectativas em seus relacionamentos com outras pessoas. Nós queremos que você descreva seu relacionamento com seu parceiro/a amoroso/a. Por favor, pense em suas várias interações com seu parceiro/a e dê seu ponto de vista sobre vários aspectos desse relacionamento. Um parceiro amoroso é uma pessoa com a qual você esteja, ou esteve, romântica e sexualmente envolvido/a por pelo menos 3 meses nos últimos três anos e alguém que é ou foi importante na sua vida. Pense em um/a ex-parceiro/a, caso não tenha um relacionamento atualmente.

Queremos que você pontue essa pessoa nas seis questões seguintes usando a escala a seguir:

1	2	3	4	5	6	7
DE MODO NENHUM						EXTREMAMENTE

- 1) O quanto essa pessoa é ou foi próxima de você? _____
- 2) O quanto é ou foi íntimo seu relacionamento com essa pessoa? _____
- 3) Quanto essa pessoa representa ou representava uma figura de autoridade para você? _____
- 4) Quanto essa pessoa é ou foi importante para você? _____
- 5) Quanto esse relacionamento é ou foi agradável nos melhores momentos? _____
- 6) Quanto esse relacionamento é ou foi difícil nos piores momentos? _____

Agora queremos que você pense nas SUAS RESPOSTA A SEU/SUA PARCEIRO/A AMOROSO/A. Nas respostas dadas a você uma outra pessoa pode negar o que você deseja ou responder a você de acordo com o seu desejo. Abaixo, segue uma lista de diferentes maneiras, através das quais, você pode reagir quando seu/sua parceiro/a amoroso/a nega ou age contra aos seus desejos. Queremos que você pontue o quanto essas reações são ou foram típicas para você nesse relacionamento QUANDO ESTÁ/ESTAVA EM SEU PIOR MOMENTO. Use a escala a seguir (e, por favor, tente usar uma respostas variadas):

1	2	3	4	5	6	7
NUNCA	RARAMENTE	OCASIONALMENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE	MUITO FREQUENTEMENTE	SEMPRE

NO PIOR MOMENTO DO MEU RELACIONAMENTO COM MEU/MINHAPARCEIRO/A AMOROSO/A:

01. Eu me sinto arrasado sobre o relacionamento com meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
02. Eu me sinto aceito pelo meu parceiro.							
03. Eu me sinto confuso sobre meu relacionamento com meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
04. Eu me sinto seguro sobre mim mesmo com meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
05. Eu me sinto rejeitado.	1	2	3	4	5	6	7
06. Eu me sinto mal-tratado.	1	2	3	4	5	6	7
07. Eu me distancio.	1	2	3	4	5	6	7
08. Eu me dedico ao meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
09. Eu sinto que meu parceiro é importante para mim.	1	2	3	4	5	6	7
10. Eu me sinto inseguro sobre o relacionamento.	1	2	3	4	5	6	7
11. Eu encorajo meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
12. Eu fico ligado ao meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
13. Eu me sinto respeitado por meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
14. Eu sinto que não gosta de mim.	1	2	3	4	5	6	7
15.RE. Eu fico nervoso.	1	2	3	4	5	6	7
16. Eu compartilho meus sentimentos.	1	2	3	4	5	6	7
17. Eu me sinto competente.	1	2	3	4	5	6	7
18. Eu ajo com maturidade.	1	2	3	4	5	6	7
10. Eu confio em mim mesmo.	1	2	3	4	5	6	7
20. Eu alcanço minhas metas.	1	2	3	4	5	6	7

Abaixo segue uma lista com diferentes desejos e necessidades que as pessoas freqüentemente têm em relação a outras pessoas. Queremos que você pontue o quanto esses desejos são ou foram típicos no relacionamento com seu parceiro amoroso QUANDO O RELACIONAMENTO ESTÁ/ESTAVA NO SEU PIOR MOMENTO. Use a escala a seguir (e, por favor, tente usar respostas variadas):

1	2	3	4	5	6	7
NUNCA	RARAMENTE	OCASIONALMENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE	MUITO FREQUENTEMENTE	SEMPRE

01. Eu desejo que meu parceiro me ache atraente.	1	2	3	4	5	6	7
02. Eu desejo que meu parceiro se interesse por mim.	1	2	3	4	5	6	7
03. Eu desejo que meu parceiro sinta que eu sou fiel.	1	2	3	4	5	6	7
04. Eu quero que meu parceiro me excite sexualmente.	1	2	3	4	5	6	7
05. Eu desejo estar emocionalmente próximo ao meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
06. Eu desejo ser amado.	1	2	3	4	5	6	7
07. Eu desejo encorajar meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
08. Eu desejo ser admirado pelo meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
09. Eu quero que meu parceiro se sinta sexualmente excitado por mim.	1	2	3	4	5	6	7
10. Eu desejo apoiar meu parceiro quando ele estiver sofrendo.	1	2	3	4	5	6	7
11. Eu desejo que meu parceiro preste atenção em mim.	1	2	3	4	5	6	7
12. Eu gostaria que meu parceiro se sentisse à vontade.	1	2	3	4	5	6	7
13. Eu desejo ser uma pessoa especial para meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
14. Eu gostaria de ajudar meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
15. Eu desejo que meu parceiro saiba que eu sou leal	1	2	3	4	5	6	7
16. Eu desejo que meu parceiro confie em mim.	1	2	3	4	5	6	7
17. Eu desejo estar ligado ao meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
18. Eu gostaria que meu parceiro se sentisse orgulhoso de suas conquistas.	1	2	3	4	5	6	7
19. Eu gostaria que meu parceiro me correspondesse.	1	2	3	4	5	6	7

Abaixo segue uma lista com diferentes desejos e necessidades que as pessoas frequentemente sentem ou percebem em relação a outras pessoas exercerem controle sobre o parceiro ou se você se sente submisso ou mantendo seu parceiro submisso a você. Queremos que você pontue o quanto isso é ou foi típico no relacionamento com seu parceiro amoroso QUANDO O RELACIONAMENTO ESTÁ/ESTAVA NO SEU PIOR MOMENTO. Use a escala a seguir (e, por favor, tente usar respostas variadas):

1	2	3	4	5	6	7
NUNCA	RARAMENTE	OCASIONALMENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE	MUITO FREQUENTEMENTE	SEMPRE

01. Eu domino meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
02. Eu controlo meu parceiro	1	2	3	4	5	6	7
03. Eu tenho poder sobre meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
04. Eu desejo ter poder sobre meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
05. Eu desejo controlar meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
06. Meu parceiro me domina.	1	2	3	4	5	6	7
07. Eu fico controlado por meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
08. Eu sou dominado.	1	2	3	4	5	6	7
09. Eu desejo dominar meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
10. Meu parceiro me controla.	1	2	3	4	5	6	7
11. Meu parceiro tem poder sobre mim.	1	2	3	4	5	6	7
12. Meu parceiro é submisso.	1	2	3	4	5	6	7
13. Eu desejo ser dominado.	1	2	3	4	5	6	7
14. Eu sou submisso	1	2	3	4	5	6	7
15. Eu desejo deixar meu parceiro tomar decisões por mim.	1	2	3	4	5	6	7

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos pode-se então, concluir que o Questionário de Relacionamento Central atende as expectativas demonstrando ser um instrumento preciso e válido como instrumento auxiliar na avaliação de conflitos no relacionamento amoroso. Foi possível compreender que a população brasileira, representada por amostra de estudantes universitários (n=509), responde de forma similar aos estudos estrangeiros quanto à importância do relacionamento interpessoal para suas vidas. Indicou ainda que é necessário uma adaptação em sua estrutura para se tornar mais eficaz quando pesquisa a população brasileira.

O CRQ em sua nova versão passa a ser um instrumento composto por Resposta do Eu (RE) com 20 itens, Desejo (D) com 19 itens e Controle no Relacionamento (CR) com 15 itens. Assim como o CRQ original (Barber & cols.1998) a versão atual manteve as seis primeiras questões (Relacionamento), elas são importantes pois além de servirem como uma espécie de aquecimento levando o respondente a refletir sobre seu relacionamento, atual ou ocorrido em um período de até 3 anos elas levam a identificar algumas características do relacionamento, tais como: grau de proximidade, intimidade, figura de autoridade, o grau de importância, quanto foi agradável nos melhores momentos e difícil nos piores momentos do relacionamento. Respondidas as seis questões o sujeito identificou (mentalmente) o seu parceiro amoroso, respondendo então os demais itens em função desse relacionamento.

Novas pesquisas deverão ser realizadas para o desenvolvimento de novos itens para o componente RO, além de se buscar novas evidências de validade.

Sugere-se ainda que se busque empregar amostras mais variadas, integradas por estudantes de outras regiões do país, além de pessoas de outros estratos da população, tais como casais atendidos em varas da família, que se encontram em situação de litígio e separação; pessoas portadoras de doenças físicas, cujos sintomas podem afetar ou comprometer o relacionamento amoroso; pessoas que buscam psicoterapias devido a problemas de relacionamento conjugal, entre outras. O acúmulo de evidências das propriedades psicométricas do CRQ deve portanto prosseguir, para que seus limites e aplicabilidade venham a ser melhor conhecidos.

Finalmente, cabe uma palavra sobre a forma de avaliação e interpretação desse instrumento. Nenhum estudo publicado, até o momento, informa sobre os procedimentos de avaliação do CRQ. Considerando que ele deriva do C-CRT, o autor entende que cada componente deva ser primeiramente avaliado de forma independente e, só então, deve-se buscar compreendê-lo em relação aos demais, numa tentativa de se traçar o padrão de relacionamento característico daquela pessoa. Além disso, é muito provável que em situações clínicas outras fontes de avaliação devam ser levadas em conta, para a definição mais precisa da natureza e da amplitude do conflito amoroso sobre o funcionamento geral do indivíduo.

REFERÊNCIAS

Albani, C., Blaser, G., Korner, A., König, S., Marschke, F., Geissler, I., Brenk, K., Geyer, M., & Strauss, B. (2002). Reformulation of the Modelo de Relacionamento Central Conflituoso (CCRT) system category: CCRT-LU category system. Psychoterapy Reserach, 12(3), 319-338.

Albani, C., Blaser, G., Korner, A., König, S., Marschke, F., Geissler, I., Brenk, K., Geyer, M., & Strauss, B. (2003). Reformulación de las categorías del tema central de relaciones conflictivas (CCRT): El sistema de categorías CCRT-Lu/ Reformulation of the Modelo de Relacionamento Central Conflituoso (CCRT) system category: CCRT-LU system category. Revista Argentina de Clinica Psicologica, 12(2), 119-144.

Barber, J.P.; Foltz, C., & Weinryb, R.M. (1998). The Central Relationship Questionnaire: Initial Report. Journal of Counseling Psychology 45 (2), 131-142.

Barber, J., Foltz, C., DeRubeis, R., J., & Landis, R., J. (2002). Consistências nos temas interpessoais nas narrativas sobre relacionamento. Psychoterapy Research, 12(2), 139-158.

Bariani, I.; C., D. & Pavani, R. (2008). Sala de Aula na Universidade: Espaço de relações interpessoais e participação acadêmica. Estudos de Psicologia, 25(1), 67-75.

Beretta, V., Despland, J., N., Drapeau, M., Michel, L., Kramer, U., Stigler, M. & de Roten, Y. (2007). Are relationship patterns with significant others reenacted with the therapist?: a study of early transference reactions. Journal of Nervous Mental Disorder, 195(5), 443-50.

Boothe, B. (1996). CCRT y relatos: Dos perspectivas relacionadas y no relacionadas/ CCRT and stories. Revista Argentina Clínica Psicológica, 5(3), 253-278.

Bottino, S., M., Junqueira, C., Bairrao, J., F., Hanns, L., A., Rosa, M., D. & Andrade, L., H. (2003). Binge eating disorders and psychotherapy: is it possible to

systematize a psychodynamic formulation case?. Revista Brasileira de Psiquiatria, 25(3), 166-70.

Bottino, S.M.B.(2000). Estudo da Sistematização do Diagnóstico em Psicoterapia Através do CCRT: Tema Central de Conflitos nos Relacionamentos. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Carvalho, L. de F. (2008). Construção e Validação de um Inventário para Avaliação dos Transtornos da Personalidade. Dissertação de Mestrado não publicada, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, USF, Itatiba.

Cierpka, M., Strack, M., Benninghoven, D., Staats, H., Dahlbender, R., Pokorny, D., Frevert, G., Blaser, G., Kachele, H., Geyer, M., Korner, A., & Albani, C. (1998). Stereotypical relationship patterns and psychopathology. Revista Argentina Clínica Psicológica, 7 (2), 131-145.

Cogan, R., Porcerelli, J., H., Sharp, D., Ballinger, B.,(2001). Core conflictual relationship themes of men and women who are violent toward their partners. Psychological Reports, 89(3), 672-4.

Crits-Christoph P., Luborsky L., Dahl L., Popp C., Mellon J., & Mark D. (1988). Clinicians can agree in assessing relationship patterns in psychotherapy. The Modelo de Relacionamento Central Conflituoso method. Archives of General Psychiatry, 45(11), 1001-1004.

Dahlbender R.,W., Torres L., Reichert S., Stubner S., Frevert G. & Kachele H. (1993). Application of the Relationship Episodes Interview. Zeitschrift für Psychosomatische Medizin und Psychoanalyse (1), 44(3-4). 51-62.

Dahlbender, R. W., Torres, L., Reichert, S., Stubner, S., Frevert, G., & Kachele, H. (1994). Aprendendo o CCRT, Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, 16(3), 189-95.

Diniz, A., M., & Almeida, I, S.(2005). Escala de Integração Social no Ensino Superior (EISES): Metodologia de Construção e Validação. Análise Psicológica (2005), 4 (XXIII), 461-476.

Drapeau, M. (2006). Repetition or reparation? An exploratory study of the relationship schemas of child molesters in treatment. Journal of Interpersonal Violence, 21(9), 1224-33.

Drapeau M. & Perry J. C. (2009). The Core Conflictual Relationship Themes (CCRT) in borderline personality disorder. Journal of Personality Disorder, 23(4), 425-31.

Drapeau M; Perry JC. (2004). Childhood trauma and adult interpersonal functioning: a study using the Modelo de Relacionamento Central Conflituoso Method (CCRT). Child Abuse and Neglect: The International Journal, 28(10), 1049-66.

Duarte, C., E., Cheniaux Jr., E., Almeida, Y., A., Almeida, C., P., Souza, F., Vieira, I., M., M., M., Arcoverde, M., A., Nunes, V., P., Zapata, M., R., & Zusman, S. (2001). A verificação de temas centrais de conflito de relacionamento interpessoal em pacientes com transtornos de ansiedade: resultados preliminares. Revista Brasileira de Psicoterapia, 3(2), 117-129.

Johnson, R. A. & Wichern, D. W. (1988), Applied Multivariate Statistical Analysis. New Jersey: Prentice-Hall Intern. Editions, 2nd ed.

Kachele H., Dengler D., Eckert R. & Schnekenburger S. (1990). Change in the central relationship conflict by short-term therapy, Psychotherapie Psychosomatik Medizinische Psychologie, 40(5), 178-85.

Lee C. Y., Liu S., N., Chang C., F., & Wen J., K. (2000). Change of Core Conflicts of Schizophrenic Patients who Received Brief Psychodynamic Psychotherapy: a Pilot Study in Taiwan. Chang Gung Medical Journal, 23(8), 458-66.

Liem, J., H & Pressler, E. J. (2005). Addressing Relationship Concerns in Individual Psychotherapy. Journal of Psychotherapy Integration. 2005, 15(2), 186-212.

Luborsky L & Crits-Christoph P (1988). Measures of Psychoanalytic Concepts--the last decade of research from 'the Penn studies'. The International Journal of Psychoanalysis, 69 (1), 75-86.

Luborsky, L.(1984). Principles of Psychoanalytic Psychotherapy. – USA: New York; Copyright by Basic Books, Inc.

Luborsky, L.(1994). Principles of Psychoanalytic Psychotherapy. A Manual for Supportive- Expressive Treatment. USA: New York.basic Books, Inc., Publishers.

Luborsky, L., Popp, C., Luborsky, E., & Mark, D.(1994) The Core Conflictual Relationship Theme, Psychotherapy Research, 4(34),172-183.

Luborsky, L., & Diguier, L.(1995). A Novel CCRT Reliability Study: Reply to Zander et all. Psychotherapy Research, 5(3), 237-241.

Luborsky, L., & Crits-Christoph, P. (2a.Ed). (1998) Understanding Transference: The Modelo de Relacionamento Central ConflituosoMethod. USA:Washington DC. American Psychological Association.

Luborsky, L. (2000). A Pattern-Setting Therapeutic Alliance Studies Revisited. Psychotherapy Research 10 (1),17-29.

Luborsky, L., Laval, L., D., Andrusyna, T., Friedman, S., Tarca, C., Popp, C.,A., Ermold, J., & Silberschatz, G. (2004). A Method Of Choosing CCRT Scorers. Psychotherapy Research, 14(1), 127-134.

Lhullier, A.,C. (organ.). (1998). Novos Modelos de Investigação em Psicoterapia. O Tema Central de Conflito de Relacionamento, (pp.55- 98). RS: Pelotas.Educart.

Massei, A. C. ; YOSHIDA, E. M. P. (2009). Avaliação das propriedades psicométricas do Questionário de Relacionamento Central 6.0 (CRQ 6.0) em portadores de HIV/Aids. Psicologia. Teoria e Prática, v. 11, 83-96.

McCarthy, K.S., Gibbons, M.B.C.P., & Barber, J.P.(2008). The Relation of Rigidity Across Relationships Wishes Symptoms and Functioning: An Investigation Wishes the Revised Central Relationship Questionnaire, Journal of Consulting and Clínica Psychology 55, 3, 346–358.

Miranda,A.,M.(2005). Vínculo Aluno-Professor na Atualidade: Um Estudo Psicológico com Universitários. Dissertação de Mestrado não publicada. São Paulo.Campinas. Pontifícia Universidade Católica de Campinas,

Moreno, C.,L., Schalayeff, C., Acosta, S.,R., Vernengo, P., Roussos, A.,S.J. & Lerner, B.D.(2005). Evaluation of psychic change through the application of empirical and clinical techniques. Psychotherapy Research, July 2005; 15(3), 199 /209.

Oliveira, R., A. & Ciampone, Maria, H., T.(2006). A universidade como espaço promotor de qualidade de vida: vivências e expressões dos alunos de enfermagem. Texto& Contexto – Enfermagem, 15 (2), 254-261.

Pasquali, L..(1999). Instrumentos Psicológicos: manual prático de elaboração. (org.) Brasília : Ed. LabPAM; IBAPP.

Pasquali, L.(2008). Princípios de Elaboração de Escalas Psicológicas. C. Gorenstein, L.,H., S., G., Andrade, & A.W. Zuardi, (Eds). Escalas de Avaliação Clínica em Psiquiatria Psicofarmacológica.(pp, 15-22).São Paulo. Editora Leitura Médica.

Popp C. & Taketomo Y. (1993). The application of the Modelo de Relacionamento Central Conflituosomethow to Japanese psychoanalytic psychotherapy The journal of the American Academy of Psychoanalysis and Dynamic Psychiatry21(2), 229-52.

Popp, C.,A., Diguer, L., Luborsky L., Faude J., Johnson S., Morris M., Schaffer N., Schaffler P., & Schmidt, K. (1996). Repetitive relationship themes in waking narratives and dreams.Journal of Consulting and Clínica Psychology 64 (5), 1073-1078.

Popp, C.,A., Luborsky, L., Andrusyna, T., P., Cotsonis, G. & Seligman, D. (2002). Relationships between God and People in the Bible: a Modelo de Relacionamento Central Conflituoso study of the Pentatéuch/Torah. Psychiatry, 65 (3), 179-96.

Risso, G. ; YOSHIDA, E. M. P. (2010). Validade e Precisão do Questionário de Relacionamento Central 6.0 (CRQ 6.0) para adultos com hepatite C crônica. Paidéia (USP. Ribeirão Preto. Impresso), 20, 219-227.

Rocha, G.,M.,A.(2004). O Método do Tema Central de relacionamento conflituoso – CCRT. Yoshida, E.,M., P.,& Enéas, M. L.E., (Eds). Psicoterapias Psicodinâmicas Breves- Propostas Atuais. (pp.69-93). São Paulo: Campinas. Editora Alinea. Campinas.

Rocha, G.,M., A. (2007). Tradução e Adaptação cultural do Central Relationship Questionnaire. Projeto de Pesquisa (manuscrito) com registro no SINEP Sob número 0015.0.272.000.07. São Paulo.

Rosbrow, T. (1995). *Review (Understanding Transference: The CCRT Method, by Lester Luborsky)* Psychoanalytic Psychology, 72(4), 607-610.

Santos, A. (2001). Estudos para a construção de uma escala de Avaliação do Clima Organizacional na Escola. Dissertação de Mestrado não publicada. São Paulo: Itatiba.Universidade São Francisco.

Silva, Fernanda Robert de Carvalho Santos .(2009). YOSHIDA, E. M. P. . Questionário de Relacionamento Central 6.0 CRQ 6.0: estudo exploratório de validade com mulheres vítimas de violência. Avaliação Psicológica, 8, 405-414.

Sisto, F. F.,Sbardelini,E.T.B. & Primi, R. (2001). Contextos e Questões da Avaliação Psicológica. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Sommerfeld, E.,Orbach, I., Zim, S.& Mikulincer, M. (2008) An in-session exploration of ruptures in working alliance and their associations Wishes clients' Core Conflictual Relationship Themes, alliance-related discourse, and clients' postsession evaluations. Psychotherapy Research, 18(4): 377 38.

Tishby, O, Raitchick, I. & Shefler, G.(2007). Changes in interpersonal conflicts among adolescents during psychodynamic therapy. Psychotherapy Research, 17, 297 - 304

Vanheule, S., Desmet, M., Rosseel, Y. & Meganck, R. (2007). Core transference themes in Depression. Zeitschrift für Psychosomatische Medizin und Psychotherapie, 52(2): 172-89

Weinryb, R M., Barber, J. P., Foltz, C.D., Göransson, S. G. M. & Gustavsson, J. P.D., (2000). The Central Relationship Questionnaire (CRQ): Psychometric Properties in a Swedish Sample and Cross-Cultural Studies. Journal of Psychotherapy Practice and Research 9: 201-212.

Wilczek, A., Robert, M., W., Jacques P. Barber, J., P., J. Petter Gustavsson, J., P., & Gustavson, M. (2000). O CCRT E Psicopatologia Em Pacientes Selecionados Pela Psicoterapia Psicodinâmica. Psychoterapy Research, 10 (1) 100-113.

Whyte. M., K. (2000). Marriage in America: a communitarin perspective. Ryan, K.D., Carrère Sybil & Gottman, Building a Sound Marital House J., (pp 65-90). USA. M. Rowman & Littlefield Publisher, Incorporation.

Zander, B., Strack, M., Cierpka, M., Reich, G. & Herrmann Staats, H.(1995). Different Reliabilities at the Episode Level and that of the Final CCRT the a Rejoinder to Luborsky and Diguier, Psychotherapy Research 5(3), 242-244.

ANEXO A

Grupo de Categorias Padrão do CCRT: Edição 3

COMPONENTES	CATÉGORIA PADRAO DO COMPONENTE
Desejo ASSEGURAR A SI PRÓPRIO E SER INDEPENDENTE OPOR-SE, MAGOAR E CONTROLAR OS OUTROS SER CONTROLADO, MAGOADO, E NÃO SER RESPONSABILIZADO ESTAR DISTANTE E EVITAR CONFLITOS ESTAR PERTO DOS OUTROS E SER ACEITO SER AMADO E COMPREENDIDO SENTIR-SE BEM E CONFORTÁVEL OBTER ALGO E AJUDAR OS OUTROS RESPOSTA DOS OUTROS SÃO FORTES SÃO CONTROLADORES FICAM ABORRECIDOS SÃO MAUS REJEITAM E OPÕEM SÃO PRESTATIVOS GOSTAM DE MIM	Ter auto- controle, ser eu mesmo, assegurar a si próprio, ser independente Opor-se aos outros, machucarem os outros, ter controle sobre os outros Ser magoado, controlado por outros, não ser responsabilizado ou obrigado, ser ajudado, ser como os outros Evitar conflitos, não ser magoado, estar distante dos outros Aceitar os outros, respeitar os outros, ser aberto, confiar nos outros, serem responsivo, estar perto dos outros Ser amado, respeitado, compreendido, aceito, querido Ter estabilidade sentir-se confortável, sentir-se confortável, sentir-se feliz, estar bem consigo mesmo São fortes, independentes, felizes São rigorosos, controladores Magoam, são dependentes, ficam ansiosos, com raiva, for a de controle Não são confortáveis, são maus Não confiam em mim, não me respeitam, não são compreensivos, rejeitam-me, não gostam de mim, são distantes, não são prestativos, fazem oposição, magoam-me São prestativos, cooperativos Amam-me, respeitam-me, gostam de mim, dão- me independência

Fonte: Bottino, 2000- *Estudo da Sistematização do diagnóstico em psicoterapia através do CCRT: Tema Central de Conflito nos Relacionamentos.*

Grupo de Categorias Padrão do CCRT: Edição 3continuação

SÃO COMPREENSIVOS	São abertos, compreensivos, são receptivos
RESPOSTA DO EU	CATEGORIA PADRÃO DO COMPONENTE
AJUDO AS PESSOAS	Sou aberto, compreensivo, sou prestativo
NÃO SOU ABERTO	Não compreendo, não estou aberto, não gosto dos outros
RESPEITO E ACEITO	Sinto-me confortável, feliz, amado, respeitado, aceito, gosto dos outros
OPONHO MACHUCO OS OUTROS	Oponho-me aos outros, machuco os outros
TENHO AUTOCONTROLE E AUTOCONFIANÇA	Autocontrole, independência, autoconfiança, sou controlador
SOU IMPOTENTE	Estou fora de controle, impotente, incerto, dependente
SINTO-ME DESPONTADO E DEPRIMIDO	Com raiva, desapontado, deprimido, não
SINTO-ME ANSIOSO E ENVERGONHADO	Me sinto amado, sinto inveja Ansioso, envergonhado, culpado

Fonte: Bottino, 2000- Estudo da Sistematização do diagnóstico em psicoterapia através do CCRT: Tema Central de Conflito nos Relacionamentos.

ANEXO B

Composição Inicial do Questionário de Relacionamento Central

DESEJO

SER SUPORTIVO

SER BOM PARA O OUTRO

SER INDEPENDENTE

ESTAR EM CONFLITO

SER RECONHECIDO

SER AMADO

SER HONESTO

SER SEXI

RESPOSTA DO OUTRO

FERIR-ME

AMAR-ME

SER INDEPENDENTE

CONTROLAR-ME

ESTAR FORA DE CONTROLE

SER SEXI

RESPOSTA DO EU

SENTIR-SE VALORIZADO

CUIDAR DO OUTRO

SENTIR-SE ANSIOSO

SENTIR-SE DESLIGADO

TER SUCESSO

EVITAR CONFLITOS

SER INDEPENDENTE

SER SEXI

Fonte: Barber e cols, 1998.

ANEXO C

CENTRAL RELATIONSHIP QUESTIONNAIRE – CRQ-6.0 COM 107 ITENS.

ID NUMBER _____

CENTRAL RELATIONSHIP QUESTIONNAIRE CRQ 6.0

romantic partner

Instructions:

This questionnaire is about your feelings about your ROMANTIC RELATIONSHIP. There are no rights or wrong answers. Some items may not apply to you at all, if so, please give them a 1 instead of omitting them. Please answer all of the questions, even though some may look similar. Please try to be as honest as possible and respond how you feel --not how you think you should feel or how others think you should feel.

All people have a pattern of needs and expectations in their relationships. You wish to describe your relationship with your romantic partner. Please think about your various interactions with your romantic partner and give us your view of several aspects of this relationship. A romantic partner is a person you have been romantically and sexually involved with for at least 3 months in the past three years and who is, or has been, important in your life. Refer to a previous partner if you do not currently have a partner.

We would like you to rate this person on the following six questions using this scale:

1	2	3	4	5	6	7
NOT AT ALL						EXTREMELY

- 1) How close is or was this person to you? _____
- 2) How intimate a relationship do you have, or did you have, with this person? _____
- 3) How much of an authority figure is or was this person for you? _____
- 4) How important is or was this person to you? _____
- 5) How enjoyable is or was the relationship at its best? _____
- 6) How difficult is or was the relationship at its worst? _____

13. I want my partner to be sexually excited by me. 1 2 3 4 5 6 7
14. I wish to defy my partner. 1 2 3 4 5 6 7
15. I Wish to connect Wishes my partner. 1 2 3 4 5 6 7
16. I Would like my partner to feel proud of her/his
Accomplishments. 1 2 3 4 5 6 7
17. I wish for my partner to recognize my opinion. 1 2 3 4 5 6 7
18. I wish to be trusted by my partner. 1 2 3 4 5 6 7
19. I wish for my partner to pay attention to me. 1 2 3 4 5 6 7
20. I wish to support my partner when she/he is in pain.1 2 3 4 5 6 7

1	2	3	4	5	6	7
NEVER TRUE	RARELY	OCCASIO- NALLY	SOME- TIMES	OFTEN	VERY OFTEN	AL- DAYS TRUE OF ME
OF ME						

IN MY RELATIONSHIP WISHES MY ROMANTIC PARTNER:

21. I wish to dominat  my partner. 1 2 3 4 5 6 7
22. I wish for my partner to be interested in me. 1 2 3 4 5 6 7
23. I would like my partner to feel at ease. 1 2 3 4 5 6 7
24. I wish not to open up. 1 2 3 4 5 6 7
25. I wish to avoid my partner. 1 2 3 4 5 6 7
26. I wish to be admired by my partner. 1 2 3 4 5 6 7
27. I wish for my partner not to abandon me. 1 2 3 4 5 6 7
28. I wish for my partner to find me attractive. 1 2 3 4 5 6 7
29. I wish to encourage my partner. 1 2 3 4 5 6 7
30. I wish to be loved. 1 2 3 4 5 6 7
31. I wish to do my own thing. 1 2 3 4 5 6 7
32. I want my partner to make me sexually excited. 1 2 3 4 5 6 7
33. I wish to make my partner mad. 1 2 3 4 5 6 7
34. I wish for my partner to feel I am faithful. 1 2 3 4 5 6 7

35. I wish to be dominated. 1 2 3 4 5 6 7
36. I wish to be independent. 1 2 3 4 5 6 7
37. I wish to be emotionally close to my partner. 1 2 3 4 5 6 7
38. I wish to let my partner make decisions for me. 1 2 3 4 5 6 7
39. I would like to help my partner. 1 2 3 4 5 6 7
40. I wish to have power over my partner. 1 2 3 4 5 6 7

10. My partner makes her/his own decisions. 1 2 3 4 5 6 7
11. My partner has power over me. 1 2 3 4 5 6 7
12. My partner hurts me. 1 2 3 4 5 6 7
13. My partner is compliant. 1 2 3 4 5 6 7
14. My partner is distant. 1 2 3 4 5 6 7
15. My partner feels I am a special person. 1 2 3 4 5 6 7
16. My partner controls me. 1 2 3 4 5 6 7
17. My partner acts irrationally. 1 2 3 4 5 6 7
18. My partner rejects me. 1 2 3 4 5 6 7
19. My partner is independent. 1 2 3 4 5 6 7
20. My partner treats me badly. 1 2 3 4 5 6 7
21. My partner does not open up. 1 2 3 4 5 6 7
22. My partner readily defers to me. 1 2 3 4 5 6 7
23. My partner is sexually attracted to me. 1 2 3 4 5 6 7

12. I feel disliked. 1 2 3 4 5 6 7
13. I am submissive. 1 2 3 4 5 6 7
14. I feel my partner is important to me. 1 2 3 4 5 6 7
15. I distance myself. 1 2 3 4 5 6 7
16. I am dominated. 1 2 3 4 5 6 7
17. I feel torn about my relationship
Wishes my partner. 1 2 3 4 5 6 7

1	2	3	4	5	6	7
NEVER TRUE OF ME	RARELY	OCCASIO- NALLY	SOME- TIMES	OFTEN	VERY OF- TEN	AL- DAYS TRUE OF ME

IN MY RELATIONSHIP WISHES MY ROMANTIC PARTNER:

18. I give to my partner. 1 2 3 4 5 6 7
19. I avoid getting into conflicts Wishes my partner. 1 2 3 4 5 6 7
20. I share my feelings. 1 2 3 4 5 6 7
21. I am confused by my relationship Wishes my partner. 1 2 3 4 5 6 7
22. I am my own person. 1 2 3 4 5 6 7
23. I feel mistreatéd. 1 2 3 4 5 6 7
24. I act maturely. 1 2 3 4 5 6 7
25. I feel competent. 1 2 3 4 5 6 7
26. I avoid problems Wishes my partner. 1 2 3 4 5 6 7
27. I feel held in high esteem by my partner. 1 2 3 4 5 6 7
28. I feel accepted by my partner. 1 2 3 4 5 6 7
29. I feel uncomfortable . 1 2 3 4 5 6 7
30. I control my partner. 1 2 3 4 5 6 7
31. I dominat my partner. 1 2 3 4 5 6 7

32. I am not emotionally close. 1 2 3 4 5 6 7
33. I connect with my partner. 1 2 3 4 5 6 7
34. I express my thoughts, feelings, and wishes. 1 2 3 4 5 6 7
35. I am self-sufficient. 1 2 3 4 5 6 7
36. I am controlled by my partner. 1 2 3 4 5 6 7
37. I am nervous. 1 2 3 4 5 6 7
38. I am sexually excited by my partner. 1 2 3 4 5 6 7

ANEXO D

Itens do componente Desejo com conotações positivas e negativas

Item	Conotação
1. Eu desejo que meu parceiro saiba que eu sou leal	+
2. Eu gostaria que meu parceiro se divertisse sozinho	-
3. Eu desejo ser eu mesmo	+
4. Eu desejo que meu parceiro não me abandone	+
5. Eu desejo confiar em meu parceiro	+
6. Eu gostaria de magoar meu parceiro	-
7. Eu desejo ser dependente de meu parceiro	-
8. Eu desejo ser distante	-
9. Eu desejo que meu parceiro não me deixe	+
10. Eu desejo controlar meu parceiro	-
11. Eu desejo ser uma pessoa especial para meu parceiro	+
12. Eu gostaria que meu parceiro me correspondesse	+
13. Eu quero que meu parceiro se sinta sexualmente excitado por mim	+
14. Eu desejo desobedecer meu parceiro	-
15. Eu desejo estar ligado ao meu parceiro	+
16. Eu gostaria que meu parceiro se sentisse orgulhoso de suas conquistas	+
17. Eu desejo que meu parceiro reconheça minha opinião	+
18. Eu desejo que meu parceiro confie em mim	+
19. Eu desejo que meu parceiro preste atenção em mim	+
20. Eu desejo apoiar meu parceiro quando ele estiver sofrendo	+
21. Eu desejo dominar meu parceiro	-
22. Eu desejo que meu parceiro se interesse por mim	+
23. Eu gostaria que meu parceiro se sentisse à vontade	+
24. Eu <u>não</u> desejo me abrir	-
25. Eu desejo evitar meu parceiro	-
26. Eu desejo ser admirado pelo meu parceiro	+
27. Eu desejo que meu parceiro não me abandone	+
28. Eu desejo que meu parceiro me ache atraente	+

Itens do Central Relationship Questionnaire versão 6.0 para Desejos, conotação identificada pelo autor deste projeto.

Itens do componente Desejo com conotações positivas e negativas.....continuação

29. Eu desejo encorajar meu parceiro	+
30. Eu desejo ser amado	+
31. Eu desejo fazer as coisas do meu jeito	-
32. Eu quero que meu parceiro me excite sexualmente	+
33. Eu desejo deixar meu parceiro furioso	-
34. Eu desejo que meu parceiro sinta que eu sou fiel	+
35. Eu desejo ser dominado	-
36. Eu desejo ser independente	+
37. Eu desejo estar emocionalmente próximo ao meu parceiro	+
38. Eu desejo deixar meu parceiro tomar decisões por mim	-
39. Eu gostaria de ajudar meu parceiro	+
40. Eu desejo ter poder sobre meu parceiro	-

Itens do Central Relationship Questionnaire versão 6.0 para Desejos, conotação identificada pelo autor deste projeto.

Itens do componente Resposta do Outro com conotações positivas e negativas

Itens	Conotações
1. Meu parceiro é uma pessoa verdadeira	+
2. Meu parceiro me deseja sexualmente	+
3. Meu parceiro é submisso	-
4. Meu parceiro se isola	-
5. Meu parceiro se importa comigo	+
6. Meu parceiro me domina	-
7. Meu parceiro se descontrola	-
8. Meu parceiro fica emocionalmente próximo de mim	+
9. Meu parceiro fica agitado	-
10. Meu parceiro toma suas próprias decisões	+
11. Meu parceiro tem poder sobre mim	-
12. Meu parceiro me magoa	-
13. Meu parceiro é compreensivo	+
14. Meu parceiro fica distante	-
15. Meu parceiro sente que sou uma pessoa especial	+
16. Meu parceiro me controla	-
17. Meu parceiro age sem pensar	-
18. Meu parceiro me rejeita	-
19. Meu parceiro é independente	+
20. Meu parceiro me trata mal	-
21. Meu parceiro não se abre	-
22. Meu parceiro prontamente aceita minha opinião	+
23. Meu parceiro se sente sexualmente excitado por mim	+

Itens do Central Relationship Questionnaire versão 6.0 para Resposta do Outro, conotação identificada pelo autor deste projeto

Itens do componente Resposta do Eu com conotações positivas e negativas

<i>Itens</i>	Conotações
1. Eu me sinto respeitado por meu parceiro	+
2. Eu encorajo meu parceiro	+
3. Eu sou bem sucedido no trabalho ou na escola	+
4. Eu me sinto inseguro sobre o relacionamento	-
5. Eu evito discussões com meu parceiro	-
6. Eu tenho poder sobre meu parceiro	-
7. Eu me sinto rejeitado	-
8. Eu sou independente	+
9. Eu alcanço minhas metas	+
10. Eu não me abro	-
11. Eu desejo meu parceiro sexualmente	+
12. Eu sinto que não gostam de mim	-
13. Eu sou submisso	-
14. Eu sinto que meu parceiro é importante para mim	+
15. Eu me distancio	-
16. Eu sou dominado	-
17. Eu me sinto arrasado sobre o relacionamento com meu parceiro	-
18. Eu me dedico ao meu parceiro	+
19. Eu <u>evito</u> entrar em conflitos com meu parceiro	-
20. Eu compartilho meus sentimentos	+
21. Eu me sinto confuso sobre meu relacionamento com meu parceiro	-
22. Eu sou verdadeiro	+
23. Eu me sinto mal-tratado	-
24. Eu ajo com maturidade	+
25. Eu me sinto competente	+
26. Eu <u>evito</u> problemas com meu parceiro	-
27. Eu me sinto seguro sobre mim mesmo com meu parceiro	+
28. Eu me sinto aceito pelo meu parceiro	+
29. Eu não me sinto à vontade	-

Itens do Central Relationship Questionnaire versão 6.0 para Resposta do Outro, conotação identificada pelo autor deste projeto

Itens do componente Resposta do Eu com conotações positivas e negativas...continuação

Itens	Conotações
30. Eu controlo meu parceiro	-
31. Eu domino meu parceiro	+
32. Eu não fico emocionalmente próximo	-
33. Eu fico ligado ao meu parceiro	-
34. Eu expresso meus pensamentos, sentimentos e desejos	+
35. Eu confio em mim mesmo	+
36. Eu fico controlado por meu parceiro	-
37. Eu fico nervoso	-
38. Eu fico sexualmente excitado por meu parceiro	+

Itens do Central Relationship Questionnaire versão 6.0 para Resposta do Eu, conotação identificada pelo autor deste projeto.

ANEXO E

NÚMERO DE IDENTIFICAÇÃO _____

QUESTIONÁRIO DE RELACIONAMENTO CENTRAL CRQ 6.0

parceiro/a amoroso/a

Instruções:

Esse questionário é sobre seus sentimentos em relação ao seu PARCEIRO/A AMOROSO/A. Não há respostas certas ou erradas. Alguns itens talvez não se apliquem a você de jeito nenhum. Quando não se aplicar à você, pontue 1. Por favor, responda a todas as questões, mesmo que algumas sejam parecidas. Por favor, tente ser o mais honesto/a possível e responda como VOCÊ SE SENTE.

Todo mundo tem um padrão de necessidades e expectativas em seus relacionamentos com outras pessoas. Nós queremos que você descreva seu relacionamento com seu parceiro/a amoroso/a. Por favor, pense em suas várias interações com seu parceiro/a e dê seu ponto de vista sobre vários aspectos desse relacionamento. Um parceiro amoroso é uma pessoa com a qual você esteja, ou esteve, romântica e sexualmente envolvido/a por pelo menos 3 meses nos últimos três anos e alguém que é ou foi importante na sua vida. Pense em um/a ex-parceiro/a, caso não tenha um relacionamento atualmente.

Queremos que você pontue essa pessoa nas seis questões seguintes usando a escala a seguir:

1	2	3	4	5	6	7
DE MODO NENHUM						EXTREMAMENTE

- 1) O quanto essa pessoa é ou foi próxima de você? _____
- 2) O quanto é ou foi íntimo seu relacionamento com essa pessoa? _____
- 3) Quanto essa pessoa representa ou representava uma figura de autoridade para você? _____
- 4) Quanto essa pessoa é ou foi importante para você? _____
- 5) Quanto esse relacionamento é ou foi agradável nos melhores momentos? _____
- 6) Quanto esse relacionamento é ou foi difícil nos piores momentos? _____

Dr.

Jacques

Barber

1997

Abaixo segue uma lista com diferentes desejos e necessidades que as pessoas freqüentemente têm em relação a outras pessoas. Queremos que você pontue o quanto esses desejos são ou foram típicos no relacionamento com seu parceiro amoroso QUANDO O RELACIONAMENTO ESTÁ/ESTAVA NO SEU PIOR MOMENTO. Use a escala a seguir (e, por favor, tente usar respostas variadas):

1 NUNCA	2 RARAMENTE	3 OCASIONALMENTE	4 ÀS VEZES	5 FREQUEN- TEMENTE	6 MUITO FREQUENTE- MENTE	7 SEMPRE
------------	----------------	---------------------	---------------	--------------------------	-----------------------------------	-------------

NO PIOR MOMENTO DO MEU RELACIONAMENTO COM MEU PARCEIRO AMOROSO:

- | | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|---|
| 1. Eu desejo que meu parceiro saiba que eu sou leal | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 2. Eu gostaria que meu parceiro se divertisse sozinho. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 3. Eu desejo ser eu mesmo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 4. Eu desejo que meu parceiro não me abandone. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 5. Eu desejo confiar em meu parceiro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 6. Eu gostaria de magoar meu parceiro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 7. Eu desejo ser dependente de meu parceiro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 8. Eu desejo ser distante. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 9. Eu desejo que meu parceiro não me deixe. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 10. Eu desejo controlar meu parceiro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 11. Eu desejo ser uma pessoa especial para meu parceiro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 12. Eu gostaria que meu parceiro me correspondesse. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |

- | | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|---|
| 13. Eu quero que meu parceiro se sinta sexualmente excitado por mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 14. Eu desejo desobedecer meu parceiro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 15. Eu desejo estar ligado ao meu parceiro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 16. Eu gostaria que meu parceiro se sentisse orgulhoso de suas conquistas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 17. Eu desejo que meu parceiro reconheça minha opinião | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 18. Eu desejo que meu parceiro confie em mim . | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 19. Eu desejo que meu parceiro preste atenção em mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 20. Eu desejo apoiar meu parceiro quando ele estiver sofrendo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |

1	2	3	4	5	6	7
NUNCA	RARAMEN- TE	OCACIO- NAL- MENTE	ÀS ZES	VE- FREQUEN- TE-MENTE	MUITO FREQUEN- TE-MENTE	SEMPRE

NO PIOR MOMENTO DO MEU RELACIONAMENTO COM MEU/MINHA PARCEIRO/A AMOROSO/A:

- | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 21. Eu desejo dominar meu parceiro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 22. Eu desejo que meu parceiro se interesse por mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 23. Eu gostaria que meu parceiro se sentisse à vontade. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 24. Eu <u>não</u> desejo me abrir. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 25. Eu desejo evitar meu parceiro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 26. Eu desejo ser admirado pelo meu parceiro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 27. Eu desejo que meu parceiro não me abandone. . | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 28. Eu desejo que meu parceiro me ache atraente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 29. Eu desejo encorajar meu parceiro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 30. Eu desejo ser amado. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 31. Eu desejo fazer as coisas do meu jeito. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 32. Eu quero que meu parceiro me excite sexualmente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 33. Eu desejo deixar meu parceiro furioso. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 34. Eu desejo que meu parceiro sinta que eu sou fiel. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 35. Eu desejo ser dominado. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 36. Eu desejo ser independente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 37. Eu desejo estar emocionalmente próximo ao meu parceiro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 38. Eu desejo deixar meu parceiro tomar decisões por mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 39. Eu gostaria de ajudar meu parceiro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 40. Eu desejo ter poder sobre meu parceiro . | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |

Agora queremos que pense, como você sente que SEU/SUA PARCEIRO/A AMOROSO/A RESPONDE A VOCÊ em seu relacionamento. Muitas vezes achamos que as respostas das pessoas nos impedem de conseguir o que que-

remos ou nos ajudam a conseguir o que queremos. Abaixo, segue uma lista de modos possíveis que um/a parceiro/a amoroso/a responde a você. Queremos que você pontue o quanto essas respostas se aplicam a esse relacionamento, ou seja, o quanto essas respostas são ou foram típicas de seu/sua parceiro/a QUANDO O RELACIONAMENTO ESTÁ/ESTAVA NO SEU PIOR MOMENTO. Use a escala a seguir (e, por favor, tente usar uma respostas variadas):

1 NUNCA	2 RARAMENTE	3 OCASIONAL- MENTE	4 ÀS VEZES	5 FREQUENTE- MENTE	6 MUITO FRE- QUENTE- MENTE	7 SEMPRE
------------	----------------	--------------------------	---------------	--------------------------	-------------------------------------	-------------

NO PIOR MOMENTO DO MEU RELACIONAMNETO EM MINHAS INTERAÇÕES COM MEU/MINHA PARCEIRO/A AMOROSO/A:

- | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1. Meu parceiro é uma pessoa verdadeira. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 2. Meu parceiro me deseja sexualmente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 3. Meu parceiro é submisso. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 4. Meu parceiro se isola. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 5. Meu parceiro se importa comigo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 6. Meu parceiro me domina. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 7. Meu parceiro se descontrola. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 8. Meu parceiro fica emocionalmente próximo de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 9. Meu parceiro fica agitado. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 10. Meu parceiro toma suas próprias decisões. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 11. Meu parceiro tem poder sobre mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 12. Meu parceiro me magoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 13. Meu parceiro é compreensivo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |

- | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 14. Meu parceiro fica distante. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 15. Meu parceiro sente que sou uma pessoa especial. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 16. Meu parceiro me controla. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 17. Meu parceiro age sem pensar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 18. Meu parceiro me rejeita. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 19. Meu parceiro é independente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 20. Meu parceiro me trata mal. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 21. Meu parceiro não se abre. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 22. Meu parceiro prontamente aceita minha opinião. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 23. Meu parceiro se sente sexualmente excitado por mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |

Agora queremos que você pense nas SUAS RESPOSTA A SEU/SUA PARCEIRO/A AMOROSO/A. Nas respostas dadas a você uma outra pessoa pode negar o que você deseja ou responder a você de acordo com o seu desejo. Abaixo, segue uma lista de diferentes maneiras, através das quais, você pode reagir quando seu/sua parceiro/a amoroso/a nega ou age contra aos seus desejos. Queremos que você pontue o quanto essas reações são ou foram típicas para você nesse relacionamento QUANDO ESTÁ/ESTAVA EM SEU PIOR MOMENTO. Use a escala a seguir (e, por favor, tente usar uma respostas variadas):

1 NUNCA	2 RARAMEN- TE	3 OCASIO- NAL- MENTE	4 ÀS VE- ZES	5 FRE- QUENTE- MENTE	6 MUITO FREQUEN- TE-MENTE	7 SEMPRE
------------	---------------------	-------------------------------	--------------------	-------------------------------	------------------------------------	-------------

NO PIOR MOMENTO DO MEU RELACIONAMENTO COM MEU/MINHA PARCEIRO/A AMOROSO/A:

- | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1. Eu me sinto respeitado por meu parceiro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 2. Eu encorajo meu parceiro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 3. Eu sou bem sucedido no trabalho ou na escola | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 4. Eu me sinto inseguro sobre o relacionamento. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 5. Eu evito discussões com meu parceiro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 6. Eu tenho poder sobre meu parceiro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 7. Eu me sinto rejeitado. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 8. Eu sou independente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 9. Eu alcanço minhas metas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 10. Eu não me abro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 11. Eu desejo meu parceiro sexualmente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 12. Eu sinto que não gostam de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 13. Eu sou submisso. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |

14. Eu sinto que meu parceiro é importante para mim. 1 2 3 4 5 6 7
15. Eu me distancio. 1 2 3 4 5 6 7
16. Eu sou dominado. 1 2 3 4 5 6 7
17. Eu me sinto arrasado sobre o relacionamento com meu parceiro. 1 2 3 4 5 6 7

NO PIOR MOMENTO DO MEU RELACIONAMENTO COM MEU/MINHA PARCEIRO/A AMOROSO/A:

18. Eu me dedico ao meu parceiro. 1 2 3 4 5 6 7
19. Eu evito entrar em conflitos com meu parceiro. 1 2 3 4 5 6 7
20. Eu compartilho meus sentimentos. 1 2 3 4 5 6 7
21. Eu me sinto confuso sobre meu relacionamento com meu parceiro. 1 2 3 4 5 6 7
22. Eu sou verdadeiro. 1 2 3 4 5 6 7
23. Eu me sinto mal-tratado. 1 2 3 4 5 6 7
24. Eu ajo com maturidade. 1 2 3 4 5 6 7
25. Eu me sinto competente. 1 2 3 4 5 6 7
26. Eu evito problemas com meu parceiro. 1 2 3 4 5 6 7
27. Eu me sinto seguro sobre mim mesmo com meu parceiro. 1 2 3 4 5 6 7
28. Eu me sinto aceito pelo meu parceiro. 1 2 3 4 5 6 7
29. Eu não me sinto à vontade. 1 2 3 4 5 6 7
30. Eu controlo meu parceiro. 1 2 3 4 5 6 7
31. Eu domino meu parceiro. 1 2 3 4 5 6 7
32. Eu não fico emocionalmente próximo. 1 2 3 4 5 6 7

- | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 33. Eu fico ligado ao meu parceiro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 34. Eu expesso meus pensamentos, sentimentos e desejos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 35. Eu confio em mim mesmo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 36. Eu fico controlado por meu parceiro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 37. Eu fico nervoso. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 38. Eu fico sexualmente excitado por meu parceiro | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |

ANEXO F

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1 – Identificação do Responsável pela Execução da Pesquisa:

Ademir dos Santos

Doutorando, Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Psicologia do Centro de Ciências da Vida- PUC- Campinas.

Título: Evidências de Validade do Questionário Central de Relacionamento – (CRQ 6.0) com Universitários.

Coordenador do Projeto:

Ademir dos Santos

Telefones de contato do Coordenador:

11-4033 4327 – 11- 99064327

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa:

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Av. John Boyd Dunlop SN- Cep-13060-904 Jd. Ipaussurama- Campinas –SP

2 – Informações ao Participante ou Responsável:

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem como objetivo a avaliação da validade de um instrumento de medida sobre a qualidade das relações entre pessoas, o Questionário Central de Relacionamento (CRQ 6.0). Antes de aceitar participar da pesquisa, leia atentamente as explicações abaixo que informam sobre o procedimento.

Sua participação consiste em responder a 101 frases dispostas em um questionário (CRQ 6.0). O tempo de aplicação e resposta poderá variar entre 45 a 65 minutos.

Para atender os objetivos desta pesquisa, você deverá responder também o Inventário Dimensional de Transtornos da Personalidade (IDTP). Neste caso você responderá a 83 itens gastando em torno de 30 minutos. Suas respostas são indispensáveis e complementarão as informações necessárias para consecução da pesquisa.

Você poderá se recusar a participar da pesquisa e poderá abandonar o procedimento em qualquer momento, sem nenhuma penalização ou prejuízo. A sua participação é voluntária, você não auferirá nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza e não se prevê risco a sua saúde física ou psicológica pela sua participação nessa pesquisa.

Serão garantidos o sigilo e privacidade, sendo reservado ao participante o direito de omissão de sua identificação ou de dados que possam comprometê-lo. Na apresentação dos resultados não serão citados os nomes dos participantes nem suas iniciais, cada protocolo será identificado por um número.

Confirmando ter conhecimento do conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar desta pesquisa e por isso dou meu consentimento.

_____, _____ de _____ de 20__.

Assinatura do Participante

ANEXO G

CARTA DE SOLICITAÇÃO

Campinas, de janeiro de 2009

Nome da Universidade

Professor (a).

Nome e título de quem receberá a correspondência.

Prezado senhor(a),

Sou Doutorando do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, e estou realizando uma pesquisa intitulada, “Evidências de validade do Questionário de Relacionamento Central (CRQ 6.0) com universitários”. O CRQ – 6.0 é um instrumento desenvolvido para avaliar o conflito no relacionamento amoroso e o objetivo da pesquisa é o de contribuir para o desenvolvimento de uma versão em português do Brasil. A pesquisa será apresentada como tese de doutorado e está sendo orientada pela Doutora Elisa Medici Pizão Yoshida.

Considerando que a amostra será composta por estudantes universitários, venho solicitar autorização para aplicar os questionários em alunos do curso dirigido por Vossa Senhoria. A coleta de dados deverá ser realizada em salas de aula, de forma coletiva, e conforme horário previamente combinado com um dos professores responsáveis pela turma. O detalhamento do procedimento encontra-se no resumo da pesquisa, em anexo.

Esclareço, outrossim, que para submeter o projeto ao Comitê de Ética para Pesquisas com Seres Humanos da PUC-Campinas, com vistas à sua aprovação final, preciso apresentar a comprovação de aceite dos diretores das Instituições de Ensino Superior, nas quais será realizada a coleta de dados. Neste sentido, se Vossa Senhoria estiver de acordo, peço preencher o “Formulário de Autorização para Coleta de Dados” que também segue anexo.

Agradeço desde já a atenção que certamente será conferida a este pedido e coloco-me à inteira disposição de Vossa Senhoria para quaisquer outras informações que se façam necessárias.

Atenciosamente,

Ademir dos Santos
Tel/fax (11) 4033-4337
email – amscon@vivax.com.

Ciente.

Elisa M. P. Yoshida
Orientadora
e.mail- eyoshida.tln@terra.com.br

ANEXO H

Formulário de Autorização para Coleta de Dados

NOME DA INSTITUIÇÃO :		
ENDEREÇO :		
CIDADE :	ESTADO :	CEP :
FONE :	FAX :	E-MAIL :
FACULDADE /INSTITUTO :		
DIRETOR :	FONE :	E-MAIL
COORDENADOR :	FONE :	E-MAIL

AUTORIZAÇÃO

Declaro estar ciente do projeto de pesquisa : *Evidências de validade do Questionário de Relacionamento Central (CRQ-6.0) em universitários*, e que para sua consecução será necessária a coleta de dados conforme especificado no projeto anexo. Declaro ainda que estou de acordo que os instrumentos de coleta sejam aplicados em nossos alunos, desde que, os mesmos sejam devidamente informados sobre seu objetivo, que se preserve a liberdade de opção dos mesmos e se garanta a confidencialidade dos dados os quais serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa.

DATA : _____ / ____ / _____

Assinatura autorizando.

ANEXO I

PESQUISA SÓCIO DEMOGRÁFICA

DADOS DO RESPONDENTE	
Sexo: <input type="checkbox"/> M <input type="checkbox"/> F	IDADE: _____, ANOS
Tipo de Relacionamento:	
<input type="checkbox"/> Esposa <input type="checkbox"/> Marido	Companheiro sexo: M } <input type="checkbox"/>
	F } <input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Namorado <input type="checkbox"/> Namorada	
<input type="checkbox"/> Noivo <input type="checkbox"/> Noiva	
Curso: _____	
Série: _____	
Tipo de Universidade:	
<input type="checkbox"/> Pública	<input type="checkbox"/> Privada

ANEXO J



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Campinas, 23 de junho de 2009

Protocolo 407/09

Prezado Senhor Ademir dos Santos,

C/C: Coordenação da Pós-Graduação em Psicologia

Parecer Projeto: PROJETO APROVADO

I – Identificação:

Título do Projeto: Evidências de Validade do Questionário de Relacionamento Central (CRQ 6.0) em Universitário.

Pesquisador responsável: Ademir dos Santos

Orientadora: Elisa Médici Pizão Yoshida

Instituição onde se realizará: Universidade de São Francisco – USF, Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR e Faculdade de Tecnologia Fundetec – Fatef

Data de apresentação ao CEP: 26.05.2009

II – Objetivo:

Obter evidências de validade do Questionário de Relacionamento Central (CRQ 6.0 – 6.0) em Universidades.

III – Sumário:

O estudo se propõem a estudar as evidências de validade do CRQ 6.0, para isso serão estudados 505 universitários, com idade igual ou superior a 18 anos.

IV – Parecer do CEP:

Dessa forma, e considerando a Resolução no. 196/96 item VII.13.b, que **define as atribuições dos CEPs e classifica os pareceres emitidos aos projetos de pesquisa envolvendo seres humanos**, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: Aprovado.

Conforme a Resolução 196/96, é atribuição do CEP “acompanhar o desenvolvimento dos projetos através de relatórios anuais dos pesquisadores” (VII.13.d). Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP-PUC-Campinas o relatório final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

V - Data da Aprovação: 23/06/09

Sendo só o que nos cumpre informar, aproveitamos da oportunidade para renovar votos de estima e consideração.

Atenciosamente.


Prof. Dr. Carlos Alberto Zanotti
Segundo Vice-Presidente do C.E.P.S.H.P
PUC-Campinas

ANEXO K

Distribuição das frequências relativa e absoluta para as questões de relacionamento

REL1	Frequency	Percent	REL5	Frequency	Percent	CURSO	Frequency	Percent
R1-	23	4.52	R5-	15	2.95	ADM	160	31.50
R1o	40	7.86	R5o	13	2.56	DIR	22	4.33
R1+	446	87.62	R5+	480	94.49	LETRAS	30	5.91
			Frequency Missing = 1			MK	21	4.13
REL2	Frequency	Percent	REL6	Frequency	Percent	PEDAG	223	43.90
R2-	33	6.48	R6-	189	37.20	PROGER	13	2.56
R2o	20	3.93	R6o	72	14.17	PSIC	21	4.13
R2+	456	89.59	R6+	247	48.62	TI	18	3.54
			Frequency Missing = 1			Frequency Missing = 1		
REL3	Frequency	Percent	SEXORS	Frequency	Percent	ESTADO	Frequency	Percent
R3-	238	46.76	F	373	73.28	PR	270	53.05
R3o	85	16.70	M	136	26.72	SC	22	4.32
R3+	186	36.54				SPAULO	217	42.63
REL4	Frequency	Percent	UNIV	Frequency	Percent			
R4-	19	3.74	PR	240	47.15			
R4o	22	4.33	PU	269	52.85			
R4+	467	91.93						
Frequency Missing = 1								